

2.º Ciclo de Estudos em Ensino de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

***Lembrar Guimarães***

**A História Local e o seu Património Imaterial no Ensino  
da História**

Juliana Marlene Nogueira Freitas

**M**

**2018**



**Juliana Marlene Nogueira Freitas**

*Lembrar Guimarães*

A História Local e o seu Património Imaterial no Ensino da História

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de  
História do 3.º Ciclo no Ensino Básico e no Ensino Secundário

Orientado pelo Professor Doutor Luís Marques Alves

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2018

*Lembrar Guimarães*

A História Local e o seu Património Imaterial no Ensino da História

Juliana Marlene Nogueira Freitas

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de  
História do 3.º Ciclo no Ensino Básico e no Ensino Secundário

Orientado pelo Professor Doutor Luís Marques Alves

Supervisor de Estágio Professor Doutor Luís Marques Alves

Membros do júri

Professor Doutora Cláudia Pinto Ribeiro

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutora Maria Helena Mendes Nabais Faria Pinto

(Especialista) – Investigadora do CITCEM

Classificação obtida: 16valores

*Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida.  
Que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.*

António Gedeão, 1956

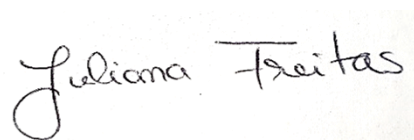
## ÍNDICE

Declaração de Honra .....	6
Agradecimentos .....	7
Resumo .....	9
Abstract.....	10
Introdução .....	11
Capítulo I – Enquadramento teórico.....	16
1.1. História Local e Educação Histórica .....	16
1.1. A História Local no currículo escolar de História do Ensino Básico e Ensino Secundário .....	20
1.2. Património e Educação Patrimonial.....	23
1.2.1. Património Cultural Imaterial .....	28
1.2.2. O Património Cultural no currículo escolar de História do Ensino Básico e Ensino Secundário .....	31
1.3. Tradição, Identidade e Memória .....	34
1.4. A visita de estudo como recurso .....	38
Capítulo II – Contexto de intervenção e de Investigação .....	42
2.1. Guimarães .....	42
2.2. A Escola Santos Simões e o seu meio envolvente.....	56
2.3. O público-alvo: caracterização das turmas .....	57
Capítulo III – Metodologia de trabalho, instrumentos da recolha de dados e apresentação e análise dos dados de investigação .....	60
3.1. Metodologia de trabalho e instrumentos de recolha de dados .....	60
3.2. Apresentação e análise dos dados de investigação .....	68
3.2.1. 1.º Questionário (Aplicado aos alunos do 11.º ano de Artes Visuais).....	68
3.2.2. Trabalho dos alunos do 11.º ano de Artes Visuais sobre as “Nicolinas” .....	72
3.2.3. Penha Património Natural e Histórico, Atividade realizada pelos alunos do 9.º 1.....	76
3.2.4. Trabalhos dos alunos do 9.º ano sobre Tradições vimaranenses. ....	80
3.2.5. Questionário aplicado aos alunos do 9.º ano .....	84
Considerações Finais .....	93
Bibliografia.....	96
Webgrafia .....	100
ANEXOS .....	102

## **Declaração de Honra**

Declaro que o presente relatório, “Lembrar Guimarães, A História Local e o seu Património Imaterial no Ensino da História”, é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 28 de setembro de 2018

A handwritten signature in black ink, reading "Juliana Freitas". The signature is written in a cursive, flowing style. The first name "Juliana" is written in a larger, more prominent script, and "Freitas" is written in a slightly smaller, more compact script to its right. The ink is dark and the background is a light, textured surface.

## **Agradecimentos**

*A realização do presente relatório contou com importantes apoios e incentivos, aos quais estarei eternamente grata.*

*Aos meus pais, um agradecimento muito especial, por serem modelos de coragem, por todo o amor incondicional, todo o apoio e confiança que depositaram, e depositam, em mim em todos os momentos, e por tornarem possível todo o meu percurso académico. A eles dedico este trabalho!*

*Aos meus avós por todo o carinho, amor e por todo o orgulho que sentem pela neta.*

*Ao meu namorado pela sua presença em todos os momentos deste ciclo da minha vida, pela sua força e carinho que me transmitiu sempre.*

*Ao Professor Luís Alberto pela sua orientação, total apoio, disponibilidade, pelo saber que me transmitiu sempre, pelas suas opiniões e críticas e pela confiança depositada em mim e neste tema.*

*À Professora Carla Sanfins pelo acompanhamento, por todas as suas opiniões que me ajudaram a crescer e pelo seu gosto no ensino da História, principalmente na sua relação excelente com os alunos.*

*À Professora Cláudia Ribeiro pelas suas palavras sempre doces e afetuosas ao longo de todo o Mestrado.*

*À Direção da Escola Santos Simões por ter aceite o Núcleo de Estágio, tornando possível todo o percurso de estágio.*

*A todos os funcionários da Escola E, B 2, 3 Santos Simões por toda a amabilidade e simpatia com que sempre me trataram.*

*À Irmandade da Nossa Senhora do Carmo da Penha pelo auxílio prestado para a visita de estudo, permitindo que a mesma fosse possível.*

*Merecem também um enorme agradecimento e destaque todos os alunos com que trabalhei, seres humanos incríveis, que me ensinaram muito e ajudaram-me a crescer enquanto profissional.*

*Não poderia esquecer, os meus colegas e amigos do Mestrado por toda a força, e incentivo, e por todas as palavras ao longo deste ciclo, principalmente nas nossas saudosas horas de almoço na faculdade.*

A todos o meu sincero e profundo muito obrigado!



## Resumo

O presente relatório visa descrever o estudo realizado no contexto do estágio pedagógico supervisionado no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da disciplina de História, que incidiu sobre dois níveis diferentes de ensino (quatro turmas do 9.º ano e uma turma do 11.º ano de Artes Visuais), tendo como principal objetivo relacionar a História Local, através do Património Imaterial, com a disciplina de História.

Este relatório encontra-se estruturado em três partes: a primeira respeita o enquadramento teórico do tema, abordando-se conceitos como “História Local e a Educação Histórica”, “O Património Cultural e a Educação Patrimonial”, “Tradição, Memória e Identidade”, e a importância da visita de estudo como recurso. Na segunda parte explica-se o contexto de intervenção e de investigação, no caso Guimarães e a sua Cultura Material e Imaterial, ou seja, a História Local que foi o objeto de estudo. Ainda na referida segunda parte caracteriza-se a Escola e o seu meio envolvente bem como o público-alvo, as turmas.

Na terceira parte, identifica-se a metodologia do trabalho, os instrumentos de recolha de dados e procede-se à apresentação e análise dos dados de investigação. Por fim, expõem-se algumas considerações finais que intentam espelhar o percurso profissional e pessoal realizado no decurso deste período de formação, referindo os aspetos positivos e negativos do estudo apresentado, sendo que as mesmas pretendem também perspetivar futuros e diferentes trabalhos de investigação no contexto do Ensino da História Local.

O relatório foi sustentado em diversas metodologias e instrumentos a fim de se obter as apreciações dos alunos sobre o trabalho desenvolvido. Para tal, como estratégias pedagógicas apresentamos os exercícios livres e de carácter reflexivo, as visitas de estudo e o trabalho de pesquisa.

Na análise dos dados foi-nos permitido constatar as considerações dos alunos sobre a “História Local” e o “Património Imaterial”, e concluir que os mesmos ficaram com novos conhecimentos sobre os referidos conceitos e, através da aplicação do nosso estudo, conseguiram aproximar-se da disciplina de História através da sua motivação para trabalharem algo respeitante à sua Localidade.

**Palavras-chave:** *História Local; Educação Histórica; Educação Patrimonial; Património Imaterial; Visita de estudo; Guimarães*

## Abstract

This report aims to describe the study carried out in the supervised pedagogical training in the context of the teaching History in the 3rd cycle of Basic Education and in Secondary Education, which focused on two different levels of education (four classes of the 9th grade and one class of the 11th grade of History of Culture and Arts), with the main objective of relating Local History, through Intangible Heritage, to the History discipline.

This report is structured in three parts: the first one respects the subject theoretical framework, addressing concepts such as "Local History and Historical Education", "Cultural Heritage and Patrimonial Education", "Tradition, Memory and Identity", and the field trips importance as a resource. The second part explains the intervention and research context in the Guimarães and its material and immaterial culture, that is, the Local History that was the object of this case study. Also in the second part, the School and its surroundings are characterized as well as the target audience, the classes.

In the third part, the work methodology, the data collection and the presentation and analysis of the research data are identified. Finally, we present some final considerations that attempt to reflect the professional and personal path taken during this training period, referring to the positive and negative aspects of the presented study, which also intend to prospect future and different research in the context of Local History Teaching.

The report was based on several methodologies and instruments in order to obtain students' comment about the work developed. For this, as pedagogical strategies we present the free and reflexive exercises, the field trips and the research work.

In the analysis of the data we were allowed to verify the students' thought about the "Local History" and the "Intangible Heritage

**Keywords:** *Local History; Historical Education; Heritage Education; Intangible Heritage; Field trip; Guimarães*

## Introdução

A disciplina de História ocupa um lugar de enorme importância social na formação do aluno. Neste sentido, o ensino de História necessita de uma perspectiva pedagógica capaz de facultar ao aluno competências para refletir sobre os seus valores e sobre as suas práticas quotidianas, relacionando-as com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio, à sua Localidade, à sua região e à sociedade.

Ao longo da sua formação curricular, os estudantes têm contacto com a História logo no 1.º ciclo do Ensino Básico com a disciplina de *Estudo do Meio* (contactando no 3.º e 4.º anos com o passado Histórico Local e Nacional), no 2.º ciclo do Ensino Básico este contacto surge com a disciplina de *História e Geografia de Portugal* e no 3.º ciclo com a disciplina de *História*, onde a mesma surge como uma das aprendizagens estruturantes e obrigatórias. Todavia, no Ensino Secundário, nos cursos científico-humanísticos, a História apenas surge no currículo como *História A* de formação específica obrigatória trienal, no curso de *Línguas e Humanidades*; como *História da Cultura e das Artes* de formação específica opcional do curso de *Artes Visuais*; como *História B* de formação específica opcional do curso de *Ciências Socioeconómicas*; e em alguns cursos de cariz profissionalizante, podendo também surgir no programa curricular de outros cursos dependendo do projeto educativo da escola. A História surge também nos projetos curriculares estipulados pela Direção-Geral da Educação, bem como o Património Cultural, com o “Protocolo de Colaboração entre a Direção-Geral da Educação e a Direção-Geral do Património Cultural” que configura o “estabelecimento de uma parceria (...) com vista ao desenvolvimento de projetos conjuntos no domínio da educação para o património cultural, bem como ao conhecimento, promoção e valorização do património cultural nacional por parte das comunidades educativas.” (Património Cultural, em Direção Geral de Educação, 2013)

Assim sendo, justifica-se o valor da disciplina de História no currículo escolar com a supra referida perspectiva pedagógica dada ao aluno para este se tornar capaz de desenvolver a sua própria perceção e responsabilidade cívica. Para Noémia Félix (1998) a História deve:

*“Servir claramente para levar as novas gerações a apreciar e a desfrutar de todos os vestígios do passado e não apenas as obras e monumentos mais famosos. Para isso é preciso que os alunos aprendam*

*a olhar à sua volta com “olhos históricos”, valorizando as heranças desse passado, muitas vezes considerado pouco valioso, mas que deve ser visto como objetos diretamente ligados aos nossos antepassados, às condições da sua vida quotidiana, aos seus anseios e frustrações, às suas lutas e diversões.” (Félix, 1998, p.79)*

Deste modo, compete ao professor de História transmitir aos alunos os conhecimentos científicos, não só os que compõem o programa e metas curriculares da disciplina, como conhecimentos inerentes à História enquanto ciência, e no caso do nosso estudo, transmitir os conhecimentos do Património Cultural Imaterial da “sua” História Local.

As sociedades contemporâneas estão marcadas pelo estigma da globalização e cabe às instituições culturais, e muito em específico às instituições escolares, um papel muito importante na transmissão cultural que permita implantar um ensino onde as questões da Identidade Local se relacionem com a Educação cosmopolita, isto é, a necessidade de aprender a viver em conjunto, adotando um conceito de nós próprios como cidadãos do mundo, e simultaneamente conservar a nossa Identidade Local. Esta Identidade é umbilicalmente ligada à Memória, uma vez que permite a cada geração estabelecer laços com as gerações anteriores.

Assim sendo, o presente relatório aborda as problemáticas relacionadas com o ensino de História e a influência da História Local na concretização pedagógica e didática dessa disciplina. Desta forma, o ensino-aprendizagem da História Local ganha sentido e relevância pela possibilidade de introduzir um entendimento da História que não diga respeito apenas ao indivíduo, mas também à coletividade, sendo um dos principais objetivos deste ensino-aprendizagem a aproximação dos alunos com a História, enquanto disciplina e ciência, através da sua Identidade Local (através da História local) e permitir aos alunos compreender que as realidades históricas de determinada Localidade e dos seus habitantes não são isoladas do mundo, mas sim pertencentes a um processo histórico onde as populações locais constroem as suas Identidades culturais e sociais: “nesse sentido, o meio local, nomeadamente o espaço urbano e os bens culturais de uma comunidade, podem constituir fontes riquíssimas para a reflexão e discussão em torno da relação entre Memória, Identidades e História, bem como para a construção de sentidos de pertença.” (Pinto, 2016, pp.14 e 15)

Neste sentido, o relatório do trabalho elaborado ao longo do ano letivo (2017-2018) centra-se na temática da História local e a sua influência no ensino-aprendizagem da disciplina de História, em particular em turmas de 9.º e 11.º ano de Artes Visuais. No entanto, o referido trabalho, não se centrou na História local nas suas diversas temáticas, isto é, aliando o que é tangível e intangível às escolhas pedagógicas para estratégias de aprendizagem da História Local, mas somente o que respeita ao Património Cultural Imaterial, ou seja, a Imaterialidade da História Local. Esta escolha, por determinar apenas o intangível como o principal foco do nosso estudo, justifica-se pela (ainda) escassa informação, e/ou trabalhos, sobre o Património Cultural Imaterial no ensino de História, e pelo facto dos estudantes nem sempre associarem o mesmo à disciplina, mesmo tendo contacto direto com esse Património Cultural Imaterial, constituindo este pormenor um dos principais aspetos da disciplina de História que se centra na possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima do aluno, permitindo uma troca de conhecimentos entre educador/ educando / sociedade e meio onde vivem e atuam.

Por conseguinte, a temática do estudo centra-se na utilização do Património Cultural Imaterial no ensino de História, particularizando como tema as Tradições Locais (abordadas para o efeito as Tradições orais e festivas). Assim sendo, a questão de partida para o presente estudo é a seguinte: “de que modo as tradições locais são importantes para a educação Histórica e Patrimonial?”. E a partir desta pergunta inicial colocam-se as principais questões orientadoras da investigação, são elas: “a História local e o seu Património Cultural Imaterial influenciam o ensino de História? Podem os alunos aproximar-se da disciplina de História através do estudo da sua História local? A utilização da História local/ Património Cultural Imaterial pode traduzir-se numa motivação para os alunos na aprendizagem da disciplina de História?”. Portanto com base nas questões apresentadas colocámos em prática os instrumentos de investigação necessários para responder, numa parte final, às mesmas de modo a aproximar os estudantes à sua História Local e cumulativamente à História enquanto disciplina curricular.

Como objetivos claros encontra-se a necessidade de sensibilizar o público-alvo (neste caso os alunos) para o valor da conservação e preservação do Património (Cultural Imaterial) como elemento de Identidade cultural, estabelecendo uma aproximação, como foi já referido, entre os alunos e a História, para que tal possa constituir uma motivação

dos mesmos e perceber de que forma conhecem a comunidade onde estão inseridos, sobretudo se conhecem o seu Património Cultural Imaterial como pertencente à História.

*“Património cultural (imaterial) é o nosso rosto, pedaços da nossa identidade. A memória de uma trajetória comum. Tem a ver com pessoas, gente viva. Por detrás das pedras dos monumentos, subentendido no desenho das paisagens, no sentido de uma canção, no gesto de amanho a terra – como pano de fundo – está um criador de cultura.”* (Telmo, 1989, p.13.).

O Património Cultural Imaterial assume-se como o principal recurso didático para as estratégias de ensino-aprendizagem do nosso estudo, consistindo o nosso principal objetivo na utilização do mesmo na disciplina de História para permitir ao aluno adquirir capacidades reflexivas sobre a História e, deste modo, dotá-lo de uma consciência histórica através do estudo das suas Tradições Locais pois

*“a consciência histórica funciona, em parte, para manter vivas essas tradições, lembrando-nos as origens e a repetição de obrigações recorrendo a acontecimentos passados (...). Essas orientações tradicionais definem a união de grupos sociais ou sociedades em termos da manutenção de um sentimento de origem comum.”* (Pinto, 2016, p.43)

No entanto, a consciência histórica que se pretende dotar os alunos deve ultrapassar esta, de tipo tradicional, ou seja, passar deste nível, uma vez que deve ir mais além.

Por tudo isto é crucial para o papel do professor de História desenvolver novas e distintas metodologias para que se torne possível incluir os conteúdos de História Local, e em específico do seu Património Cultural Imaterial, nos conteúdos constituintes do currículo nacional, uma vez que possibilitam aos alunos ter uma atitude como cidadãos ativos e críticos no ambiente em que estão inseridos. Assim, como professores/educadores temos de garantir um ensino de História que pertença, não só, como também, ao quotidiano do aluno, fazendo com que se torne possível um ensino de História com outro significado para os educandos, e a sua aprendizagem possa ser reconhecida por todos. Para tal, conceitos como *Tradição, Herança, Identidade, Memória e Cidadania* vão estar muito presentes ao longo do nosso estudo.

Para finalizar a justificação temática, a escolha do título “*Lembrar Guimarães*” corresponde ao nome da plataforma digital, um blogue, (ver o Anexo XXV, p. 150) criada com o intuito de publicar os trabalhos de pesquisa, sobre o Património Cultural Imaterial de Guimarães, elaborados pelos alunos, que resultou também como uma motivação para os mesmos. “*Lembrar Guimarães*”, porque a prática deste estudo foi colocar os alunos a entender o passado e o presente da História Local de Guimarães, de forma a eternizar em termos históricos e culturais as suas Tradições.

A primeira parte do trabalho consiste ao enquadramento teórico onde se elabora uma revisão bibliográfica, em subcapítulos, sobre os principais conteúdos/conceitos abordados. Um subcapítulo dedicado à História Local e à Educação Histórica, exprimindo neste pondo a importância da História Local na Educação Histórica; seguidamente um subcapítulo que explica o conceito de Património e vários tipos de Património, enfatizando o Património Cultural Imaterial (abordado nos casos práticos deste estudo), bem como a Educação Patrimonial; posteriormente um subcapítulo que se destina à clarificação de conceitos como Tradição, Memória e Identidade essenciais para o presente estudo; e por fim o primeiro capítulo termina com o tratamento do assunto das visitas de estudo como recursos e como meio de transportar os alunos à sua História mais próxima.

Ao avançarmos na estrutura do trabalho, encontramos o segundo capítulo, voltado para o Contexto de Intervenção e de Investigação, dividindo-se este em três pontos: Guimarães (explicando a importância do recurso à sua História Local para o estudo e sintetizando as Tradições que foram abordadas na prática do presente estudo); a Escola Santos Simões e o meio envolvente; e a caracterização do público-alvo utilizado na nossa investigação.

O terceiro e último capítulo trata a Metodologia de Trabalho, os Instrumentos de Recolha de Dados e a Apresentação e Análise dos Dados de Investigação.

Como já referimos, sucintamente no resumo, as considerações finais apresentam, de forma sintetizada e em jeito de conclusão do trabalho, as respostas às questões orientadoras, abordando os pontos positivos e negativos do estudo com o intuito de analisar se os objetivos pretendidos foram alcançados fazendo também referência à possibilidade de futuras investigações e trabalhos sobre o tema.

## Capítulo I – Enquadramento Teórico

Este capítulo procurará esclarecer, o mais fundamentadamente possível, os conceitos e conteúdos que no estágio pedagógico foram colocados em prática, incidindo estes nas conceções/conceitos como *História Local*, *Património*, *Património Cultural Imaterial*, *Memória*, *Identidade* e *Cidadania* (e outros que vão ser referidos ao longo do enquadramento).

Neste capítulo, a partir da revisão da literatura sobre o que tem sido feito e estudado em relação à História Local e ao Património Cultural na disciplina de História, encontramos os fundamentos que nos vão permitir sustentar o trabalho e entender, mais tarde, os dados reais recolhidos com a nossa investigação.

### 1.1. História Local e Educação Histórica

*“A História é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos” (Cícero, século I a.C.)*

É frequente no senso comum depararmo-nos com a interrogação: “para que serve a História?”. Normalmente quem o interroga já tem a sua (facciosa) resposta, “não serve para nada”. Por tais perguntas e respostas é necessário refletirmos também no nosso estudo, sobre a utilidade da História, enquanto ciência e enquanto disciplina curricular. Luís Alves defende: “A História é uma forma de estar na vida, na sociedade, no exercício da cidadania. A sua utilidade vê-se na falta que faz àqueles que não entenderam que até o útil tem que ser belo e a beleza do presente tem os parâmetros da compreensão do passado” (Alves, 2009, p.20).

Esta disciplina tem o “poder” de tornar a experiência substituível através do conhecimento científico sobre o passado; permite a troca e a partilha de conhecimentos e vivências, ouvindo os outros e compreendendo que no Mundo não estamos sós e não existem valores iguais para todas as sociedades, nem apenas um sentido da vida. Por outro lado, a História também nos ajuda a encontrar no passado pontos relacionais que mitigam a incerteza do presente.



“É ela (a História) que permite um conhecimento mais realista e racional do presente pela compreensão das raízes do passado. (...) É o conhecimento do passado que garante o sucesso do exercício da cidadania.” (Alves, 2009, p.21). Desta forma, é perceptível a importância e a utilidade da História nas sociedades atuais, e principalmente nos currículos nacionais e internacionais, pois a mesma tem uma enorme relevância para a Educação, assumindo a Educação Histórica uma posição fulcral na formação dos jovens.

A Educação, na sua generalidade, deve fundamentar-se na criatividade e estimular a reflexão e a ação sobre a realidade existente, para tal “é necessária uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política, que reforça o caráter histórico dos homens e das mulheres e reconhece-os como seres em processo, inacabados.” (Masachs, 2009, p. 85 e 86).

Especificando, a Educação Histórica tem como principal objetivo/ utilidade a formação de uma consciência e Memória históricas das novas gerações. Esse objetivo é atingido de forma mais ou menos eficaz dependendo do “tipo” de História que é ensinada e dos métodos pedagógicos utilizados. É necessário referir que a História tem uma melhor interpretação e perceção através do recurso a imagens e documentos simples que dão voz às “pessoas de outros tempos”, e a mesma pode ser transmitida e aprendida com recurso à leitura, escrita e transmissão oral (partilhando com os outros). Temos, também, de ter em conta que os alunos têm já representações, imagens e noções sobre o passado na sua Memória, pertencendo estes a uma Memória coletiva, quer isto dizer, que foram adquiridas nos seus contactos sociais, pesando muito para estas Memórias coletivas os elementos afetivos e ideológicos adjacentes ao contexto onde estão inseridos.

Contudo, estes elementos acima mencionados são fonte de vários estereótipos e interpretações facciosas do passado histórico. Por este motivo compete à Educação Histórica contribuir para estabelecer uma Memória alicerçada pela razão, informada, plural e crítica, isto é, uma Memória histórica que estabeleça quadros de referência razoáveis para pensar sobre o mundo e sobre a sociedade, de modo a continuar a informar-se e a ter motivação pela História como defende Maria Isabel Jordão. “*No século XXI, a consciência e a memória histórica têm de ser humanistas e partir das realidades próximas, locais, nacionais e europeias, com as quais nos identificamos, para a compreensão da diversidade humana e das diferenças culturais.*” (Jordão, [http://www.aph.pt/ex\\_opiniao7.php](http://www.aph.pt/ex_opiniao7.php), 2018)

Assim sendo, a História, e a Educação Histórica, não se baseiam somente nas figuras de destaque reconhecidas pelos interesses explicativos de grupos, mas traduzem-se na construção consciente e/ou inconsciente de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos, necessários para a compreensão das mais variadas características culturais e humanas.

O lugar que a disciplina de História ocupa no currículo português tem sido afetado pelas vicissitudes das Ciências Humanas e Sociais. Todavia, como Mattoso refere, a disciplina de História não pode ser relegada para segundo plano, pelo contrário, a sua importância deve ser oficialmente reconhecida uma vez que “*sem a História, porém, não se pode ter a noção de tempo e sociedade.*” (Mattoso, [http://www.aph.pt/ex\\_opinio14.php](http://www.aph.pt/ex_opinio14.php), 2018)

Ao professor de História, enquanto agente transmissor da disciplina, compete-lhe vastos conhecimentos científicos e bem interiorizados, bem como elevadas capacidades ao nível das competências pedagógicas. O professor não deve apenas cingir-se aos manuais escolares, ou às ideias gerais estudadas na universidade, pois compete também ao mesmo caminhar num percurso de contínuo estudo e aprendizagem para poder ensinar e transmitir conhecimentos atualizados aos alunos. Estamos perante duas realidades: uma respeita ao professor que ensina e partilha o seu saber; outra concerne ao aluno, que é ensinado. Assim, na linha de Luís Alves, estas duas realidades devem convergir uma com a outra no contexto de sala de aula, para que as hierarquias existentes se esbatam, e daqui resulte um lugar privilegiado para o trabalho em grupo, de cooperação e de construção de conhecimento.

Portanto, podemos afirmar que o papel do professor de História é fundamental no ensino da História, incumbindo também ao mesmo a transmissão da função social da disciplina. Este princípio leva-nos a um dos enfoques deste estudo, a questão da História Local e como a mesma pode ser utilizada em contexto do ensino e Educação Histórica.

A História Local é, desta forma, compreendida como uma matéria de estudos históricos que nos revela como os personagens sociais se constituíram nos seus modos de vida. É a História que aborda temáticas relativas a um determinado Local, região, cidade, distrito... E caracteriza-se pelo estudo das particularidades e diversidades da História, uma vez que também está relacionada com a História Global. Por conseguinte, o conceito de Localidade tem-se relacionado e sido utilizado como o início para a formação dos saberes sobre o passado.

Nos tempos correntes urge entendermos a potencialidade da História da “Localidade” no contexto do ensino e Educação Histórica, dado que a mesma tem importantes funções ao nível da didática que devem ser aproveitadas e estimuladas. Este aproveitamento torna-se ainda mais evidente pela necessidade de compreender os conteúdos históricos à luz do sentido da cidadania nacional ou europeia, sem portanto renunciar ao espaço onde habitamos. Como Luís Alves explica, *“trazer a localidade para dentro da sala de aula é potenciarmos a formação de cidadãos conscientes, é favorecermos a competência histórica, é garantirmos uma função social e individual para a História”* (Alves, 2014, p.65).

Entendemos que de forma adequada e bem utilizada os conteúdos ligados à temática da Localidade podem ter influência na motivação dos alunos para a disciplina de História, pois genericamente o ser humano tem a capacidade de se interessar pelo que conhece, mais do que com algo onde ainda não existiu um contacto direto. Também a Localidade pode constituir um exemplo mais próximo do “nosso passado”, e tem igualmente influência na motivação para o exercício da Cidadania, que deve ser um dos objetivos intrínsecos a qualquer disciplina curricular.

Esta importância da História Local é facilmente explicável pois é por meio do Local que o estudante enceta a construção da sua própria Identidade tornando-se um membro ativo da sociedade.

Com efeito, na Educação Histórica pode pressupor-se o ensino da História Local como configuração de um espaço onde o Local e o presente (vivido) são fulcrais para o processo de construção de Identidade (conceito inseparável ao longo de todo o nosso estudo). Este ensino pelos exemplos da Localidade incita o aluno a desenvolver capacidades que permitam diferenciar e identificar, a partir das permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais.

O encanto das abordagens da História Local nas aulas de História pode também prender-se com a elaboração de conhecimento histórico que pode ser conivente com os interesses dos alunos, com as suas experiências culturais, os seus processos cognitivos, e com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente ligadas ao seu espaço quotidiano.

Proença explica: *“Assiste-se presentemente ao desenvolvimento de uma História Local que visa tirar partido das novas metodologias e cujos temas poderão ter um aproveitamento didático motivador e estimulante.”* (Proença, 1990, p.139). Estando a ideia da motivação sempre inerente a um dos objetivos da introdução da História Local nas salas de aula, atesta-se a pertinência deste trabalho.

Assim, a Educação Histórica deve preocupar-se, entre outras temáticas, com a inclusão nos seus conteúdos curriculares de novas metodologias que possam evidenciar no contexto de sala de aula e do ensino de História o quotidiano dos alunos sobre a importância de uma História Local que valorize a sua Memória.

Não devemos esquecer que o ensino de História deve cumprir um papel importante na configuração da Identidade ao agregar a reflexão sobre o sujeito nas suas relações pessoais com o grupo social onde está inserido, as suas festividades, a sua participação na vida coletiva da sociedade e as suas atitudes de convenção com grupos sociais, culturais, valores e com gerações passadas e futuras.

As abordagens de História Local podem levar os alunos a refletir sobre a evidência histórica, a questionarem, a ouvirem diferentes argumentos, a justificarem decisões, como explica a autora Helena Pinto.

Sintetizando, a aprendizagem da sociedade de outros tempos ( e lugares ) passados contribui para a constituição da Identidade coletiva (onde o cidadão comum está inserido), ao mesmo tempo transporta o conhecimento sobre a realidade do ‘outro’, de uma ‘outra sociedade’, ‘outros valores e mitos’, de diferentes momentos históricos para o presente.

### **1.1.1. A História Local no Currículo Escolar de História do Ensino Básico e Ensino Secundário**

Justificando as respostas que muitos levantam sobre a utilidade e congruência da inserção da História Local no currículo e, deste modo, dos conhecimentos e aprendizagens concernentes à disciplina de História, passamos neste subtópico a identificar os momentos onde o emprego de saberes relacionados com a História Local estão implícitos no sistema educativo português e em concreto nos programas da disciplina de História.

Desta forma, começando pelo ensino básico, em particular pelo 3.º ciclo, que foi também um dos ciclos de estudos utilizado para a nossa investigação, podemos observar que as metas curriculares refletem que a temática da História Local merece uma certa importância no currículo escolar, na medida em que “na abordagem dos conteúdos definidos nas metas curriculares de História, os professores devem, igualmente, dar relevância à abordagem regional e/ou local aquando do tratamento do processo histórico.” (Documento de apoio às Metas Curriculares de História, 2013, p. 3).

No Documento de Apoio às Metas Curriculares, no que concerne às “Capacidades transversais a desenvolver ao longo do 3.º Ciclo do Ensino Básico” vemos indicada a “função social da História” que temos vindo a referenciar no nosso estudo, sendo que neste ponto podemos identificar referências como:

- *“Indicar o contributo da História para consolidação de memórias e identidades.*
- *Explicitar a importância da História para a educação e para a cidadania.*
- *Indicar contributos da História para a formação profissional.*
- *Referir a importância da História para a valorização do património cultural e da museologia.*
- *Exemplificar formas de rentabilização social da História (...). ” (Ibidem, p. 4 e 5)*

Indubitavelmente, a questão social da História é fundamental enquanto contributiva para os conceitos de Identidade, Memória e Cidadania, justificando-se, portanto, a introdução das temáticas da História Local e do Património Cultural.

A História Local é também referida no “ Programa de História do 3.ºCiclo do Ensino Básico de 1991”, que serviu como base para as Metas Curriculares, nomeadamente na questão da valorização da “sua localidade” e cultura própria, pois indica que ao aluno deve respeitar o papel de “interessar-se pela construção da consciência europeia, valorizando a identidade cultural da sua região e do seu país.” (Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico, 1991, volume I, p. 127).

Ao longo do Programa percebemos a importância que é dada, para o aluno estruturar ele próprio as aprendizagens significativas, introduzindo em alguns anos de escolaridade a temática da História Local nos conteúdos programáticos que se pretendem atingir, como é exemplo o 7.º ano de escolaridade com algumas referências ao local e à região, e inclusive às suas Tradições Locais, uma vez que é estabelecido que os alunos:

- “ *[recolham] elementos de tradição popular, local e regional- romanceiro, adagiário, festividades- o que poderá permitir a sensibilização para o tempo longo e para o carácter sincrético da cultura popular.* ” (Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico, 1991, volume II, pp. 33 e 34). Aqui expressa-se a importância das Tradições e da Imaterialidade Patrimonial do espaço social onde os alunos estão inseridos pois entende-se que estas sugestões metodológicas resultam também numa maior motivação da parte dos alunos e despertam o seu próprio sentido de Identidade e de pertença.

Ainda no Programa de História do 3.º ciclo, o 8.º ano de escolaridade é mais escasso ao nível das referências que faz à História Local, no entanto, as mesmas “ainda” surgem, neste caso nas matérias alusivas às Revoluções Liberais, dado que sugerem:

- “ *A recolha de testemunhos de tradição popular e da toponímia sobre as invasões francesas e a guerra civil em Portugal.*” (*Ibidem*, p.54).

Finalmente no 9.º ano as sugestões metodológicas da História Local seguem a mesma lógica de utilização, fazendo-se mais uma vez referência à toponímia (como no 8.º ano) nos conteúdos relacionados com a 1.ª República: “*pesquisa pelos alunos de topónimos evocativos de figuras e fatos da 1ª República, na localidade onde a escola se situa ou na cidade mais próxima* “ (*Ibidem*, p.67), bem como a sugere a recolha de testemunhos orais acerca do Estado Novo: “*recolha pelos alunos, entre os familiares mais velhos, de testemunhos orais sobre o salazarismo e as suas instituições (Mocidade e Legião Portuguesa, polícia política, etc.)*.” (*Ibidem*, p.72)

De forma sintetizada, após a nossa análise ao Programa, entende-se que o 7.º ano é o ano do 3º ciclo onde mais referências são feitas à utilização da História Local e da sua Imaterialidade na disciplina de História, todavia a mesma inserção de forma adequada, na disciplina, cabe ao professor.

Fazendo agora uma breve síntese dos momentos onde a História Local pode ser inserida no currículo escolar de História no Ensino Secundário, verificámos alguns pontos onde a mesma surge. No Programa de História A, por exemplo são facultadas opções metodológicas que os docentes podem seguir, uma vez que “*não foram individualizados conteúdos de história local, mas foram apontadas articulações possíveis, no âmbito das situações de aprendizagem sugeridas, cuja concretização é deixada ao critério dos*

*professores e das escolas.*” (Programa de História A do Ensino Secundário, 2004, volume II, p.9)

Já o Programa de História da Cultura e das Artes refere que o “*programa assume, assim, uma matriz que funda a nossa própria cultura, cimentando uma informação identitária, não sem procurar pontos de contacto com outras culturas e formas de expressão artística.*” (Programa de História da Cultura e das Artes, 10.º ano, p. 15.) Não existe neste programa muito espaço dedicado à História Local, mas é-lhe conferida importância nalguns dos exemplos dos casos práticos que dizem respeito à realidade portuguesa.

Ainda num breve apanhado dos momentos onde a História Local surge no panorama do currículo escolar de História, também na disciplina de História B do curso de Ciências Socioeconómicas a mesma tem a sua valorização, por exemplo quando considera que é: “*de interesse que a Escola dinamize a formação de um centro de documentação de história local e regional.*” (Programa de História B, 10.ºano, p. 13.)

## **1.2. Património e Educação Patrimonial**

*“O património é o resultado de uma seleção que, ao longo do tempo e segundo critérios muito variados, foi colocando determinados elementos na categoria de objetos patrimoniais. As sociedades contemporâneas alargaram de tal forma o conceito de património – material e imaterial, cultural e natural, histórico, arqueológico, artístico, genético...-, que este parece referir-se, muitas vezes, a formas de expressão de identidades e de memórias coletivas centradas na continuidade. (...) É, por isso, essencial a reflexão acerca das formas como o património se relaciona com a memória e a História (...).”*  
(Pinto, 2016, p.27)

Segundo a UNESCO Brasil, Património “é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. (...) É fonte insubstituível de vida e inspiração, a nossa pedra de toque, o nosso ponto de referência, a nossa Identidade.” (*O Patrimônio: legado do passado ao futuro*, Representação da Unesco no Brasil) A mesma organização, a UNESCO adotou, desde 1972, uma Convenção do

Património Mundial, Cultural e Natural, “que tem por objetivo proteger os bens patrimoniais dotados de um valor universal excecional.” (Convenção da UNESCO, artigos 1.º e 2.º, 1972)

Por sua vez, a Lei de Bases do Património Cultural Português, no artigo 2.º, explana o que respeita ao Património Cultural:

*“1- (...) Todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização.*

*2 - A língua portuguesa, enquanto fundamento da soberania nacional, é um elemento essencial do património cultural português.*

*3 - O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.*

*4 – (...) Aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas.*

*5 - Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos.*

*6 – (...) Não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa. (...)*

*8 - A cultura tradicional popular ocupa uma posição de relevo na política do Estado e das Regiões Autónomas sobre a proteção e valorização do património cultural e constitui objeto de legislação própria.” (Lei de Bases do Património Cultural Português, artigo 2.º, 2001)*

Na análise do artigo acima referido, percebemos que o mesmo teve influências de Convenções internacionais anteriores, como por exemplo, a *Convenção de Haia* de 1954, a *Carta de Veneza* de 1964 e a *Carta de Paris* de 1972.



A designação do que se entende por Património obedece ao contexto sócio histórico onde este está inserido, e, claro, é dependente das conjunturas políticas da sociedade onde está integrado. Assim sendo, o Património de uma sociedade respeita a escolha da mesma sobre o que considera que a representa.

Sobre o termo Património Cultural, o mesmo auferi um significado muito amplo, pois engloba o tangível e o intangível, os “bens materiais e imateriais”, e é reconhecido pelo seu valor próprio, e, no caso nacional, que se reporta à Identidade (da cultura) portuguesa. Mencionar o que é relevante ou não para ser denominado por Património Cultural tem variáveis relacionadas com o conceito que se tem de cultura e de relevância cultural, conceitos estes dependentes da dinâmica histórica e das relações sociais.

Com esta referência a possíveis definições do que é entendido por Património conseguimos atentar que há uma característica comum em todas as definições: a ligação da História para a constituição “deste” Património, uma vez que para o conhecermos temos de o relacionar com a História de um país, essencial para estabelecer um forte elo de ligação entre História e Memória; e, também, conhecer o Património é a hipótese de facultar, especialmente aos alunos, uma visão alargada do mundo, aceitando os outros, as suas diferenças, as suas tradições, os seus usos e os seus costumes.

A expressão Educação Patrimonial tem origem inglesa, “Heritage Education”, e pode compreender “*o ato de educar, isto é, gerar e potenciar a totalidade das capacidades de cada um no sentido de um conhecimento das coisas e dos outros de forma livre e solidária, processo durante o qual a personalidade se forma pela interação de todos os elementos educativos e se projeta em valores de participação, de diálogo, de solidariedade social e identidade cultural e realiza-se através de ações e soluções para os diversos problemas.*” (Custódio, 2000, p. 11). Esta Educação Patrimonial pode consistir também num “*processo permanente e participativo de comunicação de conhecimentos, explicação de valores, instrução sobre problemas específicos relacionados com o património, formação de conceitos e aquisição de competências que motivem e promovam comportamentos e atuações concretas de defesa, conservação e valorização do património, resolvendo problemas atuais e evitando outros que se ponham no futuro*” (Pereira e Cardoso, 2016, p.113).

A Educação Patrimonial, como todas as vias educativas, tem inerente a si um conjunto de objetivos que podemos listar:

- Capacitar o educando para adquirir uma consciência do património;
- Obter saberes de forma a alcançar uma compreensão do património e da resolução dos seus problemas;
- Motivar as pessoas e no caso do estudo os alunos para participarem ativamente na preservação e conservação do património;
- Promover o fortalecimento da identidade cultural individual e coletiva;
- Despertar a interlocução entre a comunidade, os órgãos de comunicação social, a escola e os órgãos responsáveis pela identificação, proteção e promoção do património, promovendo uma troca de conhecimentos.

Segundo Machado Pais é necessário que os estudantes nas suas aulas de História, façam uma aprendizagem regional ou local e patrimonial, onde o importante é aprender a reconhecer as tradições, características, valores e tarefas da nação ou sociedade em que se nasceu ou vive, aprendendo a valorizar e preservar as ruínas históricas e as construções antigas do Património Histórico. Podemos, inclusive, apoiarmo-nos na análise da Lei n.º 107/2001, da já enunciada Lei de Bases do Património Cultural Português, para constatar, no seu Artigo 11.º concernente ao “Dever de preservação, defesa e valorização do património cultural” que:

*“1. Todos têm o dever de preservar o património cultural, não atentando contra a integridade dos bens culturais e não contribuindo para a sua saída do território nacional em termos não permitidos pela lei.*

*2. Todos têm o dever de defender e conservar o património cultural, impedindo, no âmbito das faculdades jurídicas próprias, em especial, a destruição, deterioração ou perda de bens culturais.*

*3. Todos têm o dever de valorizar o património cultural, sem prejuízo dos seus direitos, agindo, na medida das respetivas capacidades, com o fito da divulgação, acesso à fruição e enriquecimento dos valores culturais que nele se manifestam”.* (Lei de Bases do Património Cultural Português, artigo 11.º, 2001)

Este conjunto das múltiplas responsabilidades no domínio do Património Cultural “deve ser partilhado pelos diversos agentes culturais, como as autarquias, universidades, escolas, fundações, empresas e outras instituições públicas e privadas, bem como por todos os cidadãos, em geral.” (Pereira e Cardoso, 2016, p.110)

Com efeito, a instituição escola ocupa um lugar determinante na formação dos jovens hoje em dia, uma vez que tem o intuito de formar futuros cidadãos conscientes e responsáveis pela realidade onde estão inseridos. Desta forma, é evidente a importância que a escola tem de ter na preservação e divulgação do Património Cultural, uma vez que assume uma grande responsabilidade na transmissão do legado histórico e cultural das gerações anteriores para as gerações posteriores.

Na Educação Patrimonial, tal como na Educação Histórica é imperativo conceder importância à questão da consciência coletiva de um país, região, ou Localidade, a uma herança cultural, a uma Identidade coletiva e a um Património que merece ser valorizado e preservado.

A Educação Patrimonial legitima-se, assim, pela necessidade de criar uma maior consciencialização sobre o Património, e pela necessidade de salvaguardar e preservar o mesmo, constituindo um fator de desenvolvimento da Cidadania.

Assim sendo, é necessário explicitar que os currículos tradicionais focavam-se muito na exposição da herança nacional aos alunos sendo que a História era estudada meramente como um aglomerado de informação recebida para ser apenas aceite e memorizada; o contacto com fontes primárias era esporádico e unicamente para estimular o interesse, a curiosidade, e mesmo admiração, ou para ilustrar casos particulares. Porém, atualmente nos programas e na prática da disciplina de História nas salas de aula, a utilização de fontes Patrimoniais continua a não ser tão frequente quanto seria necessária.

Deste modo, como explica a autora Helena Pinto é fundamental propagar uma Educação Patrimonial a um nível fundamentado: facultar recursos e atividades desafiadoras e utilizar as fontes Patrimoniais, de forma a contribuir para o progresso da perceção dos conceitos históricos pelos alunos.

Em síntese, a Educação Patrimonial engloba uma questão de riqueza cultural, em que o Património respeita um legado histórico, intelectual, cultural, artístico e social que pertence a todos aqueles que se identificam com ele, por isso podem levar a combinações e nuances culturais de todo o tipo.

Assim, é preciso ampliar o saber e o plano de desenvolvimento para a didática da disciplina de História, em particular demonstrar a sua extensão para a didática do Património.

### 1.2.1. Património Cultural Imaterial

Como no nosso estudo seguimos uma trajetória direcionada em específico para a Imaterialidade Local, e como a utilização da mesma não é muito abundante em questões de trabalhos de investigação, consideramos importante explicar o que se entende por Património Cultural Imaterial.

Assim, podemos começar por defini-lo a partir da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, aprovada no dia 17 de Outubro de 2003. De acordo com a mesma considera-se Património Cultural Imaterial

*“as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, incutindo-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.”*  
(Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, artigo 2.º 2003)

Ao atentarmos nas palavras que constituem o conceito de Património Cultural Imaterial, podemos começar por definir a designação “Património” entendido habitualmente como um bem que se herda ou que se adquire; a palavra “cultural” alude às criações humanas, tudo aquilo que foi/é fruto da mente humana, e abarca tudo o que não foi estritamente genético ou biológico; finalmente “a palavra imaterial significa literalmente aquilo que não é físico, as ideias, o abstrato o intangível.” (Mestre e Molina, 2016, p.17)

O que denominamos por “Património Imaterial” desenvolve-se em diversos planos, espacial ou geográfico, histórico ou temporal, e cresce no seio de uma determinada cultura, isto é o plano cultural.

O plano espacial ou geográfico é muito importante, já que a influência do meio no Imaterial é imensa e exerce-se de uma forma contínua e persistente. Se analisarmos o

plano histórico é evidente que o passado tem um peso muito forte e condiciona o Património Imaterial de qualquer povo, o qual, também se projeta no futuro. Nós, enquanto seres humanos nascemos e crescemos no seio de uma comunidade e desenvolvemos as nossas atividades segundo usos, costumes, tradições e fórmulas culturais presentes nela. Portanto a análise deste tipo de Património deve ter sempre presente a existência destes três planos.

O Património Material, uma vez criado o “objeto”, um monumento, uma obra de arte ou livro, permanece inalterado ao longo do tempo, se bem que pode sofrer erosões, destruições ou interpretações distintas, e mesmo algumas construções adaptáveis ao longo do tempo. O Património Imaterial uma vez que uma Tradição ou um costume tem de adaptar-se continuamente à complexidade do mundo onde está inserido e por isso podem modificar-se e transformar-se em algo muito diferente do que foram na origem, alterando não só o significado, como também a sua morfologia e imagem. Segundo Mestre e Molina (2016) a nossa herança Imaterial, enquanto uma parte essencial da cultura humana pode ser adaptada e variável.

Quando um grupo humano desenvolve uma prática cultural, seja uma festa, um ritual ou, a título de exemplo, mantém uma técnica artesanal para construir pontes, utiliza conhecimentos aprendidos de forma consciente ou inconsciente no seio da sua comunidade, mediante um processo de coesão grupal. Portanto, o Património Imaterial move-se nos três planos anteriormente mencionados, sendo o plano cultural o mais complexo e o que é mais suscetível de ser modificado e mudado.

Quando analisamos uma manifestação de Património Imaterial estamos a analisar uma experiência que é universal no ser humano; uma festa, um ritual, uma determinada forma de cozinhar um produto, ou seja, são experiências universais na cultura e “cada manifestação local ou regional é única e, muitas vezes, dificilmente repetível de forma exatamente igual a outra.” (Mestre e Molina, 2016, p.19) Assim, trata-se de uma experiência que ao mesmo tempo que é universal também se concretiza numa versão única. Isto acontece porque as manifestações do Património Imaterial armazenam-se na mente dos indivíduos de cada comunidade específica; são eles os portadores de uma determinada manifestação de Cultura Imaterial.

No fundo, as manifestações do Património Imaterial fazem parte da sua própria Identidade e desencadeiam emoções que são partilhadas normalmente por uma boa parte dos membros do seu grupo.

*“Cada manifestación de patrimonio inmaterial es el resultado de experiencias particulares de la población, pasada y presente. Dicho de otra forma: cada manifestación del patrimonio inmaterial de un grupo humano puede considerarse como la encarnación viva de su propio pasado.”* (Mestre e Molina, 2016, p.21)

O Património Imaterial, desta forma, caracteriza-se precisamente pela sua diversidade. No fundo, trata-se de manifestações da cultura humana, diversa, variada, adaptada a cada um dos meios em que vivemos. Quando falamos em cultura humana há que entender-se sempre no plural. Trata-se de grandes conjuntos de experiências que extraímos ou isolamos do imenso e inesgotável armazenamento de costumes que nós humanos produzimos durante milhões de anos. Nós isolamos estes conjuntos de experiências para podermos estudar, analisar e compreender.

O mais parecido ao conceito de Património Imaterial é o conceito de Cultura. Certamente não é o mesmo, mas tem tantos elementos em comum que fica difícil eleger algum elemento da Cultura que não seja suscetível de ser considerado Património Imaterial. Assim sendo, na ótica de Mestre e Molina o que se pode definir como Património Imaterial pode-se, também, catalogar-se na categoria de fato social.

Há um campo que no Património Cultural Imaterial podemos denominar de Tradição oral e particularidades linguísticas que abarcam Tradições e expressões orais, incluindo o idioma – línguas e os seus dialetos, gírias, léxicos e toponímias-, assim como todas as produções sonoras sujeitas a um código que sirva, entre outras coisas, à comunicação coletiva. Também se inclui neste campo a literatura popular (orações, humor, provérbios, lendas, contos, romances, mitos, canções ...), a história oral e os relatos de vida. Um segundo campo inclui os conhecimentos sobre as atividades produtivas, processos e técnicas, aqui se incluem conhecimentos, técnicas, habilidades, simbolismos, usos e processos relacionados com atividades grupais de adaptação ao meio. O campo que se segue são as crenças, rituais festivos e demais práticas cerimoniais (que constituem o nosso estudo prático).

Em relação à temática religiosa do Património Cultural Imaterial, a mesma vai ser muito abordada na prática da nossa investigação, e temos também de ter em conta que quando se consulta a lista representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade elaborado pela UNESCO, os elementos que têm uma raiz claramente religiosa, são a

maioria. A religião estabelece ou consagra valores religiosos que, por norma geral, vão de acordo com os valores socialmente aprovados.

Em conclusão, o Património Imaterial é o que está na Memória das pessoas, dado que conhecemos um tipo de festa porque está enraizada em nós, conhecemos uma música porque está guardada nas nossas recordações, e assim sucessivamente. Assim, quando nós lembramos uma Memória, um lugar, ou às vezes um objeto que tenha um significado muito importante, a nossa atenção altera-se, aumenta e começa a associar redes importantes da nossa Memória.

Tudo isto é um conjunto de reações emotivas. O nosso sistema emocional é “a guia que dá luz e ilumina todos os nossos planos (...) A emoção é o ingrediente a ignição da conduta” (Mestre e Molina, 2016, p.104). Normalmente as nossas ações e as nossas aprendizagens estão sujeitas às emoções, nada aprendemos sem a motivação que a emoção nos transmite, sem que tenha um significado para nós. Sabemos que tudo passa por esse filtro emocional.

Por tudo isto, “o Património Cultural Imaterial, pelo que tem de coletivo e colaborativo, porque se conserva e armazena unicamente na mente, tem um alto componente emocional. (...) Na medida em que é um fornecedor de emoções, tem também este poder de fazer reviver sensações, alegrias, medos, prazer ou dor, com mais força que qualquer outro tipo de património.” (Mestre e Molina, 2016, p.104 e 105).

### **1.2.2. O Património Cultural no Currículo Escolar de História do Ensino Básico e Ensino Secundário**

O enquadramento curricular da temática do Património na disciplina de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, e em História da Cultura e das Artes acontece devido à necessidade de estabelecer uma relação entre a conservação do Património e a Educação. A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) consigna, no artigo 3.º, alínea a), que o sistema educativo se organiza de forma a :

*“Contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo português no quadro da*

*tradição universalista europeia e da crescente interdependência e necessária solidariedade entre os povos do Mundo.”* (Diário da República, Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 3.º, 1986).

A referida citação do artigo da LBSE constata a conexão do Património Cultural com as ideias de “Identidades” (nacionais, regionais, locais...) e com as ideias de consciência Histórica e Patrimonial. Através do referido excerto podemos observar que existe a hipótese de uma multiplicidade de enfoques da temática do Património Cultural nos diversos graus de ensino.

Ainda na Lei de Bases do Sistema Educativo existem alguns objetivos onde podemos inserir o Património e a Educação Patrimonial, como por exemplo, no artigo 7.º, secção I, subsecção I, alíneas g) e h) relativas ao ensino básico:

*“g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;*

*h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;”* Diário da República, Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 7.º, 1986

No presente estudo, as possibilidades de desenvolver temáticas da Educação Patrimonial no âmbito dos programas curriculares de História prenderam-se com o 9.º ano do 3.º ciclo do ensino básico, e com o 11.º ano de Artes Visuais que tinham como disciplina História da Cultura e das Artes (as turmas que foram objeto do estudo).

Assim sendo, e como já referimos na introdução do presente estudo, a História é uma disciplina obrigatória e autónoma apenas no 3.º ciclo do ensino básico. Deste modo, características da Educação Patrimonial que surgem no currículo podem ser abordadas no 7.º ano, onde há a referência no Documento de Apoio às Metas Curriculares de se poder incluir as questões do património nas capacidades transversais a desenvolver nos alunos deste ano:

- *“Indicar o contributo da História para a consolidação de memórias e identidades.*
- *Explicitar a importância da História para a educação e para a cidadania.*



- *Referir a importância da História para a valorização do património cultural e da museologia.*” (Documento de apoio às metas curriculares, 2013, pp. 4 e 5.).

Já no Programa de História do 3.º ciclo do Ensino Básico nos objetivos gerais, concernente às atitudes e valores está explícita a ideia de que se deve conduzir o aluno a “manifestar interesse pela intervenção nos diferentes espaços em que se insere, defendendo o património cultural e a melhoria da qualidade de vida.” (Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico, 1991, volume I, p. 127)

No que concerne ao Ensino Secundário na disciplina de História da Cultura e das Artes (que foi uma das disciplinas utilizadas no nosso estudo prático) existe a referência no seu Programa à utilização do Património no ensino da disciplina, por exemplo pretendendo desenvolver competências nos alunos como:

- “*Preservar e valorizar o património artístico e cultural*”
- “*Entender a defesa do património como ato de cidadania*”
- “*Consolidar o sentido de apreciação estética do mundo*”
- “*Evidenciar uma atitude crítica enquanto recetor de objetos artísticos.*” (Programa de História da Cultura e das Artes, 2004, p. 5).

Já o Programa de História A não faz referência direta ao Património, e o mesmo acontece com o Programa da disciplina de História B. Helena Pinto reitera esta ideia quando refere: “*nos Programas de História A e História B não se fazem referências explícitas ao contato com o património histórico-cultural na enunciação das competências a desenvolver pelos alunos.*” (Pinto, 2016, p. 131).

Após esta breve análise, entendemos que tal como o que já abordámos na História Local, também a temática do Património Cultural consta nos Programas de História, e é importante referir também que como não existe a possibilidade da Educação Patrimonial como uma disciplina autónoma no currículo é fundamental o papel da disciplina de História na sua implementação e emprego em atividades escolares, como refere a autora Helena Pinto.

Ainda na linha de pensamento de Helena Pinto, apesar de os extensos programas da disciplina de História não disponibilizarem muito tempo para o “*detalhe e para a perspetiva local, para a discussão e a argumentação refletida*” é “*possível através da seleção de assuntos que poderão ser tratados no âmbito da História Local, introduzir de*

*forma interessante e adequada ao currículo a abordagem da Educação Patrimonial no âmbito da disciplina de História, recorrendo, por exemplo, (...) a sítios históricos próximos da escola.” (Ibidem, p. 143).*

Em suma, não devemos deixar de referir, concordando com Helena Pinto, que “*o sucesso destas práticas passa, também pela existência de docentes atentos e abertos às possibilidades educativas do património e que proporcionem abordagens educativas que estimulem o pensamento histórico dos jovens e o desenvolvimento de capacidades de investigação e de leitura das fontes em múltiplas perspetivas. Os professores podem planear o desenvolvimento das competências de uso e exploração de fontes patrimoniais pelos alunos com vista a uma compreensão histórica contextualizada (...).*” (Ibidem, p.151).

### **1.3. Tradição, Identidade e Memória**

Como já foi analisado ao longo do nosso enquadramento teórico, a Educação Histórica, alicerçada na História Local e no Património Cultural, alimenta-se do acervo cultural acumulado que consiste em recuperar de forma adequada a Tradição.

Recuperando a Tradição adquirimos a preparação para compreender aquilo que foi/é herdado, sendo que o conceito *Tradição* compreende os campos mais diversos da experiência integrada em saber.

Desta forma, trata-se de recuperar uma Educação que tenha como direção educar para e com uma cultura, onde neste trajeto as experiências de aprendizagem sobre a cultura herdada serão construídas desde a autonomia dos sujeitos, que a aprendem.

Assim sendo, este conhecimento sobre a evolução e organização das sociedades permite compreender a realidade social em que se vive, como foi já referido, traduzindo-se na influência do mesmo para a competência social e Cidadania, uma vez que possibilita aprender a cooperar, conviver e exercer a cidadania numa sociedade plural, assim como comprometer-se a contribuir para a sua melhoria.

Relativamente à questão do conceito *Identidade*, o mesmo é igualmente essencial no estudo pois é juntamente com os conceitos de tolerância, preservação e consciência nacional e/ou europeia bem como com o conceito de Cidadania, uma das competências que se espera dos indivíduos.

*“Identidade - entendida no sentido de imagem de si, para si e para os outros- aparece associado à consciência histórica, forma de nos sentirmos em outros que nos são próximos, outros que antecipam a nossa existência que, por sua vez, antecipará a de outros. Ao assegurar um sentimento de continuidade no tempo e na memória (e na memória do tempo) a consciência histórica contribui, deste modo, para a afirmação da identidade - individual e coletiva (...).” (Pais, 1999,p.1)*

Assim, também esta característica se adequa no contexto escolar/ educacional, dado que a função da disciplina de História é ajudar os alunos na construção da sua Identidade pessoal e nacional.

A História, ao nível curricular, e sempre numa perspetiva interdisciplinar, pode e deve cumprir a função social e individual de “incluir” os jovens nas heranças culturais das sociedades onde estão inseridos.

Como explica Luís Alves, a didática da disciplina deve incitar à reflexão histórica por parte do aluno para sensibilizar o mesmo para um agrupado de valores “éticos, cívicos e políticos” (Alves, 2014, p.70).

*“Está reservado à História o papel de abrir caminho para o aluno desenvolver o seu processo de construção pessoal”. (Alves, 2014, p.71)*

Assim sendo, com uma Educação Histórica e Patrimonial, com recurso à História Local também se espera que o educando ganhe competências para conhecer, proteger, valorizar, divulgar e difundir o seu Património e as suas Tradições. Para esta educação ganha especial ênfase o papel do professor que consiga transportar para a sala de aula os “recursos que saindo da Identidade dos seus alunos sejam capazes de os mobilizar para colaborarem na sua procura e que os transformem em cidadãos ativos e intervenientes na preservação da sua identidade patrimonial”. (Alves, 2014, p.71)

Exige-se referir que uma das preocupações das Conferências Permanentes dos Ministros Europeus da Educação e de algumas organizações internacionais como a UNESCO ou OCDE, tem sido a da importância do ensino da História no contexto da criação de uma identidade europeia, como refere Luís Alves. Concluindo-se que quando as temáticas da Identidade, consciência europeia, tolerância e intervenção cívica são abordadas na disciplina de História, esta desempenha um papel insubstituível na sua função, marcadamente, social.

Com efeito, a capacidade cívica de reivindicar a preservação da sua Identidade, mede a competência história, no sentido de que “sem memória a consciência fica diminuída.” (Silva, 2003, p.71).

*“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual e coletiva.”* (Le Goff, 2013, P.435)

Como já foi mencionado, o ensino de História tem uma série de objetivos particulares, sendo um dos mais pertinentes, a questão de Identidade. Assim, é crucial que o mesmo ensino possa conceber relações entre identidades individuais, sociais e coletivas.

Qualquer sociedade humana tem a sua conexão com um conjunto de *“atividades e projetos comuns, mas também de valores partilhados, que constituem outros aspetos da vontade de viver juntos. Com o decorrer do tempo, estes laços materiais e espirituais enriquecem e tornam-se, na memória coletiva, individual, na herança cultural de um povo”* (Delors, 1996, p. 86). Ao introduzirmos esta ideia pretendemos elucidar sobre memória coletiva de uma determinada população, dos territórios onde vive, os seus monumentos, os vestígios do passado e do presente, os seus problemas, isto é, a cultura material e imaterial.

A Memória, no sentido primário do termo, é a presença do passado. Também a História, como Memória, é uma representação do passado, sendo um dos compromissos fundamentais da História a sua relação com a Memória.

No entanto, tem de se alertar para o pormenor da Memória constituir uma representação seletiva do passado, e que a Memória do individuo não é a sua por si só, mas do contexto familiar, social, económico, político e nacional onde está inserido. Como exprime Peter Burke, *“os historiadores interessam-se ou precisam interessar-se pela memória, considerando dois pontos de vista: como fonte histórica e como fenómeno histórico. Sob o primeiro aspeto, além de estudarem a memória como fonte para a história, os historiadores devem elaborar uma crítica da reminiscência, nos moldes da operação de análise dos documentos históricos. (...) No que tange ao segundo aspeto, os historiadores devem estar interessados no que o autor denomina por «história social do lembrar»”*. (Burke,2000, pp 72 e 73)

Nós enquanto seres humanos identificamo-nos com os acontecimentos públicos de grande relevância para a nossa sociedade. A título de exemplo lembramos *“muito aquilo que não vivermos diretamente. Um artigo das notícias, por exemplo, às vezes*

*torna-se parte da vida de uma pessoa. Daí pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado” (Burke, 2000, p.70).*

Para Jacques Le Goff deve existir uma ligação entre História e Memória: *“A memória, é onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar para que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”.* (Le Goff, 2013, p.477).

Também Circe Bittencourt refere a importância da Memória para as questões do ensino de História Local afirmando que *“a memória é, sem dúvida, o aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino”.* (Bittencourt, 2004, p.168)

Não devemos esquecer que também a Imaterialidade assume um papel fundamental para a Memória, através das suas tradições orais, os contos, lendas, mitos, festividades...*“As lendas e “estórias” que nos chegaram através da cultura imaterial e as premissas enunciadas (...) proporcionam (...) um sentimento de pertença, além de experiências emocionais e, simultaneamente, integrativas num universo cognitivo comum.”* (Pinto e Barroso, 2005, p. 71).

É relevante basear a Memória social na estruturação das sociedades, uma vez que esta demonstra ser um importante *“motor para a manutenção ou mudança de determinadas práticas, permitindo a lembrança ou simplesmente, promovendo o esquecimento de eventos passados”.* (Van Dyke e Alcock, 2003, p.1).

Na linha dos autores Elisabete Pinto e Paulo Barroso na obra *“Penha, Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha”*, afirmamos que a Memória é a responsável pela construção da consciência de uma comunidade sobre os “factos” do passado.

Dada a relevância que é facultada à Memória, percebemos que é essencial a sua valorização como uma forma para recuperar a História de vida individual e coletiva, dado que a mesma caracteriza o suporte da identidade, e atinge-se o conhecimento da História Local também pela Memória.

#### 1.4. A Visita de Estudo Como Recurso

*“As atividades no âmbito da comunidade local podem constituir um método válido para a progressão das ideias dos alunos desde um nível baseado nas experiências quotidianas até conceitos históricos mais avançados.”* (Pinto, 2016, p.146)

Proporcionar aos jovens a experiência única do contacto direto, vivencial com diferentes tipologias de Património e iniciá-los na leitura dos bens Patrimoniais, a níveis cada vez mais sofisticados, são práticas educativas com enormes potencialidades. Deste modo, estamos perante um recurso de ensino-aprendizagem que é fundamental para o aprendizado dos conteúdos respeitantes à História Local e ao Património Cultural, as visitas de estudo.

As visitas de estudo constituem um conceito por vezes lato para se definir. Sempre que um educador revela ao seu educando o intuito de se realizar uma *visita de estudo* surge, maioritariamente, um entusiasmo para tal atividade por parte do educando. Assim sendo, as visitas de estudo integram uma das estratégias que mais motivam os alunos, pela sua índole mais prática, uma vez que o aluno não se limita apenas ao espaço da sala de aula (espaço que não é adorado por muitos) e sai deste espaço, e do espaço escolar em geral, para um novo campo que permite uma maior motivação pelas competências que pode adquirir, propiciando as aprendizagens numa liberdade espacial.

Contudo, a visita de estudo não pode consistir apenas numa simples atividade lúdica do processo de ensino-aprendizagem, que serve somente para retirar o aluno do seu espaço escolar para um “simples passeio”. Aliás a visita de estudo não deve cortar com o ambiente educativo da escola, muito pelo contrário, deve sim criar eixos de relação com o contexto escolar.

Deste modo, é importante referir, no nosso estudo, o que significa para nós o conceito de “visita de estudo”; referenciar quais os papéis que o professor e os alunos devem assumir na mesma e em todo o seu processo de realização; e mencionar de que forma a comunidade envolvente da escola ou do local da visita pode integrar-se nestas diligências de aprendizagem das visitas.

Com efeito, o conceito de “visita de estudo” pode ser entendido a partir do Ofício-circular emitido pelas Direções Regionais de Educação como “ (...) qualquer atividade decorrente do Projeto Educativo de Escola e enquadrável no âmbito do desenvolvimento

de projetos curriculares de escola/agrupamento e de turma, quando realizada fora do espaço físico da escola e ou da sala de aula. Nesta aceção uma visita de estudo é sempre uma atividade curricular, intencionalmente planeada, servindo objetivos e conteúdos curriculares disciplinares e não disciplinares, logo uma atividade letiva, obrigatória para todos os alunos da turma ou para um conjunto de turmas para a qual foi estruturada.” (Ofício-Circular n.º 21/04 de 11 de Março, 2004.) Porém, como já aludimos, este é um conceito muito lato e não há uma clarificação da sua finalidade pedagógica e didática.

Por vezes as visitas de estudo são confundidas, sobretudo no senso comum, com passeios de cariz meramente turístico, ou associando-as a conceitos como saída de campo, visita de campo, trabalho de campo e saída de estudo que, na maior parte das vezes, são consideradas como sinónimos de visita de estudo, e na realidade não o são. No caso do nosso estudo em particular interessa-nos o conceito de visita de estudo, pois foi um dos recursos utilizados na nossa prática (conjuntamente com a Paula Ferreira, colega de Núcleo de estágio, no âmbito da atividade dinamizada para a Unidade Curricular de Problemáticas Históricas).

As visitas de estudo difundem o “desenvolvimento das relações interpessoais, consubstanciando-se numa melhoria das relações professor/aluno; (...) o desenvolvimento de valores e atitudes de sociabilidade, cooperação, respeito e preservação do património histórico, cultural e natural e o desenvolvimento da capacidade de observação, pesquisa e análise.” (Oliveira, 2012, p.1682)

Deste modo, as visitas de estudo promovem a assimilação de conhecimentos e competências que estão para além dos conteúdos curriculares da disciplina, dado que é trabalhado um conjunto de valores que fazem parte da cidadania, como vimos um aspeto fundamental e valorizado na Educação Histórica. Num outro quadro de abordagem, podemos sublinhar que “ser cidadão num país como o nosso, (...) é algo de muito estimulante para a juventude, se para isso for sensibilizada muito cedo. Desta forma, torna-se o conceito de cidadania muito mais consciente, porque se abre caminho à participação direta, quando cada um adquirir plena cidadania, reconhecida legalmente, nas várias formas da vida pública.” (Figueiredo, 1999, p.35).

Para justificarmos a adequação de uma visita de estudo como um recurso utilizado como estratégia de aprendizagem é fundamental compreender que um dos objetivos, tanto da disciplina de História como de qualquer disciplina respeitante às Ciências Sociais (e não só, mas no nosso estudo apenas nos interessa aborda as mesmas), a “observação direta

da temática que pode já ter sido abordada na aula (ou não) constitui uma base essencial pois facilita a compreensão dos factos históricos e patrimoniais.” (Fabregat, 1991, p. 79.)

Através desta proximidade com o conteúdo que está a ser “objeto” de estudo, é possível observar “diferentes espaços, territórios e paisagens.” (Oliveira, 2012, p.1682).

Com efeito, para a dinamização de uma visita de estudo é necessário considerar diferentes fases de um processo de trabalho para a sua realização. Primeiramente elaborar um enquadramento curricular que possa justificar determinada visita de estudo; após esse enquadramento, estipulam-se os objetivos da visita, a logística necessária e garante-se a aprovação institucional e pedagógica.

No que concerne ao professor e aos alunos os mesmos ocupam diferentes papéis no processo da visita de estudo. O papel do professor passa por uma preparação científica para o evento, de forma a facilitar uma resposta a qualquer dúvida que possa surgir por parte dos alunos. Ainda no concernente ao professor, o mesmo deve também estipular, numa fase antecedente da visita, uma tarefa para os seus alunos de modo a que os mesmos possuam uma atitude participativa durante a visita de estudo.

Aos alunos cabe o papel de serem estudantes interessados, com responsabilidade mantendo um comportamento adequado (que é um dos pontos que pode ser considerado negativo nas visitas que estudo), realizar a tarefa proposta pelo professor anteriormente à visita e participar ativamente na mesma.

Neste sentido, uma visita de estudo corresponde a uma atividade que deve ser cuidadosamente e rigorosamente pensada, planeada e elaborada, pois todas as suas fases do processo de realização são basilares.

No contexto do ensino de História as visitas de estudo, como refere Maria Cândida Proença, contribuem para uma aprendizagem mais ativa, pois os discentes adquirem conhecimentos diretamente do local e no local, tornando-se este contacto direto com as fontes históricas um ponto positivo no processo de ensino-aprendizagem.

A utilização da visita de estudo, indo de encontro ao que explica António Almeida, pode prender-se também com uma estratégia de aprendizagem de uma motivação para o início de uma unidade temática ou como um modo para consolidar conhecimentos, sendo aplicada no final do conteúdo ser abordado no contexto sala de aula. Assim, não existe uma regra para as visitas de estudo, não existe a forma única e imutável para a elaboração e realização de uma atividade como a que respeita a visita de estudo, depende dos



objetivos que se pretendem atingir quer da utilização da determinada fonte histórica e patrimonial.

Concluindo, todas as visitas de estudo que são dinamizadas devem cumprir com o método de ensino que se pretende alcançar e motivar para adquirir novos conhecimentos, bem como contribuir para uma diferente pedagogia assente nas atitudes, nos valores e na preservação das memórias e dos patrimónios tangíveis e intangíveis, se for esse o seu objetivo. No caso em estudo para o meu Relatório, esse foi o enfoque e a pertinência desta estratégia.

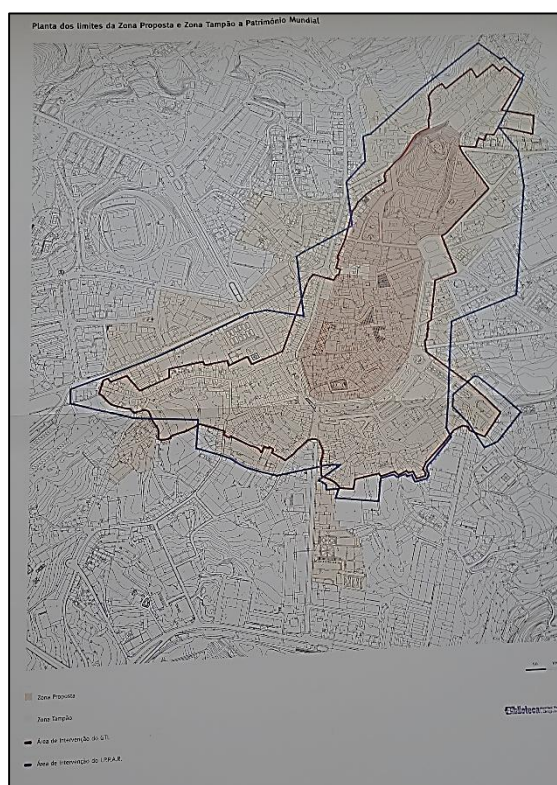
## Capítulo II – Contexto de Intervenção e de Investigação

O presente capítulo procurará respeitar a explanação do contexto da cidade e da escola onde aplicámos o nosso estudo, sendo que no que concerne à cidade, Guimarães, elaboraremos uma pequena síntese com informações importantes ao nível histórico e patrimonial, relevantes para a aplicação do nosso estudo. Ainda como subcapítulo do mesmo, faremos a caracterização do público-alvo que participou na nossa investigação.

### 2.1. Guimarães

O Local da nossa intervenção, Guimarães, respeita uma cidade do Norte de Portugal, distrito da cidade de Braga e pertencente à antiga província do Minho. Com uma população de 54 097 habitantes (INE, 2013) é limitada a norte pelo município da Póvoa de Lanhoso, a leste por Fafe, a sul por Felgueiras, Vizela e Santo Tirso, a oeste por Vila Nova de Famalicão e a noroeste por Braga.

É inegável a riqueza histórica de Guimarães, inclusive o seu centro histórico foi classificado a 13 de dezembro de 2001, pela UNESCO, como Património Cultural da Humanidade.



**Imagem 1-** Planta dos limites da Zona Proposta e Zona Tampão a Património Mundial, 2001

Os seus locais, monumentos e edifícios emanam História e verdadeiros encantos. Uma das principais características históricas de Guimarães são as suas lendas e histórias ligadas à nacionalidade de Portugal, que resultam em expressões como “cidade berço” e “aqui nasceu Portugal”.

Deste modo, quando falámos em Guimarães, principalmente para os vimaranenses incluindo os mais jovens (no nosso caso os estudantes) quase sempre referem a expressão “Aqui nasceu Portugal”, presente fisicamente na cidade numa das suas muralhas, ou seja, a questão da “Origem de Portugal” é talvez das coisas que mais orgulha um vimaranense. Todavia, sabemos que esta temática da origem da Nação é mais complexa. Assim, se formos de encontro ao que os estudos mais recentes mostram acerca da origem da nacionalidade portuguesa que “esta deriva da criação do Estado” temos de reconhecer que a sua primeira forma, ainda muito embrionária, se identifica com o primitivo condado de Portucale mas que a residência oficial dos seus condes se situava em Guimarães. Com efeito, “não podemos falar de condado de Guimarães, mas também não podemos separar o condado do local que era a sede da autoridade que governou o embrião do condado portugalense, enquanto representante do rei de Leão e Astúrias, Afonso III, a partir de 868.” (Morais e Vaz, 2002, p.5) Deste modo, o pormenor de Guimarães constituir, provavelmente, o domínio patrimonial hereditário dos condes de Portucale ligou a cidade eternamente às origens da nacionalidade.

Para além desta ligação de Guimarães às origens de Portugal existe uma outra ligação bastante simbólica que respeita ao primeiro Rei português e está bem patente nos dias de hoje, uma vez que qualquer vimaranense associa D. Afonso Henriques à Identidade Local, como à sua própria Identidade.

Todas estas razões tornam compreensível a expressão metafórica, e de uma elevada expressividade, que considera Guimarães como o berço da nacionalidade.

Para além destas questões ligadas à simbologia de Guimarães com o “berço da Nação” e com o Primeiro Rei de Portugal, o Local carrega uma série de simbolismos ligados à sua História Local, mas também à História Nacional. Esta “presença” da História em Guimarães é notória através do seu famoso Património Cultural Material, mas também do seu Património Cultural Imaterial, o qual foi nosso objeto de estudo.

Não podemos deixar de mencionar a posição destacada que Guimarães tem se atentarmos num conjunto de indicadores para aferir o nível de desenvolvimento urbano,

são eles económicos, Patrimoniais, culturais e paisagísticos. Para o nosso estudo tem uma importância ainda maior os indicadores Patrimoniais, mais propriamente relacionados com o intangível, como já evidenciamos ao longo do presente estudo.

Assim sendo, tendo como objeto de estudo o Património Imaterial de Guimarães e o seu simbolismo para a comunidade, optámos por trabalhar temáticas ligadas à Tradição Oral (com as lendas e histórias sobre a Penha) e às Festas e Romarias do Local, uma vez que também estas são produções simbólicas que exibem os valores culturais e interiorizados de uma determinada comunidade, a nossa intervenção prática consiste precisamente nessa introdução ao estudo das mesmas na disciplina de História.

Posto isto, as Festas trabalhadas foram as seguintes: as Festas Nicolinas, as Festas e lendas da Penha, as Festas Gualterianas, a Festa de Santa Luzia, a Festa da Nossa Senhora da Conceição, a Romaria Grande de São Torcato entre outras. Justifica-se esta escolha uma vez que é necessário prendermos a nossa atenção na valorização e construção social do que é identificativo, culturalmente, em Guimarães, como é o caso das Festas acima elencadas, pois são as mais representativas e próximas dos estudantes.

Tendo em vista um enquadramento histórico das Festas e Tradições Locais que vieram a ser objeto de abordagem por parte dos alunos elaboramos uma pesquisa científica de cada uma das referidas temáticas e passamos agora a apresentar cada uma dos mesmos:

#### 1. Festas Nicolinas

Relativamente às Festas Nicolinas toda a informação científica recolhida baseou-se na revisão bibliográfica da obra “Guimarães e as Festas Nicolinas”, da autoria de Lino Moreira da Silva e da obra “Pregões de São Nicolau” da autoria da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães. Utilizou-se ainda o recurso ao *site* oficial das Nicolinas ([www.nicolinas.pt](http://www.nicolinas.pt)) para o conhecimento científico das temáticas relacionadas com estas Festas, e serviram também para a preparação dos trabalhos que os alunos teriam de realizar (turma de 11.º ano de Artes Visuais).

Deste modo, podemos referir que as Festas em devoção a “São Nicolau em Guimarães têm origem na Idade Média” (Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, Pregões de São Nicolau 1997-2017, 2017, p.7), existindo registo de manifestações das mesmas no ano de 1675. Estas Festas com o nome e em honra a São Nicolau, são as Festas dos Estudantes em Guimarães.

Ao longo do tempo as mesmas foram evoluindo, com algumas mudanças, e são consideradas a base das Tradições Académicas vimaranenses. Aliás estas Festas a par das Coimbrãs são das mais antigas do país.

Uma característica interessante destas Festas é a participação dos “Velhos” e dos “Novos” estudantes (Nicolinos), “o que faz com que entre os dias 29 de novembro e 6 de dezembro se reúnam diferentes gerações de Nicolinos (estudantes participantes da Festa).” (Ibidem, p.9) Algo importante a referir é o pormenor que todos os Estudantes que participam destas Festas são exclusivamente do sexo masculino, não tendo as raparigas um papel ativo nas mesmas.

Marcadamente únicas, as Festas Nicolinas são caracterizadas pelas “Tradições populares, pela influência do romantismo e do classicismo e também pela intervenção ou crítica social.” (Ibidem, p.9) Claro que não podemos esquecer de mencionar que estas Festas são marcadas pelo som do batimento de bombos e caixas, característico som de fundo das Festas Nicolinas, uma vez que quem visita a cidade nestes dias dificilmente fica indiferente a este som que ecoa na histórica cidade.

Especificando agora os “números” (atuações) das Festas Nicolinas, que se pretendeu que fossem abordados pelos alunos, os mesmos como não cabiam todos no dia de São Nicolau foram-se repartindo pela semana de 29 de novembro a 6 de dezembro, a partir dos finais do século XIX. Assim sendo, estas Festas foram reunindo os tais “números” que fazem parte da sua matriz e são eles: as Novenas, as Ceias, o Pinheiro, as Posses, o Magusto, as Roubalheiras, o Pregão, as Maçãzinhas e as Danças (temas da pesquisa dos alunos do 11.º ano de Artes Visuais).

Apresentamos a seguir uma breve apresentação de cada um destes números:

### 1.1. Novenas

Esta é uma Festividade com temática também religiosa, uma vez que é em “honra da Nossa Senhora da Conceição (padroeira de Portugal a partir do reinado de D. João IV), que vê as suas celebrações em Guimarães desde o século XIV, com bastante enraizamento popular” (Ibidem, p10), e por esse facto no mesmo século foi levantada a Capelinha da Nossa Senhora da Conceição.

A Tradição dos estudantes na celebração dos nove dias antecedentes ao dia 8 de dezembro (dia reservado na religião católica para a Imaculada Conceição) resulta desta importância que a Senhora tinha e continua a ter para a comunidade. Deste modo, os

“estudantes assistiam às Novenas sempre acompanhados dos seus bombos e caixas.”  
(*Ibidem*, p.10)

Nesta Festividade temos a união do profano com o religioso, que é bastante comum com outras Festas identitárias de Guimarães.

### 1.2. Ceias

O nome Ceias resulta precisamente no costume dos estudantes cearem após o erguer do Pinheiro (próximo número a ser explicado), resultando assim no “convívio entre todos. Porém essa ceia foi substituída por uma jantar que reúne à Mesa várias gerações de Nicolinos.” (*Ibidem*, p.10)

Estes jantares que no passado enchiam qualquer taberna vimaranense ainda hoje conseguem encher qualquer restaurante da cidade, “jantares bem marcados pelo convívio, brindes, discursos, pequenas discussões e divagações filosóficas, constituindo o momento da Ceia a primeira fase da grande noite da Festividade do Pinheiro.” (*Ibidem*, p.10)

### 1.3. Pinheiro

Esta Festividade marca o anúncio das Festas Nicolinas, através do erguer de um pinheiro (o mais alto da região) no final de um cortejo.

Podemos referir que é uma das principais atrações de Guimarães, atraindo várias pessoas de cidades vizinhas e não só. A origem deste cortejo remonta aos “inícios do século XIX, e a sua essência, o seu modelo permanece igual: o Pinheiro é oferecido por uma família rica de Guimarães e é decorado com lanternas, seguindo deitado em carros de bois, sendo importante referir que à sua frente segue a figura de Minerva, deusa da sabedoria. No cortejo seguem também os estudantes, novos e velhos nicolinos, que sem parar tocam as suas caixas e bombos, executando o tão identificativo Toque do Pinheiro.” (*Ibidem*, p.11)

Deste modo, nas Festas Nicolinas o Pinheiro levantado significa o momento que introduz os vários acontecimentos e manifestações que lhe seguirão, representa para todos o início das importantes Festas Nicolinas.

“O cortejo do Pinheiro é dos mais concorridos, muito pelo facto de juntar os Novos e os Velhos Nicolinos, isto é, reúnem todas as gerações que para relembrar os velhos e novos tempos.” (*Ibidem*, p.11) Tanto estes Novos e Velhos são caracterizados pelo seu

barrete na cabeça e a sua energia inesgotável para entoar durante todo o cortejo vários cânticos.

#### 1.4. Posses

As Posses constituem a recolha por parte dos estudantes de várias oferendas. Com o toque característico, claro está, dos bombos e caixas seguiam os estudantes a reclamar as Posses (as referidas oferendas que lhes são ofertadas), “a Tradição implicava os estudantes levantarem (literalmente) as várias posses nos locais onde sabiam que iriam ser bem-recebidos, ou então estas eram enviadas para o Largo do Toural, local onde se aguardava o início do Magusto.” (*Ibidem*, p.12)

Estas referidas Posses consistiam em bens comestíveis, “mas existiam outras só de atos ou de conversa, intituladas de Macarrónicas.” (*Ibidem*, p.12)

Algumas destas Posses ficaram famosas, e entre elas podemos destacar as do Cucúsio glosadas por Raul Brandão, pois tratam-se de um texto inserido na obra de Raúl Brandão “A Farsa”, onde o escritor narra uma Posse Nicolina do século XX.

#### 1.5. Magusto

Após a recolha das Posses, como já foi referido “iniciava-se o Magusto, onde eram aproveitadas as oferendas, levadas para junto do Pinheiro e onde claramente por se tratar de um Magusto se acendia uma fogueira gigantesca.” (*Ibidem*, p.12) Também como é característico dos Magustos, comia-se e bebia-se durante toda a noite e os Nicolinos partilhavam a sua comida e bebidas com o povo que passava, passando todos a conviver uns com os outros, servindo também para o reforço da ligação entre a comunidade vimaranense com as referidas Festas.

No entanto, os “desacatos que começaram a existir levaram à sua proibição por parte das autoridades. Contudo, nos dias atuais o mesmo foi reimplantado como o final das Posses, sendo a Praça de S. Tiago o local escolhido para a sua realização.” (*Ibidem*, p.12)

#### 1.6. Roubalheiras

Findado o Magusto, existe a tradição das Roubalheiras, que como o nome indica consiste nos estudantes espalharem-se pela cidade e mudar de lugar os mais variados objetos que encontram, na grande maioria das vezes nas varandas das casas por onde passam, ou mesmo da rua (por exemplo tabuletas trocadas).

“Estas Roubalheiras têm origem num antigo costume da região das Festas de São João, a noite das fogueiras.” (*Ibidem*, p.13)

Nos tempos correntes as mesmas não têm um dia fixo com a finalidade de serem secretas, avisando-se previamente apenas as autoridades.

#### 1.7. Pregão

O Pregão realizado a 5 de dezembro consiste na declamação de um texto satírico da autoria dos Nicolinos (dos Novos e Velhos). Este é recitado com o maior dramatismo e expressividade por um “estudante-pregoeiro em vários locais da cidade” (*Ibidem*, p.13), existindo mais uma vez um cortejo realizado pelos Nicolinos, e uma vez mais bombos e caixas entoam, nesta Festividade tocando o chamado “Toque do Pregão”.

As origens deste Pregão a São Nicolau remontam ao costume medieval de publicitar mensagens com variados assuntos que interessam à comunidade, para tal recorriam a um pregoeiro a cavalo que envolto por peões que com tambores se faziam anunciar, mais uma vez estamos perante a utilização de costumes passados em Festas do presente, uma característica fundamental para caracterizar as Festas Nicolinas.

#### 1.8. Maçãzinhas

Este número festivo envolve, mais uma vez, um cortejo. Porém, este é dos mais marcantes nas Festas Nicolinas, a par do cortejo do Pinheiro. Este cortejo realizado com carros alegóricos, onde em cima dos mesmos vão os Estudantes com uma lança enfeitada com várias fitas oferecidas por amigas e namoradas (colocadas na ponta de uma cana onde se colocam também as maçãs ou pequenas maçãs daí o termo Maçãzinhas). Estas maçãs tinham como fim ser oferecidas às “donzelas” que se encontravam nas varandas e janelas à espera do que os seus “amados” lhes iriam oferecer, para por fim lhes retribuírem com pequenos presentes colocados na ponta da lança dos rapazes.

Julga-se que a origem deste número possa evocar “o movimento romântico que atravessou a europa nos finais do século XVIII e século XIX.” (*Ibidem*, p.14) E ao que se conhece o número existe desde a terceira década do século XX, com a sua realização sempre no dia 6 de dezembro o dia mais significativo das Festas Nicolinas, o dia de São Nicolau. Dizem os Nicolinos, por este ser um dia especial, é também o dia reservado para a figura feminina, uma vez que estas não participam nas referidas festas.



### 1.9. Danças

“As origens das Danças prendem-se com a necessidade de se angariar fundos para a manutenção do culto a São Nicolau, essa necessidade levou a que decidissem realizar danças e representações como determinava o Compromisso da Irmandade de São Nicolau, com data de 1691.” (*Ibidem*, p.15)

Esta Festividade foi tendo alguns altos e baixos ao longo do tempo existindo mesmo períodos em que não foram realizadas. No entanto, “desde 1986 que se realizam ininterruptamente.” (*Ibidem*, p.16)

As Danças de São Nicolau como são o número que encerra as Festas Nicolinas terminam com a entoação do hino escolástico pelos Estudantes Novos e Velhos.

### 1.10. Baile

O Baile é outro dos momentos que encerra as Festas Nicolinas. A Comissão de Festas Nicolinas recuperou, atualmente, esta Tradição do referido Baile com o seu sentido e enquadramento etário original, que respeita um baile de gala destinado aos Estudantes acompanhados pela figura feminina simbolizando a sua “amada” (uma vez mais a mulher como um agente passivo destas Festas), e tem como objetivo algo que é inerente aos Bailes de Finalistas das escolas que é a despedida, no caso, os Estudantes Nicolinos despedirem-se destas tão acarinhadas Festas Académicas, as Festas Nicolinas.

## 2. Penha

Relativamente à abordagem da temática do Património Imaterial da Penha a mesma englobou diferentes locais da referida Montanha, rica em Festas, simbologias e lendas, unindo o Património Material da mesma com a sua Imaterialidade. Devemos referir que o nosso apoio bibliográfico não foi em grande número como desejaríamos, uma vez que a bibliografia existente sobre a temática da Penha é bastante escassa. No entanto, amparamos o nosso estudo, essencialmente, na única obra completa sobre o conteúdo, “Penha, Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha”. Assim sendo, trabalhámos sobre os seguintes temas:

### 2.1. Santuário da Penha

A Penha assume de forma notável a sua presença como local sagrado, onde grutas e capelas fixam o culto cristão e onde o desejo de construção de um santuário dedicado

à Virgem ganhou, pela primeira vez, forma em projeto de João Fonseca Lapa, em 1897. A execução deste projeto chegou a ser iniciada sem que no entanto, tivesse passado dos alicerces. Apesar da falta de uma igreja adequada ao culto das massas, a Penha continuava a receber em peregrinação muitos fiéis e a sua popularidade crescia com o passar dos tempos. Todavia, o sonho da construção de um templo na Penha não esmoreceu, começando o mesmo a delinear-se em 1930, quando é pedido ao arquiteto Marques da Silva a elaboração do projeto para uma igreja.

O projeto é apresentado em Junho de 1931 e de imediato se iniciam as obras. No dia 4 de Fevereiro de 1939 deflagrou um incêndio na capela-mor que destruiu por completo o antigo retábulo do altar de talha dourada. Porém, as obras prosseguem, demonstrando o arquiteto a vontade de ajudar, reconstruindo o que ficara danificado.

Nesse mesmo ano, a Irmandade agradecia-lhe o empenho e o trabalho, nomeando-o irmão benemérito: “Homenagem de gratidão a quem tão desinteressadamente tem prestado o seu valiosíssimo concurso de Arte no engrandecimento e embelezamento da encantadora estância da Penha.” (Meireles, 1994, p.10)

No dia 6 de Junho de 1947, no mesmo ano de conclusão deste projeto, falecia o arquiteto, sem ver completamente concluído o seu projeto para o Santuário da Penha. Contudo, as obras continuaram com a colaboração dos arquitetos Maria José Marques da Silva (filha de Marques da Silva), e David Moreira da Siva (genro de Marques da Silva).

## 2.2. Monumento aos Aviadores

O Monumento dedicado a Gago Coutinho e Sacadura Cabral é uma obra do Professor José de Pina, que levou cinco anos a esculpi-lo na rocha. É um Monumento comemorativo do “último dos grandes feitos da gesta heroica lusitana, a travessia aérea do Atlântico Sul por dois aviadores solitários que levavam com eles o denodo, a coragem e o espirito aventureiro do povo português.” (Cachada, 1992, p.144)

Estes dois aviadores foram alvo de homenagens nacionais e a Câmara de Guimarães “deliberou erguer na Penha um Monumento que fizesse perdurar para a posteridade o feito destes heróis.” (*Ibidem*, p.144) Após cinco anos os trabalhadores dirigidos por José de Pina “deram por terminado o Monumento colocando-lhe o ramo de oliveira, símbolo de obra acabada, em junho de 1927.” (*Ibidem*, p.144)

### 2.3. Capela de São Cristóvão

“A Capela de São Cristóvão surge ao lado de uma torre acastelada e sobre diversos e enormes penedos, cuja disposição formam a Gruta da Senhora do Carmo (...) Esta construção foi inicialmente designada por “Casa do Relicário” ou apenas “Relicário.” (Pinto e Barroso, 2005, p.145)

Respeita um templo religioso cuja construção foi iniciada em 1880 e concluída no ano seguinte (tendo sido benzida em 1882). Foi “adaptada de forma a albergar a imagem representativa de São Cristóvão (oferecida pelos motoristas de Guimarães para a veneração dos fiéis).” (*Ibidem*, p.145)

A torre da Penha, ou de São Cristóvão, “é uma infraestrutura ameiada de estilo medieval, que serve também de privilegiado miradouro sobre o ponto mais alto da penedia em que se encontra a Gruta da Senhora do Carmo.” (*Ibidem*, p.155)

Nos dias de hoje representa mais um local de culto da Penha, muito visitado pelos crentes, motivo do qual existe se justifica a realização na Penha de uma festa anual no último domingo de julho (a seguir ao dia litúrgico de São Cristóvão, 25 de julho).

### 2.4. Nicho de Santo Elias

“Localiza-se no enfiamento de enormes penedos, cuja disposição se deve a uma formação natural, precisamente na entrada da protetora gruta-ermida onde se venera a Senhora do Carmo. Trata-se de uma curiosa “construção” rochosa que o engenho e a fé humana transformaram num nicho num exíguo espaço dedicado ao Santo Elias” (*Ibidem*, p. 179), a quem a tradição popular atribui a causa ou padroado do sono.

Deste modo, as deslocações até este Nicho são na maior parte das vezes motivadas por devotos, em cumprimento das suas promessas, que esperam ver solucionados, através da sua fé, os seus problemas relacionados com o sono.

Todavia, não apenas crentes visitam o Local, como muitos curiosos e visitantes que esperava ver o lugar que tem uma passagem estreita e um pequeno percurso entre os penedos.

“O dia do calendário litúrgico romano dedicado à celebração festiva do Santo Elias é 20 de Julho.” (*Ibidem*, p.181)

## 2.5. Gruta da Nossa Senhora do Carmo

A Gruta da Nossa Senhora do Carmo concerne a uma espécie de “escavação” entre penedos, onde viveu em retiro espiritual o monge carmelita Guilherme Marino, no início do século XVIII. Guilherme Marino recolheu-se na crista da serra da Penha e transformou a Gruta em capela. “O monge terá colocado uma imagem em madeira da Virgem, trazida de Braga, adotando-a para a invocação e veneração mariana, traduzindo isto no momento fundador do culto mariano na Montanha da Penha.” (*Ibidem*, p.97)

No que concerne à sua simbologia, atribuem-se vários milagres à Senhora do Carmo da Penha como por exemplo, “a cura de uma criança muda à nascença, cuja intervenção milagrosa tinha sido solicitada à Virgem pela sua mãe; a salvação de uma mulher gravemente enferma, grávida de quatro ou cinco meses e já sem esperança de vida; a cura de um rapaz encamado; e o tratamento de uma senhora de quem se dizia endemoniada.” (*Ibidem*, p.98) Estas narrativas estão preservadas e difundidas pela Tradição oral, e ainda nos perduram nos dias de hoje.

O local foi adaptado para templo religioso rupestre, por assentar em estruturas naturais e primitivas e estar rodeado de penedo, e por isso mesmo é também designado por Gruta ermida de Nossa Senhora do Carmo. O templo tem ainda o Nicho de Santo Elias na sua entrada e é composto pelo altar principal, dedicado à Virgem do Carmo.

A Senhora do Carmo da Penha tem uma Festa religiosa, reafirmada a partir de 1872, que se realiza no domingo seguinte a 16 de julho de cada ano. Este culto é mais antigo que a fundação da respetiva Irmandade.

## 2.6. Monumento ao Papa Pio IX

“A definição dogmática da Imaculada Conceição confirmou oficialmente a fé popular à Virgem. Mas também suscitou um certo dinamismo devocional em Portugal, ao ponto de se pretender erguer um monumento nacional que assinalasse a definição promulgada pelo Papa Pio IX. No Sameiro, em Braga, essa pretensão concretizou-se primeiramente, em 1869, com a edificação de um monumento e, depois, de um santuário dedicado à Imaculada Conceição de Maria.” (*Ibidem*, p.149)

Na Penha, esta definição dogmática da Virgem foi destacada também com um monumento, cuja construção se iniciou mais tarde, em 18 de Junho de 1882, com a “solene colocação da primeira pedra tendo sido inaugurado onze anos depois (em 8 de Setembro de 1893), em homenagem ao Papa que, em 1854, permitiu que o lugar se tornasse sagrado e dedicado à Imaculabilidade de Nossa Senhora.” (*Ibidem*, p.149)

Trata-se também de um miradouro privilegiado para os locais e cidades circundantes.

Importante referenciar ainda no ano 2004 “assinalaram-se as celebrações do centenário da Coroação da Imagem da Senhora da Conceição do Monte do Sameiro, em Braga, e dos 150 anos da definição do dogma, revelando-se a afeição popular à Virgem Maria venerada como Imaculada Conceição, entre as inúmeras invocações com as quais os devotos se dirigem a Nossa Senhora.” (*Ibidem*, p. 151)

## 2.7. Capela de Santa Catarina

Esta Capela consiste num “pequeno templo, escondido entre penedos” (*Ibidem*, p.89), e está localizado na parte sul do Cume da Montanha da Penha. Segundo a bibliografia que analisamos “é provável que este templo tenha sido erguido entre os séculos XV e XVI, precisamente devido aos séculos que se julga ter, a capela terá sido alvo de várias reformas ao longo do templo.” (*Ibidem*, p. 90)

Apesar da ausência de provas documentais, conta-se que talvez esta antiga “capela tenha sido erigida num local sobranceiro como o resultado de um processo de crença baseada na função de proteção das lendas maléficas e de clamores de inspiração medieval.” (*Ibidem*, p.90)

Na Penha esta Santa tem uma Identidade própria no imaginário popular do local, assumindo-se como uma pastora virtuosa e protetora das comunidades em torno da serra. “De tal modo estimado e venerada pelas populações vizinhas que estas, para cimentarem as suas crenças e os motivos piedosos sobre a Santa, alimentam uma lenda que insiste em historiar um feito corajoso e inteligente de Santa Catarina.” (*Ibidem*, p.94)

A capela de Santa Catarina é outro dos centros devocionais da Penha, sendo esta dedicada aos caçadores de Guimarães, a sua Festa ocorre no domingo imediato após o dia evocativo da Santa, neste caso 16 de junho. A festa religiosa é breve, e à celebração tradicional, organizada pelo Clube de Caçadores de Guimarães, concorrem algumas dezenas de populares.

Existe também uma fonte com o nome da referida Santa, pelo que a sua água é “considerada pura ou até santa pelos devotos, sendo solenemente benzida a 13 de junho de 1887.” (*Ibidem*, p.92)

## 2.8. Gruta de Nossa Senhora de Lurdes

A Gruta da Senhora de Lurdes situa-se anexa ao monumento dedicado ao Papa Pio IX. “A colocação da imagem numa gruta batizada em homenagem à Virgem, por ocasião da festa de Nossa Senhora do Carmo (em 17 de julho de 1892), originou a primeira peregrinação anual à Penha em 8 de setembro de 1893 (no mesmo dia da inauguração do monumento dedicado ao Papa Pio IX).” (*Ibidem*, p.157)

A imagem da Virgem de Lurdes foi enaltecida em 19 de julho de 1893. A partir desta data passaram a realizar-se as peregrinações anuais à Penha. Posteriormente, houve sucessivas intervenções no local, sendo que mais tarde se verificou a ampliação e reforma do espaço dedicado ao culto mariano.

## 3. Principais Romarias de Guimarães

Ao contextualizarmos aquela que veio a ser a última intervenção da prática do nosso estudo, surgem algumas das principais Festas vimaranenses, que não tinham sido ainda referenciadas. No enquadramento prático das mesmas vamos passar a explicar, sucintamente, no que consistem três dessas Festas, por serem as Festas que despertaram maior interesse e pelas quais existiu um maior número de trabalhos.

Com efeito, segue a breve descrição de cada uma delas, apoiada na leitura bibliográfica do livro “Romarias de Guimarães, património simbólico, religioso e popular”:

### 3.1. Romaria Grande de São Torcato

Intitulada por alguns como a maior Romaria do Minho, o seu início é a 5 de julho e tem normalmente a duração de quatro dias. Estas Festas como o nome indica são em honra do Santo padroeiro da freguesia de São Torcato, que é precisamente o Santo com o mesmo nome.

A Romaria é constituída por uma grande procissão e a mesma constitui uma tradição única a nível nacional, pois os seus carros alegóricos, apenas dois, são decorados a cetim transportando um pequeno grupo de raparigas que ecoam cânticos ao seu Santo padroeiro

### 3.2. Festas Gualterianas

As Festas Gualterianas veem a sua celebração ser em honra de São Gualter, realizam-se em Guimarães já desde o ano de 1906. São celebradas sempre no primeiro fim-de-semana de agosto, atraindo muitos visitantes como também a participação com bastante ênfase de milhares de vimaranenses.

Destas denominadas Festas Gualterianas fazem parte diferentes números festivos como: Cortejo do Linho, Batalha das Flores e a Marcha Gualteriana. A sua Marcha, com o desfile dos carros alegóricos é sempre um momento alto das Festas da Cidade e viu o seu início também em 1906, dada a importância da mesma nos anos 60 do século XX foi adquirido um imóvel onde até hoje está sediada a Casa da Marcha, atualmente Associação Artística da Marcha. Podemos efetivamente dizer que a Marcha Gualteriana marca todas as Festas Gualterianas e é a Festividade mais representativa das mesmas, constituindo-se ao longo do tempo como uma verdadeira joia da coroa das Festas da Cidade de Guimarães.

Algo característico das Festas Gualterianas é o espírito bairrista em relação à cidade, uma vez que apelam sempre ao empenho e dedicação dos vimaranenses, estando bem presente nas mesmas a questão da Identidade Local.

### 3.3.Festa de Santa Luzia

Esta Festa que acontece todos os anos a 13 de dezembro junto à Capela de Santa Luzia tem uma rica Tradição, que ainda nos dias de hoje se mantém. Esta Tradição consiste numa venda de doces, os tradicionais e característicos Sardões e Passarinhas, ao qual os rapazes deveriam oferecer os Sardões às raparigas e estas se estivessem interessadas em namorar deveriam retribuir com uma Passarinha. Claro que este ritual original de pedido de namoro já não se mantém, mas as pessoas continuam a comprar os seus Sardões e Passarinhas, referindo a sua Tradicional simbologia.

## 2.2. A Escola Santos Simões e o seu meio envolvente

A Escola E, B 2,3/ S Santos Simões é uma instituição escolar do ensino público, que possui ciclos de estudos desde o 5.º ano de escolaridade até ao 12.º ano, incluindo alguns cursos profissionais.

A Escola está inserida na periferia do concelho de Guimarães, e a sua área geográfica abrange freguesias como Serzedo, Infantas, Mesão Frio, Costa e Azurém.

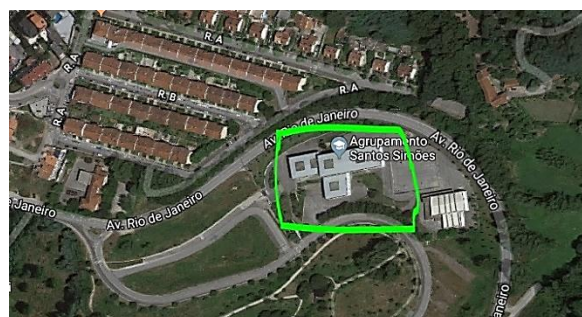
No panorama económico, social e paisagístico coexistem duas zonas distintas: uma com uma predominância da indústria, comércio, construção civil e serviços, pertencente à área urbana periférica da cidade de Guimarães; e uma outra zona focada na agricultura (em declínio de importância económica e social), alguma indústria e um pequeno comércio disperso.

A denominação da Escola respeita também a designação do Agrupamento, que resultou da fusão, em 2007, entre o Agrupamento Horizontal de Escolas Belos Ares (com 8 anos de existência) e a Escola E, B 2, 3/ S Santos Simões <sup>1</sup>(com 2 anos de existência).

A Escola e o Agrupamento dinamizam distintas e variadas atividades, porém a Escola Santos Simões tem uma particularidade interessante pois inclui dentro do espaço da Escola um gatil, o “Gatil Simãozinho”.



**Imagem 2-** Imagem retirada do "Google Maps" da localização geográfica da escola na cidade de Guimarães

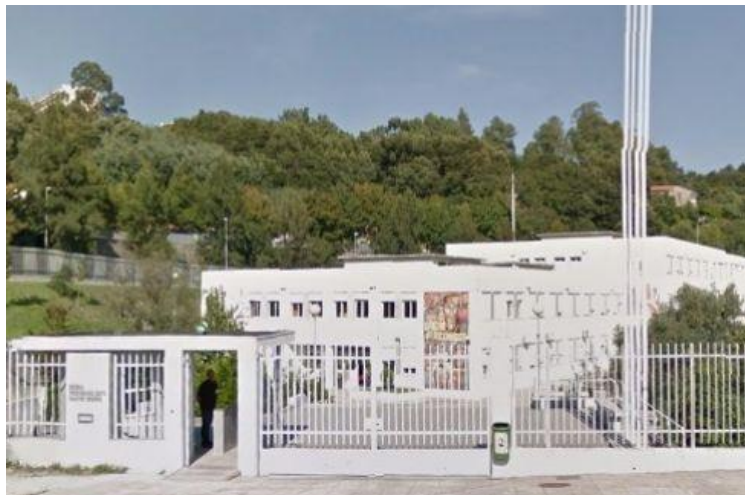


**Imagem 3-** Localização da escola. Imagem retirada do "Google Maps"

---

<sup>1</sup> Joaquim Santos Simões nasceu no dia 12 de agosto de 1923 em Penela e veio a falecer a 23 de junho de 2004 em Fafe. Teve um importante papel como dinamizador cultural, principalmente dos locais onde viveu, em especial Coimbra e Guimarães. Em 1957 mudou-se para Guimarães onde lecionou Matemática e foi dinamizador e fundador de várias associações culturais, porém devido à perseguição da PIDE foi afastado do ensino e só após a Revolução de abril voltou a lecionar. Morreu no Hospital de Fafe pouco depois da atribuição do seu nome à Escola Secundária da Veiga, agora Escola Básica e Secundária Santos Simões.





**Imagem 4-** Fachada principal da Básica e Secundária Santos Simões

### **2.3. O público-alvo: caracterização das turmas**

O nosso estudo incidiu sobre turmas do Ensino Básico e Secundário, permitindo assim a obtenção de uma multiplicidade de respostas e a elaboração de quadros comparativos com os diferentes níveis de ensino. Trabalhámos com quatro turmas do 9.º ano (referidas como 9.º 1, 9.º2, 9.º3 e 9.º4 <sup>2</sup>), e com uma turma do 11.º ano de Artes Visuais ( aqui denominada como 11.º 2 <sup>3</sup>), sendo lecionada nesta última turma a disciplina de História da Cultura e das Artes. As mencionadas turmas foram da professora orientadora, Carla Sanfins.

Todo o trabalho realizado para o nosso estudo foi aplicado em termos práticos nestas cinco turmas, que coincidem com todas as turmas do estágio profissional. Justificamos a escolha de trabalhar o Património Imaterial Local com todas as turmas do estágio, uma vez que é uma temática independente do programa podendo-se inserir nos diferentes níveis de ensino utilizados, e também para rentabilizar todo o número de respostas ao estudo. Todavia as cinco turmas não trabalharam temáticas iguais.

Deste modo, para este estudo contámos com uma amostra de 82 alunos do 9.º ano, e 12 alunos do 11.º ano.

O 9.º 1 contou com um total de 28 alunos, 10 rapazes e 18 raparigas. Importa referir que nesta turma (tal como na do 9.º 2 e 3) estavam inseridos dois alunos de outros

---

<sup>2</sup> A terminologia original das turmas foi alterada para garantir o anonimato dos alunos que participaram neste estudo.

<sup>3</sup> A terminologia original das turmas foi alterada para garantir o anonimato dos alunos que participaram neste estudo.

pontos do país, sendo que para estes a realidade da História Local (no caso, Guimarães) não lhes era tão próxima.

Relativamente ao 9.º 2, este contou com uma amostra de 24 alunos, 14 rapazes e 10 raparigas. Constituindo, estas duas primeiras as turmas com um maior número de alunos.

Por outro lado, a turma 9.º 3 foi composta por 18 alunos, 11 rapazes e 7 raparigas. Ainda nesta turma é de salientar a presença de um aluno com necessidades educativas especiais, que não contou para o nosso estudo pois poucas vezes comparecia às aulas.

Tal como o 9.º 3, também o 9.º 4 representou uma amostra mais pequena em comparação com as duas primeiras turmas, o mesmo contava com um total de 15 alunos, 8 rapazes e 7 raparigas. A média de idades de todas as turmas do 9.º ano rondou os 15 anos.

Todas as mencionadas turmas do 9.º ano com que trabalhámos revelaram sempre, ao longo de todo o processo de trabalho, um grande empenho e dedicação nas tarefas que lhes eram propostas. Na generalidade todos os alunos foram sempre muito competentes com as suas tarefas, pontuais e assíduos e com um comportamento exemplar. A pequena falha que se pode apresentar é a dificuldade de alguns alunos não cumprirem criteriosamente com os prazos de entrega dos trabalhos propostos, mas nada de muito grave. O 9.º ano foi o ano com o qual mais trabalhámos, e estes alunos mostraram sempre uma grande receptividade com a temática do Património Imaterial, sendo sempre dinâmicos e participativos ao longo de todo o nosso estudo.

No que concerne à turma do ensino secundário, o 11.º de Artes Visuais, a mesma foi composta por uma amostra de 12 alunos, 6 rapazes e 6 raparigas, dos quais um aluno com necessidades educativas especiais.

Apesar do 9.º ano representar uma amostra maior, trabalhar com o 11.º foi igualmente muito proveitoso, uma vez que eram todos providos de uma extrema boa educação, com uma postura e comportamento exímios e sempre se apresentaram cooperantes com o nosso trabalho, com as atividades que lhes eram propostas, pondo nelas sempre um grande esforço e entrega.

Sintetizando, todas as turmas envolvidas no nosso estudo de caso fizeram com que o mesmo se tornasse uma realidade, pois sem elas não teria sido possível a sua concretização, sempre receptivas a novas metodologias e estratégias de ensino,

nomeadamente à introdução da temática do Património Imaterial na disciplina de História, e foi também possível uma boa relação entre professora e alunos.

## **Capítulo III – Metodologia de Trabalho, Instrumentos da Recolha de Dados e Apresentação e Análise dos Dados de Investigação**

Este capítulo tem como objetivo explicar a metodologia de trabalho aplicada para a obtenção de respostas à questão de partida e às questões orientadoras do nosso estudo de caso.

Assim, como a nossa questão de partida se prende com o Património Imaterial, mais concretamente com as Tradições Locais e a sua influência no ensino da História todo o trabalho realizado se prendeu com o objetivo de sensibilizar os alunos para o valor e conservação desse Património, aproximando os alunos à sua Localidade e, por sua vez, à História.

Com efeito, este capítulo é dedicado à narração minuciosa de tudo o que foi feito na sala de aula, dentro da escola e fora da mesma.

### **3.1. Metodologia de Trabalho e Instrumentos de Recolha de Dados**

Indo de encontro ao objetivo principal do nosso trabalho de aproximar os alunos à sua Localidade, e através desta à História, delineámos os pontos fundamentais para colocar em prática. Para além deste nosso objetivo primordial pretendemos também entender se a temática do Património Imaterial, com as Tradições Locais, representa para os alunos um bom recurso a utilizar na disciplina de História. Deste modo, tudo o que foi realizado no estágio em relação ao nosso estudo teve a necessidade de responder a esta questão de partida como algo essencial, bem como perceber se os alunos ao trabalhar em História uma temática diferente da habitual se sentiriam mais motivados.

Posto isto, a nossa metodologia assentou no trabalho dos alunos (sob a orientação da professora estagiária) sobre as principais Tradições de Guimarães com o objetivo de reunir alguns desses trabalhos e expor os mesmos num *site/blog* com o nome que dá também título ao nosso relatório, “Lembrar Guimarães” (consultar Anexo XXV, p.150). Assim sendo, todas as pesquisas e trabalhos realizadas pelos alunos ao longo do ano sobre o Património Imaterial seguiam o mote de “Lembrar Guimarães” com o intuito de preservar e divulgar as relativas Tradições, motivando também os alunos com a associação do mundo digital ao mundo da História, de forma a criar uma certa originalidade relativamente ao que os alunos estão habituados na disciplina.

Porém, o trabalho realizado em sala de aula não foi tanto quanto se desejava, uma vez que a temática da Cultura Imaterial Local quase, ou nunca, se enquadrava diretamente no programa de História do 9.º ano ou do 11.º de História da Cultura e das Artes, ou seja, o tema do nosso estudo de caso caracteriza-se por ser independente do programa, levando a que as aulas destinadas ao mesmo fossem em menor número (pois sabemos as dificuldades com que os professores se debatem para cumprir os programas). Desta forma, a escolha pela pesquisa e recolha de diferentes tipos de trabalhos tornou-se um meio para conseguirmos trabalhar o mesmo, contornando o entrave das aulas destinadas ao Património Imaterial. Também a aplicação de dois questionários e a participação ativa dos alunos numa visita de estudo serviram como instrumentos para conseguirmos respostas e reflexões sobre o nosso estudo.

Foram calendarizadas e planificadas as possíveis aulas onde as Tradições Locais podiam ser abordadas e, desta forma, estruturam-se as mesmas bem como a aplicação do nosso trabalho com os alunos.

Iniciámos então o nosso processo de trabalho com a turma do 11.º ano de Artes Visuais. Aproveitando a participação destes alunos nas “Festas Nicolinas”, para um número que junta todos os estudantes da cidade num cortejo alegórico, as “Maçãzinhas”, carregado de Tradição e simbolismos, e beneficiando também do estudo por parte da Câmara Municipal de Guimarães para a candidatura das “Nicolinas” a Património Oral e Imaterial da Humanidade, considerámos estar reunidas condições para colocar em prática o nosso projeto.

Deste modo, foi importante inquirir os alunos sobre as ditas “Festas” num questionário (consultar Anexo I, pp.103 e 104), comparando-as com outra das Festas mais importantes de Guimarães, as Gualterianas, e entender o que eles conheciam sobre as mesmas, e até que ponto estas Festas tradicionais se relacionavam com os conceitos de Identidade e Cidadania para eles.

Este questionário, bem como a introdução ao tema, foram inseridos nos quinze minutos finais de uma aula da professora orientadora. Antes mesmo de os alunos preencherem o questionário, existiu o cuidado de se fazer a despistagem de vocabulário e, nomeadamente, perceber se os alunos entendiam os conceitos de Identidade e Cidadania, presentes no mesmo. O referido questionário, não pretendia ser um inquérito muito abrangente e complexo, mas algo mais simples, com uma linguagem clara, centrado na importância que os alunos davam ao Património Imaterial de Guimarães, para tal o

mesmo estava composto por apenas onze questões, dividido em duas partes: uma primeira respeitante aos dados pessoais dos alunos (sexo, idade, ano e turma); e outra parte direcionada para o conhecimento dos alunos sobre as suas Tradições Locais, maioritariamente com questões de resposta fechada e duas questões de resposta aberta. Enquanto os alunos iam respondendo às questões do inquérito era notória a sua motivação, e até uma certa exaltação por parte deles em relação à temática, uma vez que nunca foi inserida numa outra disciplina.

É importante referenciar que num momento posterior ao questionário sucedeu-se a participação dos referidos alunos numa das Tradições das Festas Nicolinas, as Maçãzinhas, como já foi dito anteriormente (consultar Anexo II, pp. 105 e 106). Esta participação foi marcada pela polémica (consultar Anexo III, P.107). Dado que a Tradição das Maçãzinhas consiste no dia dedicado às raparigas, por estas não poderem participar pois apenas lhes está reservada a função de assistir (uma vez que, segundo a Tradição, como já averiguamos no capítulo anterior, é a elas a quem se destinam todos os comportamentos festivos masculinos), sendo este dia, o dia mais significativo 6 de dezembro dia São Nicolau, dedicado às mesmas. Assim compete às raparigas estarem simbolicamente nas varandas onde assistem aos desfiles e respetivos números dos rapazes que passam por baixo das mesmas, e oferecem com uma lança (com respetivas mensagens) as maçãs às raparigas. Com efeito, todo este dia é marcado pela divisão dos sexos, isto é, os rapazes preparam a atividade num determinado local e as raparigas noutro, aos rapazes está encarregue a função, claramente de inspiração romântica, de fazer uma oferenda à sua amada, e às raparigas incumbe o papel da donzela que espera a oferenda do rapaz. Contudo, a participação dos alunos de Artes Visuais marcou completamente pela diferença! O carro alegórico em que seguiam tinha como tema a “Igualdade de Género” (consultar Anexo II, pp.105 e 106) e tal como o seu tema, os alunos decidiram por eles próprios adequar a Tradição aos tempos modernos, numa chamada de atenção para a questão da Igualdade de Género os rapazes vestiram saias e utilizaram batom (estereótipos ligados ao universo feminino) e as raparigas fizeram barbas e bigodes (chavões do sexo masculino). Todavia, os alunos não ficaram apenas pela introdução de elementos do sexo oposto no seu vestuário, como inverteram os papéis, pelo menos tentaram. Não conseguiram colocar os rapazes nas varandas para receber a oferenda das raparigas pois foram impedidos por todos os elementos da Comissão de Festas e mesmo por grande parte dos vimaranenses presentes que assistiam à Festa. Com

palavras de alguma violência e agressividade, os estudantes não conseguiram uma abertura desta Tradição aos dias contemporâneos, uma vez que a referida Tradição está demasiado enraizada e fechada na cultura vimaranense.

No fim desta participação dos alunos nas “Maçãzinhas”, os mesmos viram nas notícias locais serem tema de polémica e discussão na comunidade vimaranense (consultar Anexo III, p.107), com tal deduzimos que se possa deixar uma questão em aberto: Será que as Tradições devem manter o seu carácter Histórico do passado e não se adaptarem aos tempos atuais ou pelo contrário devem se abrir ao ajuste das novas conjunturas? É uma pergunta com múltiplas respostas e que daria, inclusivamente, outro tema para estudo.

Após a realização do questionário, e da mencionada polémica participação dos alunos a professora estagiária propôs a realização de um trabalho de pesquisa sobre os vários números constituintes destas “Festas” (Pinheiro, Novenas, Posses/Magusto, Maçãzinhas e Danças de São Nicolau, Baile e Roubalheiras). Deu-se a hipótese do trabalho ser realizado em grupos de dois alunos e a cada grupo correspondeu um número “Nicolino”. A professora estagiária estabeleceu um trabalho livre, colocando apenas como imperativo um registo escrito dos resultados das pesquisas, colocando como obrigatória a leitura dos textos sobre a História de cada número presente no *site* oficial das “Nicolinas” (consultar Anexo IV, p.108) e como também estávamos perante alunos de Artes Visuais, os mesmos tinham como desafio utilizar as artes plásticas para representar o que conseguiram obter como novos conhecimentos com as suas pesquisas, no caso todos optaram por desenhar a representação dessa mesma festa/ tradição das Festas Nicolinas. Aquando da entrega dos referidos trabalhos conseguimos retirar reflexões curiosas, que serão analisadas no próximo subcapítulo.

Podemos explicitar que estes momentos foram os únicos onde a temática do Património Imaterial Local foi abordada pela professora estagiária no 11.º ano, justificando-se pelo escasso tempo que podia ser dedicado a um tema extra programático, uma vez que no 11.º ano História da Cultura e das Artes é uma disciplina de exame, este facto constituiu uma das principais preocupações dos professores, mas também pelo escasso número de alunos da turma, que poderiam não representar uma amostra significativa. Desta forma, o ano com que conseguimos obter um número mais representativo de respostas, e com o qual investimos mais no nosso processo de trabalho, foi o 9.º ano.

Sendo assim, outro momento crucial onde foi trabalhada a questão da História Local e do seu Património Imaterial consistiu na atividade realizada em conjunto com a colega de estágio Paula Ferreira para a Unidade Curricular de Problemáticas Históricas. Decidiu-se que uma visita de estudo ao Santuário e Montanha da Penha era o ideal para os alunos entrarem em contacto direto com o seu Património Local, aliando Património Material com Património Imaterial (as suas peregrinações, festas e lendas que marcam várias gerações).

No pressuposto que o professor pode contribuir para a investigação e conservação do Património Local, agrupando as pessoas interessadas no processo (exemplo: pais e os alunos), alertando as entidades locais, e propondo visitas de estudo, delineámos o que se pretendia abordar no Local para a efetivação da atividade. Para tal agrupámos os alunos de modo a que os mesmos pudessem investigar sobre o Património Material e Imaterial da Penha, dividindo as suas pesquisas nos seguintes tópicos: Santuário da Penha, Monumento aos Aviadores, Capela de São Cristóvão, Nicho de Santo Elias, Gruta da Nossa Senhora do Carmo, Monumento ao Papa Pio IX, Capela de Santa Catarina e Gruta da Senhora de Lurdes (apesar de todos eles serem parte integrante do Património Material da Montanha da Penha, todos representam a Imaterialidade do mesmo local, seja pelas suas lendas, pelas suas festas ou pelas peregrinações).

É importante referir que desde meados do mês de janeiro até abril se estabeleceu um contacto eficiente com a Irmandade da Nossa Senhora do Carmo da Penha (responsável pela Montanha da Penha e pela sua conservação/preservação patrimonial), quer telefónico, quer via correio eletrónico (consultar Anexo VI, pp. 110 à 112). A partir deste contacto estabelecemos algumas visitas prévias com a Doutora Luísa da Irmandade da Penha, dotada de uma dedicação e prestabilidade incréveis que muito auxiliou o nosso processo prévio da visita de estudo, pois conseguimos todas as autorizações necessárias para autonomamente procedermos à visita de estudo (no dia 13 de abril). Não descurando o apoio da Direção da Escola Santos Simões que permitiu avançar com a ideia da visita de estudo e toda a orientação da professora orientadora.

Para a consecução da visita de estudo foi necessário todo um trabalho prévio não só burocrático e de logística (uma vez que o transporte também necessitou ser assegurado pelas professoras estagiárias, que contactaram diretamente uma empresa de transportes – ver Anexo VII, pp. 113 à 116), como também existia a necessidade de fornecer toda a informação importante aos alunos, de modo a guiar os mesmos para a visita. Para tal, para



o dia 21 de março foi planificada uma aula de 45 minutos (consultar Anexo IX, pp. 119 à 121) para a turma do 9.º1 (único 9.º ano que participou na atividade da visita de estudo), com o objetivo de orientar os estudantes para o dia da visita de estudo, dia 13 de abril, e estabelecer uma estratégia de ensino-aprendizagem original que consistia no acima referido trabalho de investigação por parte dos alunos, com todos os materiais de apoio para essa pesquisa fornecidos pela professora estagiária. O título deste trabalho “Vamos ser historiadores por um dia?” foi apresentado nesta aula (ver Anexo X, pp. 122 e 123) e já tinha subjacente o objetivo principal desta investigação, que para além de pretender dotar os alunos de uma consciência histórica e patrimonial através de uma aproximação à sua Localidade, pretendia também que os alunos a partir dos seus trabalhos fossem “historiadores” no dia da atividade, explanando todas as informações importantes sobre os diferentes locais e sobre o seu Património Material e Imaterial. A palavra “historiadores” pode parecer exagerada, mas a mesma serviu como uma motivação, isto é, para que os alunos investissem com algum rigor histórico na sua investigação (aliás, assim a “profissão” o exigia) para que no dia da atividade um porta-voz de cada grupo conseguisse ser um verdadeiro guia, e ele próprio explicar aquilo apreenderam com o seu trabalho de investigação no próprio local, com uma clara aproximação do contexto escolar (através da disciplina de História) com o Património Local.

Assim sendo, a aula do dia 21 de março serviu como motivação para a visita de estudo, quer através da tarefa importante que estava a ser delegada aos alunos, como também por uma exposição no início da aula de fotografias da Penha do passado e a Penha do presente. Para cumprir com o objetivo principal da visita de estudo fornecemos os materiais de apoio aos alunos (textos, planos de trabalho e metodologias de análise), no sentido de orientar as pesquisas, e estabelecemos também o roteiro e o programa das atividades, bem como os objetivos da visita de estudo. O guião fornecido aos alunos foi apresentado na aula com exposição de um PowerPoint com a informação detalhada sobre o que se pretendia das suas pesquisas. Num dos primeiros slides consta uma frase que se pretendeu de inspiração para a realização de todo o trabalho de investigação, citando: “entra nesta aventura e investiga o passado da fantástica Penha. Em grupo, descobre os “segredos” deste deslumbrante local da tua cidade”. Com esta apresentação PowerPoint organizaram-se os grupos, estipularam-se os temas para cada grupo e estabeleceram-se as questões orientadoras do trabalho: “Qual o tempo e espaço? (exemplo: século ou ano da sua construção e onde se localiza); Explica a sua breve

História (exemplo: o porquê do seu nome? Porque se localiza em determinado espaço); Refere a sua simbologia (exemplo: o que representa)”. Após as indicações desta primeira tarefa, intitulada como a “Missão n.º 1”, o PowerPoint informava os alunos de uma “Missão n.º 2”, de “historiador individual”. Com isto a professora estagiária pretendeu que individualmente os alunos recolhessem informações sobre as lendas e tradições da Penha junto dos seus familiares, amigos ou vizinhos.

Este PowerPoint informativo bem como um guião de trabalho elaborado pela professora estagiária (consultar Anexos X e XI, pp. 122 à 125), e todos os materiais necessários para a investigação dos alunos, foram enviados por *correio eletrónico* para todos os alunos terem acesso aos mesmos. A entrega dos referidos trabalhos teve a sua data limite até ao dia 5 de abril.

Ainda em relação à preparação desta visita de estudo, no próprio dia da mesma, na parte da manhã, foi planificada uma aula de 45 minutos (consultar Anexos XV e XVI, pp. 129 à 134) que serviu como revisão do que cada elemento do grupo tinha trabalhado e iria apresentar esse resultado nessa tarde durante a atividade da visita de estudo.

Este momento onde a temática do Património Imaterial Local foi introduzida na disciplina de História foi muito proveitoso, e no próximo subcapítulo procedermos à análise e avaliação da supracitada atividade/ visita de estudo.

Por fim, o último momento crucial na introdução das questões da Imaterialidade Local na disciplina de História envolveu todas as turmas de 9.º ano num trabalho que pretendia aproximar gerações e produzir nos alunos um diálogo entre passado-presente das Tradições de Guimarães, com objetivo de eles próprios criarem um quadro comparativo.

Com efeito, a tarefa proposta aos alunos foi apresentada em PowerPoint, com o título que orienta todo o nosso estudo “Lembrar Guimarães”, onde a professora estagiária teve o cuidado de criar um momento de motivação ao mostrar um vídeo de uma Tradição Local, as Festas Gualterianas, na década de 60 do século XX, de forma a mostrar o passado das mesmas, o que representavam, e o que representam atualmente para a Identidade vimaranense. Após a visualização do pequeno vídeo, a professora deu as informações necessárias para a elaboração desta nova tarefa que dizia respeito a uma pesquisa sobre uma das Festas de Guimarães, representadas numa lista. O trabalho consistia na sua realização individual, devendo cada aluno escolher o tema/festa com o

qual se identificasse mais para poder trabalhar. Para as suas pesquisas a professora forneceu aos alunos os materiais necessários concernentes à preparação científica desses trabalhos, porém, muito importante para a realização dos mesmos seria a partilha de conhecimentos entre alunos e familiares, a partilha entre gerações. Existiam várias opções onde os alunos podiam realizar os seus trabalhos, como por exemplo em cartazes, colagens, vídeos, entrevistas, no PowerPoint, no Word... Todavia todas tinham de ter algo em comum cumprir com as respostas às questões orientadoras do trabalho, que eram as seguintes:” Qual a breve História da Festa? Quais as tradições dessa Festa? Qual a sua simbologia (por exemplo: o que representa para a comunidade) ”.

No final da entrega dos trabalhos, e do ano letivo, considerámos necessário um instrumento para avaliar a introdução do Património Imaterial Local na disciplina de História. Para o efeito elaborou-se um questionário (consultar Anexo XXIV, pp.146 e 149) para todas as turmas do 9.º ano. Este era composto igualmente por duas partes, tal como no questionário elaborado para o 11.º ano, a primeira parte dizia respeito aos dados pessoais dos alunos, sendo que introduzimos um campo extra para o “local onde vives”, por considerarmos pertinente para o estudo saber se todos os alunos habitavam em Guimarães. A segunda parte do questionário tinha como intuito conseguirmos analisar e avaliar se após as intervenções sobre Património e História Local na disciplina de História os alunos conseguiram aprender conceitos como História Local, Património Histórico e Património Cultural Imaterial. No mesmo avaliou-se também a pertinência do Património Imaterial nas aulas de História, a participação ou não dos alunos nas Festas estudadas, entender se os alunos após os trabalhos realizados são capazes de reconhecer e valorizar o património contribuindo para a sua defesa e preservação e se os referidos trabalhos surtiram efeitos positivos no ensino-aprendizagem dos estudantes.

Os resultados obtidos com este questionário e com todas as atividades desenvolvidas com o intuito de perceber a influência das Tradições Locais no ensino de História ao longo do ano letivo serão avaliados e objetos de reflexão no subcapítulo seguinte.

### **3.2. Apresentação e análise dos dados de investigação**

O presente subcapítulo tem como principal objetivo apresentar e analisar todos os dados que foram recolhidos ao longo da nossa investigação, através dos vários momentos onde a temática Patrimonial Local foi abordada na disciplina de História.

Com efeito, após a apresentação e análise dos dados obtidos, segue-se a nossa interpretação e avaliação dos mesmos, bem como calcular se o trabalho realizado com os alunos sobre as Tradições Locais surtiu os efeitos desejados e correspondeu às expectativas da professora estagiária no início do ano.

#### **3.2.1. 1.º Questionário (Aplicado aos alunos do 11.º ano de Artes Visuais)**

Como já foi no subcapítulo anterior referido, este primeiro questionário surge no seguimento da participação dos alunos nas Maçãzinhas, um dos números das Festas Nicolinas, como já vimos uma das principais, com uma maior e mais enraizada, Tradição no seio da comunidade vimaranense. Este constituiu no primeiro momento onde a professora estagiária teve a oportunidade de abordar a temática do Património Imaterial e da Localidade na sala de aula.

O supracitado questionário (consultar Anexo I, pp. 103 e 103) tinha como intuito avaliar o conhecimento dos alunos em relação à cidade de Guimarães e ao seu Património Imaterial, bem como entender se as questões das Tradições Locais eram consideradas para eles Património Imaterial. Existia sobretudo o interesse por parte da professora estagiária na análise do saber dos alunos sobre a Tradição/Festa que iam participar, se a mesma tinha lugar de divulgação em diferentes meios próximos aos alunos e comparar essa Festa com outra das mais características e maiores da cidade de Guimarães, no caso as Festas Gualterianas.

Com efeito, para atingirmos tais objetivos demos início à elaboração do nosso breve questionário. Como já elucidámos no momento anterior à realização do questionário fizemos a despistagem do vocabulário e clarificámos os alunos em relação aos conceitos de Identidade e Cidadania, posteriormente os alunos começaram a escrever as suas respostas às questões e tudo decorreu de forma normal, sem grandes dúvidas. A realização do questionário ocorreu na parte final de uma aula de História da Cultura e das Artes da Professora Orientadora.

Assim sendo, terminada a realização do questionário foi tempo de recolher e analisar os dados, começando pelos dados pessoais da nossa amostra, de doze alunos cinco dos inquiridos eram do sexo feminino e sete do sexo masculino, sendo a média de idades 16 anos.

Ao direcionarmos a nossa análise para a parte mais específica do questionário desde logo constatamos que as respostas seguem todas a mesma linha de pensamentos, devido a respostas iguais nas questões de resposta fechada, por exemplo na primeira pergunta “Consideras Guimarães uma cidade rica em Património Cultural Imaterial” os doze inquiridos responderam “sim”. A mesma situação repete-se na segunda e na terceira questão, igualmente de resposta fechada, uma questionava se “As Tradições podem ser consideradas Património Cultural Imaterial?” e a terceira se “Estas Tradições (Festas, Lendas, histórias) são abordadas nas aulas?”. Nestas três questões iniciais todos os doze alunos responderam “sim”, o que podemos avaliar como um ponto positivo os alunos entenderem que o seu Local é rico em Património Imaterial e terem o conhecimento de que as Tradições podem ser consideradas Património Imaterial. A seguinte questão, de resposta curta, correspondia a um tópico da última, em caso positivo, ou seja questionava os alunos sobre “Em que disciplinas” era abordada a temática das Tradições, uma vez mais todos responderam com a mesma linha de pensamento, e referiam a disciplina de História da Cultura e das Artes, apenas um aluno acrescentou à sua opção, para além da disciplina de História, Português. Leva-nos a pensar que não existe, portanto, uma transversalidade ou mesmo uma multidisciplinaridade do tema do Património Imaterial Local, sendo o mesmo apenas referenciado nas aulas de História e Português.

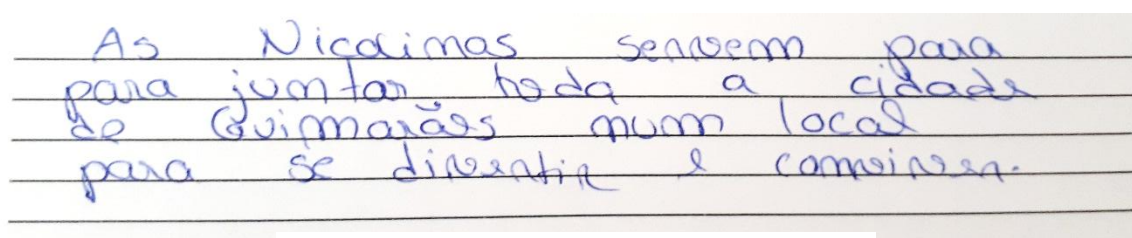
A pergunta que se segue (resposta fechada) inquiria os alunos sobre se os mesmos entendiam “que a disciplina de História necessita ter um papel importante e ativo na difusão e aprofundamento destas tradições?”, não surpreendendo todos os doze alunos responderam “sim”.

Seguidamente, na questão concernente aos meios onde o “o assunto das várias tradições é mencionado?”, os alunos podiam escolher entre quatro opções (família, amigos, notícias locais e redes sociais) uma ou várias. Analisando os dados recolhidos pelas opções dos alunos, onze escolheram todas as quatro opções e apenas um não escolheu de todas as opções a respeitante às notícias locais. Assim sendo, conseguimos auferir com estas respostas destes doze alunos inquiridos que as Tradições Locais são

divulgadas no seu meio envolvente, constituindo algo positivo para jovens estudantes de 16 anos conhecerem e verem divulgadas as mesmas.

A questão respeitante à número 6 (questão de resposta fechada) faz já parte do role de questões específicas sobre as Festas Nicolinas e/ou sobre as Festas Gualterianas, assim a mesma pretendeu averiguar se os alunos consideravam estas duas Tradições importantes para a História de Guimarães, à qual todos os inquiridos responderem “sim”, demonstrando uma clara posição de jovens conscientes do seu passado histórico através das suas Tradições. A seguinte questão (6.1) prendeu-se com a necessidade de avaliar qual das Tradições os alunos consideravam mais importante para Guimarães, ao que dez alunos responderam as Festas Nicolinas e apenas dois as Festas Gualterianas, para ajudar nesta interpretação podemos referir a o facto das Festas Nicolinas serem as Festas de Tradição dos estudantes, e portanto desde sempre com uma relação mais próxima com os mesmos. Ainda relacionada com esta questão, seguiu-se uma outra, a 6.2, que tinha como objetivo apurar se os alunos têm como costume participar na Festa que escolherem na pergunta 6.1. As respostas dos alunos foram uma surpresa, uma vez que quatro alunos responderam que “não”, sete alunos responderam “sim” e um aluno não respondeu.

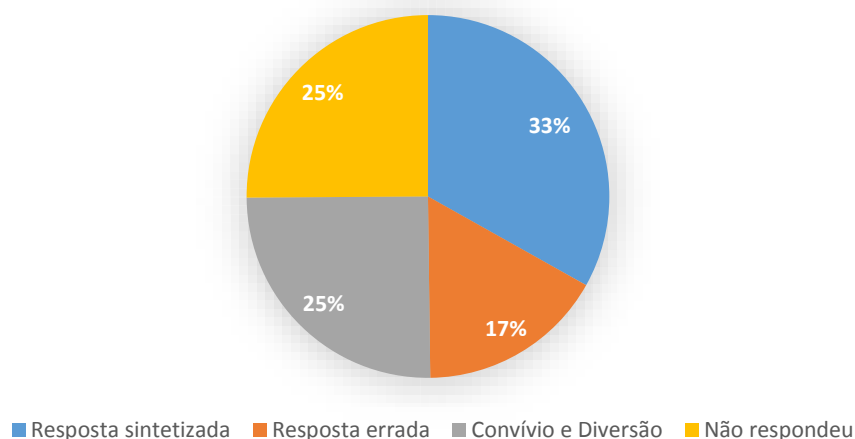
Na sequência da questão 6.1 e 6.2 seguia-se a questão 6.3 que servia para avaliar os conhecimentos dos alunos em relação à Tradição que consideravam mais representativa de Guimarães (“refere, sucintamente, no que consiste a mesma e a sua breve História”). Nesta questão três alunos não responderam, outros três fizeram referência apenas à questão do convívio e da diversão, porém a escolha do convívio é interessante dado que referem a importância da festa como algo que permite juntar toda a comunidade, apresentamos uma dessas respostas:



**Imagem 5-** Exemplo de uma resposta de um aluno

Por fim, ainda nesta questão dois alunos nas suas respostas cometeram pequenos lapsos nas suas respostas uma vez que referiram que São Gualter (Festas Gualterianas)

era o Padroeiro da cidade, o que está errado pois a Padroeira da cidade é Nossa Senhora da Oliveira, porém esta resposta é interessante uma vez que São Gualter é o Santo que vê a cidade a conferir-lhe maior importância, e isto é notório pelas suas Festas, e justifica-se esta confusão uma vez que não são apenas os alunos como muitos dos vimaranenses a pensar de igual modo, ou seja, podemos estar presentes respostas que se relacionem com a transmissão geracional, daquilo que ouvem.



**Gráfico 1-** Respostas à questão 6.3 "Refere, sucintamente, no que consiste a mesma e a sua breve História"

Já a terminar o questionário, a pergunta que se seguiu, de resposta aberta, relacionava-se com a necessidade de analisar se os estudantes conheciam outras Tradições, para tal a questão número 7 era a seguinte "Que outras Tradições (festas, histórias ou lendas) conheces sobre Guimarães?". Nesta questão os alunos podiam referir mais do que uma Tradição, e foi o que aconteceu (excetuando a resposta de um aluno que escolheu apenas uma), assim sendo, dez alunos mencionaram efetivamente uma Tradição Local, porém esses mesmos dez alunos aludiram nas suas respostas a algo que não dizia respeito a qualquer Tradição vimaranense. Nos restantes dois alunos obtivemos respostas inválidas, uma vez que o que redigiram não se integra numa Tradição.

Para finalizar este questionário, os inquiridos tinham de responder a uma questão de resposta fechada, de carácter pessoal, que consistia no seguinte: "Para ti os conceitos de Identidade e Cidadania podem relacionar-se com as Tradições Locais?". Nesta questão todos os doze inquiridos responderam afirmativamente com um "sim", mostrando a sua posição de valorização para com as temáticas das Tradições Locais.

Concluindo, após a interpretação dos dados recolhidos com este questionário notámos que se trata de uma turma interessada (aliás, este interesse ficou bem manifesto aquando da introdução do tema, visível com o entusiasmo dos alunos) e relativamente informados sobre o assunto das Tradições Locais, uma vez que demonstraram que o tema para eles era bastante próximo, sendo possível notar a questão do sentimento de pertença e de Identidade nos mesmos.

### **3.2.2. Trabalho dos alunos do 11.º ano de Artes Visuais sobre as “Nicolinas”**

Para a apresentação dos dados que conseguimos recolher com os trabalhos dos alunos sobre as Festas Nicolinas convém, uma vez mais, mencionar que o trabalho de pesquisa sobre as mesmas foi pedido na sequência da participação dos alunos nas referidas Festas, e embora a participação tenha sido marcada por aspetos negativos para os mesmos, nenhum dos alunos teve qualquer relutância com o pedido da professora, tendo a maior parte se esforçado para ter bons resultados com o seu trabalho.

Como já foi clarificado, a professora estagiária propôs uma tarefa de pesquisa e os resultados dessa pesquisa seriam apresentados num breve texto sobre o que conseguiram recolher e aprender com a mesma, como também, usufruindo das apetências dos alunos para as Artes, foi-lhes pedida a representação através de um desenho sobre a Festa que trabalharam.

Deste modo, este subcapítulo destina-se à apresentação e análise de alguns desses trabalhos, justificando-se a escolha dos mesmos com as ilustrações mais significativas e interessantes do ponto de vista do nosso estudo.

Assim, iniciámos esta análise com o seguinte desenho sobre as “Maçãzinhas”, a Festa em que os alunos participaram:





**Imagem 6-** Trabalho sobre as "Maçãzinhas", realizado por um aluno

Ao observarmos este desenho desde logo se destacam uma série de características interessantes, por exemplo a prevalência dos elementos masculinos comparativamente aos femininos, uma vez que a figura feminina surge representada apenas duas vezes, uma como espectadora da Festa e outra como a “donzela” que espera a oferenda do seu amado, o que contrasta por completo com a abertura a novas mentalidades que eles próprios pretenderam introduzir com a sua participação. Ainda neste desenho a representação das personagens, para além das personagens que representam o desfile, não é dos tempos correntes, pois surgem com roupas e acessórios do passado demonstrando uma clara ligação entre o passado e o presente vimaranense que este aluno pretendeu estabelecer ao evidenciar no seu desenho características de umas “Maçãzinhas” de outros tempos comparativamente com as presentes.

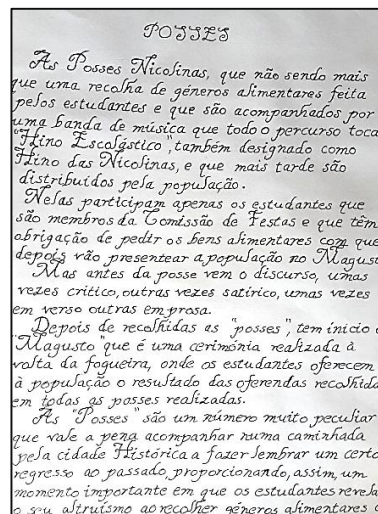
Após esta breve análise podemos auferir que apesar dos estudantes em causa ficarem tristes e um pouco revoltados com a situação da sua participação nas “Maçãzinhas” quando tiveram oportunidade de representar essa Tradição também eles próprios têm interiorizada essa Tradição, e é-lhes difícil romper com a mesma.

Em relação à capacidade de recolha e aprendizagem da informação da pesquisa que este aluno fez para representar a Tradição em causa adquirimos dados positivos para o nosso estudo, pois na mesma qualquer pessoa pode observar elementos característicos das “Maçãzinhas”.

Seguidamente, apresentamos dois exemplos de trabalhos de duas mesmas alunas que decidiram elaborar a parte escrita do trabalho de forma mais antiga, caligrafada à mão.



**Imagem 7-** Trabalho sobre as "Posses", realizado por duas alunas



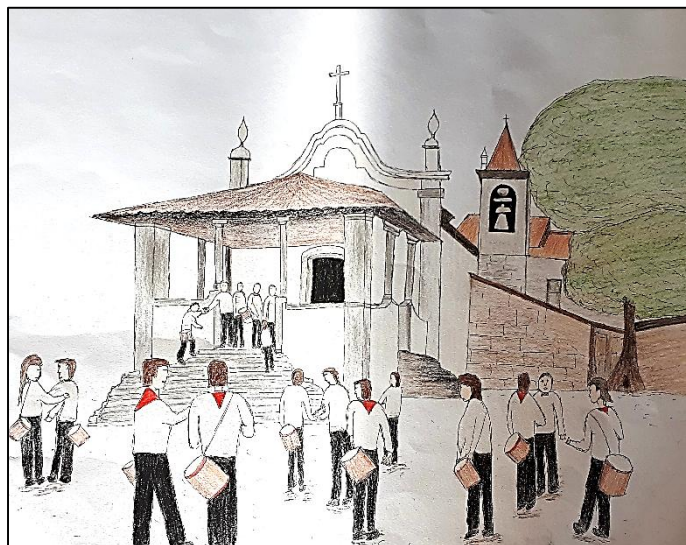
**Imagem 8-** Trabalho sobre as "Posses", realizado por duas alunas

À partida com a análise da primeira imagem podemos ver um desenho bastante claro sobre um dos momentos que fazem parte das “Posses”, contudo se compararmos com o exemplo do primeiro trabalho reparámos numa diferença, enquanto o primeiro exemplo sobre as “Maçãzinhas” é uma representação original, criada pelo aluno, este segundo exemplo é uma representação de uma fotografia que está presente no site das Nicolinas, portanto neste caso não se trata de uma representação reflexiva sobre a tradição das “Posses”, uma vez que a mesma não partiu da sua originalidade.

No entanto, se na representação do desenho as duas alunas decidiram inspirar-se numa fotografia já existente sobre o número Festivo, no seu trabalho escrito as mesmas alunas foram as que mais primaram pela originalidade, pois para além do seu texto ser todo ele escrito à mão o mesmo consegue ser esteticamente apelativo à vista tendo em conta a caligrafia e o cuidado no alinhamento do mesmo.

Com o exemplo destes trabalhos sobre as “Posses” verificámos, algo que consideramos comum a todos os trabalhos apresentados pelos estudantes, o esforço demonstrado para elaborarem algo bem feito, o que revela um certo interesse e motivação, tomamos como exemplo o desenho das alunas pois mesmo não sendo uma representação de carácter original o mesmo reproduz muito bem o que pretende e está bastante apelativo às nossas sensibilidades visuais.

Para finalizar os exemplos de alguns dos desenhos que os alunos elaboraram aquando as suas pesquisas, segue um último:



**Imagem 9-** Trabalho sobre as "Novenas", realizado por um aluno

Esta ilustração é outro exemplo claro de uma marcada originalidade por parte do aluno que após o seu trabalho de pesquisa sobre a Tradição Nicolina “Novenas” optou por fazer um desenho representado elementos chave daquilo que apreendeu, como exemplo da alusão à Tradição religiosa com o recurso ao símbolo da Igreja, e da deslocação até à mesma de todos os “Nicolinos” participantes, sempre acompanhados dos seus bombos e caixas.

Em jeito de comparação destes trabalhos apresentados e dos restantes entregues percebemos a existência de um elemento comum, os alunos nunca reproduziram a mulher nos seus desenhos como uma figura de destaque, e na maior parte dos desenhos nem sequer fizeram breves alusões à figura feminina, muito menos foram mais além e representaram algo que contrastasse com a Tradição, o que na nossa análise nos permite afirmar que mesmo eles exteriorizando ideias de mudança, os mesmos têm completamente interiorizadas as Tradições ligadas às Festas Nicolinas vimaranenses como algo que se manteve quase inalterável ao longo de toda a História das mesmas e que dificilmente se alterará. Porém, como bem sabemos o Património Cultural Imaterial é o mais fácil e comum de ser alterado e adaptado ao tempo histórico onde está inserido, por isso quem sabe estes alunos não terão feito História e mais tarde na Tradição das Festas Nicolinas exista esta nova abertura e adaptação às questões da Igualdade de Género.

### **3.2.3. Penha Património Natural e Histórico, Atividade realizada pelos alunos do 9.º 1.**

Com o objetivo de realizar uma atividade para a Unidade Curricular de Problemáticas Históricas foi projetada uma visita de estudo à Montanha e Santuário da Penha. Assim, para o desenvolvimento da mesma foi projetada uma planificação (consultar Anexos IX e X, pp. 119 à 123), assente em estratégias, como a preparação da visita de estudo com uma aula expositiva de contextualização histórico-cultural e de motivação para os nossos alunos.

Posto isto a primeira aula consistiu na introdução ao tema da Penha, com recurso a imagens da Penha do passado, comparando com o presente e também na mesma aula se indicou o guião do trabalho da pesquisa que os alunos teriam de realizar para serem ativos participantes da atividade (consultar Anexo X, pp. 122 e 123). Deste modo, como foi pedido aos alunos para serem “historiadores por um dia” e pesquisarem sobre os diferentes locais e Tradições e/ou lendas dos mesmos, eles próprios iriam apresentar o resultado das suas pesquisas explanando para todos os restantes colegas e convidado no dia da atividade.

O processo de trabalho decorreu de forma normal e os trabalhos que poderiam ser realizados no Word ou em PowerPoint tinham como data de entrega o dia 5 de abril (via correio eletrónico).

A primeira particularidade que a professora estagiária conseguiu analisar quando apresentou o PowerPoint de introdução e orientação para o trabalho de pesquisa foi o verdadeiro entusiasmo dos alunos quando ouviram e leram a palavra “historiadores por um dia”, a motivação que para a professora seria uma fotografia da Penha antiga rapidamente se transformou na utilização da palavra “historiador” , pois os alunos sentiram que teriam um trabalho importante e nós percebemos que eles próprios consideram a função de um Historiador de extremo valor, sendo bastante positivo para alunos do 9.º ano.

Assim sendo, passado o entusiasmo inicial e algum nervosismo pelo facto de no dia da atividade serem vistos e ouvidos por todos, chegou o dia 13 de abril e todos se comprometeram com o que lhes ficou incumbido.

A chegada à Penha, deu-se aproximadamente pelas 15h00, e dirigimo-nos em direção ao Santuário da Penha, um projeto do arquiteto portuense, José Marques da Silva (parte prática que foi encarregue à colega Paula Ferreira). Os alunos estavam entusiasmados e os convidados interessados, toda a gente estava com curiosidade do que estava por vir. A Irmandade da Penha concedeu-nos o Salão Nobre do Santuário da Penha, e foi no mesmo que as professoras estagiárias do Núcleo de estágio de Guimarães apresentaram o tema que iria ser tratado durante a atividade e os respetivos objetivos da mesma.



**Imagem 10-** Apresentação da atividade por parte das professoras estagiárias.

A mesma seria pautada por um percurso pedestre pelo Património Histórico, Material e Imaterial (consultar Anexo XIV, p. 128), sendo que na maior parte do Material como as capelinhas e as Grutas se ligavam à Imaterialidade, quer através das suas lendas ou do seu Património Religioso.

Após este momento inicial, encaminhámos todos os convidados e participantes da atividade para o Santuário da Penha. Uma aluna do 11.º 3 e um aluno do 9.º 1, procederam à leitura dos aspetos fundamentais acerca da origem do Santuário e o arquiteto responsável pelo projeto. (trabalho que foi proposto pela Paula Ferreira para o Património Material o qual não iremos aprofundar neste estudo). Terminado este momento, dirigimo-nos para o exterior do Santuário da Penha, e neste momento iniciaram-se as apresentações dos alunos que iriam ser “historiadores por um dia”, desta feita, um aluno apresentou o monumento esculpido na rocha em homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral e a sua importante simbologia. Não poderia ter começado melhor! Todos os presentes ficaram interessados com o que ouviram e sobretudo com o que viram, e o aluno que na



sala de aula era um pouco tímido conseguiu dominar muito bem o seu nervosismo e superar-se.

Prosseguindo o percurso pedestre, por volta das 16h05 foi o momento de se valorizar a Capela de São Cristóvão, com a apresentação por parte de dois alunos do 9.º 1 sobre o Local, a sua História e o seu simbolismo Imaterial. Descendo as escadas da capela de São Cristóvão, e entrando na gruta por baixo da mesma iniciou-se a explicação dada por diferentes alunos sobre os locais do Nicho de Santo Elias e da Gruta da Nossa Senhora do Carmo, cerca das 16:20h. Seguidamente, e caminhando para uma zona distinta, foi o momento da aprofundação sobre o Monumento ao Papa Pio IX (pelas 16:35h) revelando neste momento a enorme importância Imaterial do dogma mariano para Portugal. Por fim, e como as condições atmosféricas eram já incontornáveis, foi tempo de deslocar todos os presentes do Monumento ao Papa Pio IX para os locais de explanação seguintes, sendo a visita a estes mais breve, foram eles a Capela de Santa Catarina, observando e fazendo referência também ao suposto penedo onde a pastorinha da lenda dormiria, e a Gruta da Nossa Senhora de Lurdes.



**Imagem 11-** Apresentação da Capela de São Cristóvão por dois alunos.

Assim sendo, a visita de estudo à Montanha da Penha, e aos seus locais “encantados” terminara por volta das 17:00h, tendo alunos, professores e convidados regressado à escola pelas 17:20h.

Como análise e avaliação da atividade e do comportamento dos alunos enquanto participantes ativos da mesma podemos auferir que tudo correu pelo melhor e não existiu nenhum momento de tensão, todos realizaram a tarefa que ficou encarregue e com um certo orgulho por estarem a servir de cicerones para todos os convidados. O que se pode ressaltar desta atividade é a motivação com que os alunos realizaram a mesma e a sua exaltação quando falaram para todos os presentes. Posto isto, esta atividade excedeu-se porque enquanto os alunos tinham esta visita de estudo como ponto de chegada ela acabou por ser um ponto de partida para os alunos, uma vez que os colocou a pensar e a ter uma atitude reflexiva em relação ao Local e à sua História, evidenciando neles um claro sentimento de pertença e de respeito com o seu Património Local, ou seja, com esta atividade atrevemo-nos a referir que conseguimos despertar neles o conceito de cidadania patrimonial (consultar Anexo XVII, pp.133 a 134, para ver mais fotos desta atividade).



**Imagem 12-** Capela de São Cristóvão, um dos percursos da atividade.

### 3.2.4. Trabalhos dos alunos do 9.º ano sobre Tradições vimaranenses.

O último momento onde a temática do Património Imaterial Local foi abordada pela professora estagiária correspondeu à proposta da realização de um trabalho de pesquisa sobre algumas das principais Festas que marcam as Tradições de Guimarães. Como já foi referenciado no subcapítulo referente à metodologia e instrumentos de recolha de dados foi uma atividade proposta para todas as turmas de 9.º ano e teve uma aula de introdução e apresentação das possíveis Festas que os alunos poderiam escolher trabalhar (consultar Anexos XIX e XX, pp. 137 à 140).

Este trabalho de pesquisa tinha como principal propósito a aquisição de novos conhecimentos sobre Festas/Tradições com que os alunos estão muitas vezes bastante próximos e ao mesmo tempo afastados, pois na maior parte das vezes não conhecem a sua História, o porquê dos seus diferentes momentos Festivos e a sua simbologia. Pretendia-se também a partilha de informação e conhecimentos com os seus familiares pessoas externas à escola, de maneira a permitir uma troca geracional e partilhas de convivências sociais. Outra das finalidades do trabalho prendia-se com a necessidade de despertar os alunos para uma consciência histórica e patrimonial através do estudo e da pesquisa sobre a Cultura Imaterial destas Festas.

Para a elaboração deste último trabalho valorizava-se a originalidade do trabalho bem como a qualidade dos mesmos. Passamos a apresentar partituras de alguns deles:

Primeiro exemplo:





## Segundo exemplo:



### Gualterianas

Esta festa realiza-se no 1º fim de semana de agosto.

As Festas Gualterianas são em honra de São Gualter, um frade franciscano que é um santo popular de Guimarães.

A origem desta festa está associada a uma concessão do monarca Filipe III, permitindo que em Guimarães, se celebrasse a procissão de São Gualter e se tornasse público o culto ao santo. O santo torna-se popular quando se participa no arraial, nas danças e cantares dos homens. Assim acontece com São Gualter, em Guimarães.



## Terceiro exemplo:

### Data da romaria grande:

- ▶ A Romaria Grande de São Torcato, que se celebra no primeiro fim-de-semana de Julho, desde 1852 (ano da trasladação do corpo do Santo da Igreja Velha para o Novo Templo), já havia sido apelidada de "Maior Romaria do Minho", rivalizando em aparato com a da Senhora da Agonia (Viana) e com a do São João (Braga). Outros tempos.
- ▶ Esta romaria acontece nos finais do mês de junho ou nos inícios do mês de julho, mudando de ano para ano.



### Simbologia

- ▶ **Memória Descritiva dos Símbolos Heráldicos**
- ▶ Mitra, cruz e báculo - Simbolizam o padroeiro da freguesia – São Torcato.
- ▶ Roca - Representa a importância histórica da cultura do linho, ainda hoje preservada, e produção de tecidos.
- ▶ Roda dentada - A roda dentada simboliza a indústria local.
- ▶ Burelas onçadas - Simbolizam o rio Selho.



Através dos exemplos apresentados conseguimos obter respostas positivas relativamente à aplicação do nosso estudo, uma vez que logo no primeiro exemplo o aluno colocou no seu trabalho a Lenda associada a São Torcato, o que já é revelador da transmissão da Tradição Oral por diversas gerações. Este aluno colocou também algumas fotografias para melhor caracterizar a Festa, o que foi algo pedido pela professora estagiária. No segundo exemplo temos outro dado interessante para o nosso estudo, que se baseia no facto do aluno colocar elementos históricos do passado (uma fotografia antiga e um cartaz de 1915), relacionando-os com os elementos do presente, bem explicito com a comparação entre os dois cartazes de propaganda das Festas Gualterianas, um datado de 1915 e outro de 2016. Já no terceiro exemplo, o estudante explicou a Festa e mencionou algumas das simbologias da mesma que ainda hoje são importantes e relevantes na Romaria Grande de São Torcato.

Estes dois temas ou Festas foram as mais escolhidas pela maior parte dos estudantes, talvez por serem as que mais impacto acarretam para Guimarães, no entanto foi possível também avaliarmos trabalhos relativos à Festa de Santa Luzia onde a questão da Tradição dos Sardões e das Passarinhas foi abordada, demonstrando também o cumprimento dos alunos em relação à questão da simbologia da Festa.




**Imagem 13-** Exemplo de um trabalho sobre a Festa de Santa Luzia que abordou a temática das Tradições

No entanto, um dado curioso que conseguimos recolher aquando do processo de realização do trabalho de pesquisa sobre as Festas/ Romarias vimaranenses foi o interesse demonstrado por alguns estudantes em realizar as pesquisas sobre Festas que não estavam incluídas nos temas, como foi o caso dos alunos que pediram autorização à professora estagiária para realizar o trabalho sobre as Festas de Santo Antonino. Deste modo, segue um dos exemplos do trabalho com esse mesmo tema:



- A capela do Santo Antonino encontra-se no Monte do Santo Antonino, que se localiza no Oriente de Guimarães mais especificamente em São Romão, Mesão Frio.
- Não se sabe exatamente a data de construção da capela mas no século XVI já existia a capela batizada com o nome do santo.
- Os rumores e a tradição dizem que um menino tinha desaparecido e tinha passado a noite fora, foram os caçadores que um dia após o seu desaparecimento encontraram-no junto à capela. Este foi um dos milagres do Santo.
- As festas em honra do Santo celebra-se sempre no primeiro fim-de-semana de setembro.
- É padroeiro da asma e das verrugas.




- A procissão realiza-se no primeiro domingo de setembro e as imagens de Santo Antonino e da Nossa Senhora do Rosário são levadas solenemente em carros da igreja até Paço Vieira. Depois aí segue até ao Monte do Santo acompanhado dos fiéis.
- A procissão já se pratica a cerca de 44 anos e teve origem popular.
- Quando se chega à capela ocorre uma missa campal em homenagem ao Santo.
- Santo Antonino é um Santo da freguesia mas o padroeiro é São Romão
- A capela, como se encontra a uma elevada altura comparativamente a outros locais de Guimarães, dá-nos uma vista incrível da paisagem.




- Santo Antonino foi acusado de praticar atos contra os costumes e tradições pagãs de Tolosa, onde mandava o seu tio. Ele foi acorrentado e encerrado num calabouço sem direito à alimentação. Este foi o principal motivo para se tornar num Santo porque apesar disto ele continuou defendendo e acreditando em Deus.




- No Monte junto à capela existe um "penedo" que serve como meio para curar as doenças de que o santo é padroeiro, ou seja, tem um buraco apontado para o céu e outro para a terra e quando sopramos podemos curar as doenças como a asma, as verrugas e os cravos. O Santo apenas cura uma pessoa por ano e tem que ser à meia-noite de sábado para domingo.
- Esta festa já foi mais conhecida agora caiu mais no esquecimento, uma vez que é uma festa religiosa e está muito ligada à tradição. Esta festa é uma forma de reviver os tempos antigos.



Em conclusão, atrevemo-nos a referir que as pesquisas acima mencionadas constituíram um momento de grande motivação e interesse para os estudantes, revelados quer através do entusiasmo evidenciado pelos mesmos quando souberam que iriam tratar temas tão próximos à sua realidade, quer através dos seus trabalhos apresentados. Todavia, a valorização da originalidade dos trabalhos não aconteceu, pois a grande maioria utilizou o PowerPoint e o Word para a realização dos mesmos.

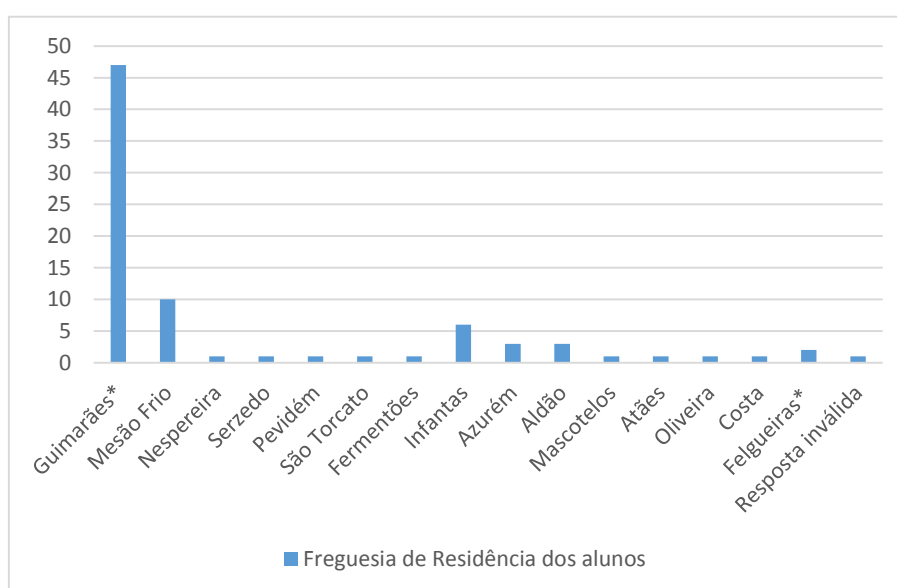
O que nós pretendíamos com estas pesquisas era despertar nos alunos um sentimento de pertença e educar cidadãos ativos através da consciencialização para a preservação do Património Cultural Imaterial Local, através do recurso a temas da sua História Local, considerando que uma boa parte desse objetivo foi cumprido com alguns alunos na realização e empenho nestes momentos.

### 3.2.5. Questionário aplicado aos alunos do 9.º ano

Tendo em vista a necessidade de avaliarmos os trabalhos de pesquisa sobre a Imaterialidade Local e se a introdução da temática surtiu os efeitos inicialmente desejados e também tendo em consideração uma abordagem futura da temática na disciplina de História, elaborou-se um questionário (ver Anexo XXIV, pp.146 a 149) para todos os alunos do 9.º ano que participaram nas pesquisas sobre as Tradições vimaranenses.

O referido questionário (Anexo XXIV) continha, tal como o anterior aplicado ao 11.º ano (Anexo I, pp. 103 e 104), uma primeira parte dedicada aos dados pessoais, porém como já evidenciamos neste último achamos que seria considerável incluir a localidade, uma vez que os alunos nas suas pesquisas pesquisaram sobre várias localidades. Assim sendo, a amostra do questionário contou com 81 alunos inquiridos, sendo 43 do sexo feminino e 38 do sexo masculino com uma média de idades a rondar os 15 anos.

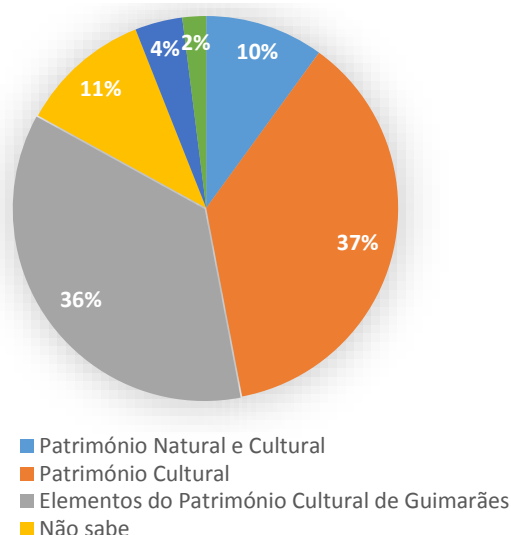
No que concerne ao local de residência destes 81 alunos verificamos no gráfico abaixo exposto que a maior parte são provenientes das freguesias de Guimarães bem próximas da zona geográfica da escola como Mesão Frio, Infantas e Azurém por exemplo, no entanto existe a exceção de 2 alunos que são oriundos do concelho de vizinho Felgueiras. Ainda na nossa análise dos dados dos alunos, apenas 1 respondeu de forma inválida, e através da observação do gráfico abaixo representado é notório que a maioria dos alunos não respondeu a sua freguesia mas sim o concelho, Guimarães.



**Gráfico 2-** Freguesia de residência dos alunos do 9.º ano intervenientes no questionário

Posto isto, o restante questionário dizia respeito às perguntas específicas para avaliarmos a nossa introdução do estudo do Património Imaterial na disciplina de História, percebendo se a mesma agradou aos alunos e os motivou, servindo também como um género de um ensaio para futuros estudos. Assim sendo, pretendia-se entender, após as intervenções na disciplina de História, qual a relação dos alunos com o Património Imaterial e a História Local, portanto a questão n.º1 desejava entender precisamente se os alunos sabia o significado de Património Histórico, uma pergunta de resposta fechada “sim” ou “não”, que obteve 70 respostas com um “sim”, 3 alunos que não responderam e 8 alunos responderam “não” saber o que significa Património Histórico, merecendo estes especial atenção na sua análise, mesmo não sendo um número significativo tendo em conta o número total da amostra, transmite a reflexão que estes alunos fazem sobre o tema não sendo capazes de saber o que significa. Todavia, mais na parte final do questionário irá ser possível averiguar se efetivamente os alunos que responderam que sabiam o significado de Património Histórico na prática sabem verdadeiramente.

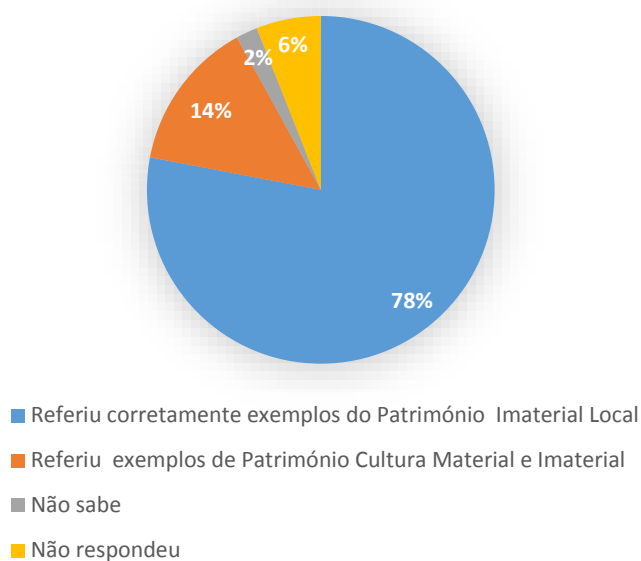
A questão 2 pode parecer confusa: “Que tipos de Patrimónios conheces?”, mas apenas pretendia analisar os conhecimentos dos alunos sobre Património, se os mesmos sabiam que existe o Património Natural e o Património Cultural, podendo este último ser Material (Tangível) ou Imaterial (Intangível). Nesta questão, talvez pela mesma surgir confusa aos alunos, mesmo após a explicação por parte da professora estagiária do que se pretendia com ela, as respostas foram muito diversas, uma vez que grande parte dos alunos, 30 mais precisamente, apenas fez referência ao Património Cultural, redigindo em alguns casos as palavras Material e Imaterial, seguidamente outra boa parte dos alunos inquiridos respondeu à questão não com os diferentes Patrimónios que existem, mas sim com elementos característicos da Cultura Material e Imaterial de Guimarães (por exemplo escrevendo palavras como “castelo” e “festas”). Dos 81 inquiridos apenas 8 responderam o Património Natural e Cultural, 9 alunos deixaram a questão em branco, 2 responderam de forma inválida e somente 3 revelaram que não sabiam.



**Gráfico 3-** Respostas dos alunos à questão 2 "Que tipos de patrimónios conheces?"

Retomando a análise do resultados obtidos com este questionário, segue-se a questão n.º 3, que tinha como intuito apenas perceber se os alunos consideravam o Património Histórico como algo também pertencente ao Património Cultural Imaterial, ou se pelo contrário não tinham essa visão. Com alguma surpresa reparamos que 11 alunos responderam “não”, mesmo tendo 70 respondido que “sim”, estes 11 estudantes dão alguns indícios que a Imaterialidade pode não ter o seu valor devidamente reconhecido. A pergunta n.º 4 centra-se também na temática da Imaterialidade, mas no que diz respeito a Guimarães, no caso se os alunos consideram “Guimarães um Local rico em Património Cultural Imaterial”. Os dados aqui recolhidos são satisfatórios, 77 alunos responderam “sim” e só “4” consideraram que “não”.

No seguimento do questionário e ainda na temática do Património Imaterial Local a pergunta 5 pedia para os alunos referirem dois exemplos do mesmo, ao que 63 alunos responderam de forma elementos respeitantes apenas ao Património Cultural Imaterial, 11 alunos fizeram referência nas suas respostas a elementos do Património Cultural Material, 5 não responderam e 2 responderam “não sei”. Analisando estes resultados os mesmos constituem elementos muito positivos, uma vez que a maior parte dos alunos intervenientes do questionário conseguiram entender a diferença entre Material e Imaterial, respondendo à questão elencada com exemplos corretos da Tradição Local.



**Gráfico 4-** Percentagem das respostas à questão 5 "Refere dois exemplos de Património Cultural Imaterial de Guimarães"

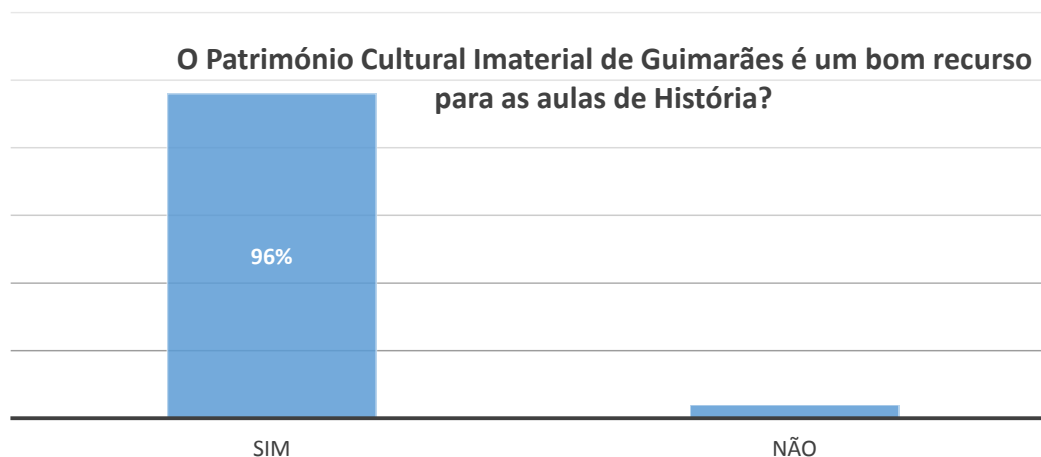
Prosseguindo com o nosso questionário, na pergunta n.º 6, ao interrogarmos os alunos sobre as Tradições de Guimarães serem, ou não, Património Cultural Imaterial apenas 2 alunos consideram que “não”, tendo a maioria dos alunos, 78, afirmado que “sim”, existindo nesta questão uma resposta em branco.

As questões que se seguem, 7 e 7.1 respetivamente, são também de grande importância para o nosso estudo, dado que a primeira pretende avaliar se a questão da Cultural Imaterial Local é abordada nas aulas e se sim em quais disciplinas (questão 7.1). Na questão n.º 7 existiram 63 respostas afirmando que “sim” e 18 respostas que referiam que esta temática “não” é abordada nas aulas, uma vez que com este questionário estamos no último momento da aplicação do nosso estudo na prática pode soar contraditório 18 alunos responderem que a temática não é abordada nas aulas, contudo este pormenor pode-se justificar pelo facto de apenas o 9.º1 ter abordado anteriormente a temática e as restantes 3 turmas tiveram o seu primeiro momento de contacto com o tema da Imaterialidade Local aquando das pesquisas para o trabalho “Lembrar Guimarães, Tradições Locais”, contudo esta é apenas uma suposição. Sendo que estes 18 alunos que responderam “não” também estes não responderam à questão 7.1. Com efeito, as disciplina que estava sempre inerente em todas as respostas dos alunos à questão 7.1 era



História com 41 respostas, 5 alunos escreveram a disciplina de História e Português como resposta, 13 alunos responderam História e Geografia, 3 alunos optaram por História e Formação Cívica (disciplina lecionada pela professora de História e pelas professoras estagiárias), existiu também 1 aluno que respondeu de forma inválida e os referidos 18 alunos que disseram “não” na questão 7 efetivamente não responderam.

De uma extrema relevância é a questão que seguinte: “entendes que o Património Cultural Imaterial é um bom recurso para as aulas de História?”. Com esta questão podemos obter respostas para o futuro, isto é, se devemos continuar a investir no Património Imaterial e na História Local como uma motivação ou não. As respostas não podiam ser mais otimistas, pois apenas 3 alunos não consideram o Património Imaterial como um bom recurso, respondendo todos os restantes 78 “sim” à determinada questão.



**Gráfico 5-** Percentagem das respostas dos alunos à questão n.º 8 "Entendes que o Património Cultural Imaterial de Guimarães é um bom recurso para as aulas de História?"

Satisfatoriamente, como observamos com o gráfico de percentagem, 96% dos alunos achou pertinente o estudo da Imaterialidade Local, considerando-a um bom recurso para a disciplina.

A questão número 9 e as 7 que se seguem são perguntas relacionadas com o trabalho de pesquisa dos alunos, sendo que a 9 concerne no seguinte: “Com base nas



pesquisas realizadas para o trabalho de História, consideras as Festas estudadas como Património Cultural Imaterial de Guimarães?”, Ao que apenas 3 estudantes referiram que “não”, 1 não respondeu, e os restantes 77 alunos responderam afirmativamente que as Tradições Locais que trabalharam são Património Cultural Imaterial. Na questão 9.1 pretendia-se avaliar a participação dos alunos nas Festas/ Tradições que estudaram, e conseguimos averiguar que 24 inquiridos não participam nas mesmas, 56 participam e 1 aluno não respondeu. Relacionada com a questão 9.1 surge a 9.2 que questiona os alunos sobre quais das Festas estudadas costumam participar, 25 dos alunos inquiridos não responderam a esta questão (provavelmente os 24 que não participam nas mesmas e o aluno que não respondeu à questão anterior) e os restantes dividiram as suas respostas entre as Festas Gualterianas, as Nicolinas, a Romaria Grande de São Torcato, a Festa de Santo Antonino, a Festa de Santa Luzia e as Romarias à Penha. Logo de seguida, a questão 9.2 segue o mesmo género e questiona os estudantes sobre quais de todas as Festas estudadas a que eles consideram que tem maior impacto para Guimarães. Esta questão não é de grande relevância para o estudo, o objetivo da mesma é entender se a Festa que os alunos escolheram para fazer o seu trabalho de pesquisa se coaduna com a Festa que consideram mais impactante para Guimarães, e de facto 58 dos alunos responderam como sendo as Festas Gualterianas, também as mesmas foram das que tiveram mais alunos a realizar as suas pesquisas.

Posteriormente, as questões 9.3, 9.4, 9.5 e 9.6 tiveram como finalidade analisar e avaliar a atividade de pesquisa “Lembrar Guimarães, Tradições Locais”. Com efeito, a 9.3 questiona se os estudantes adquiriram mais e/ou novos conhecimentos sobre a História Local e o seu Património Cultural Imaterial com as suas pesquisas, sendo que 78 dos 81 inquiridos reponderam “sim”, apenas 2 optaram por responder com um “não” e 1 aluno não respondeu. Uma vez mais a tarefa de pesquisa que a professora estagiária propôs recolheu bons frutos, pois um dos principais objetivos com a mesma era que os estudantes conseguissem obter novos conhecimentos sobre algo que está já impregnado no que eles conhecem. Nesta pertinência dos novos conhecimentos e partilha dos mesmos surge a questão seguinte, que interroga os alunos sobre se eles partilharam conhecimentos com os seus familiares na sequência das suas pesquisas, 28 alunos mencionaram que “não”, 1 aluno não respondeu e os restantes 59 responderam que “sim”, o que para o nosso estudo nos agrada muito pois é essencial esta partilha geracional que corresponde também a uma das principais características destas Tradições.

Relativamente ao objetivo de tornar os alunos cidadãos conscientes e ativos na preservação do Património questionámos os mesmos com a pergunta número 6.5 se consideravam importante preservar estas Festas para o Património Cultural de Guimarães e sem nenhuma surpresa dada a restante análise do nosso questionário, 78 alunos responderam que “sim”, 2 responderam que “não” e 1 aluno não respondeu, ou seja, a maior parte dos alunos parece que ficaram já dotados de uma consciência histórica e patrimonial, porém as opção das respostas fechadas “sim” ou não” não deixam clarificar isso totalmente. Todavia, fomos ainda mais longe ao questionar os alunos sobre o porquê da sua última resposta e logo à partida podemos observar que somente responderam os estudantes que anteriormente consideraram importante a preservação das Festas. Esta questão é talvez das mais ricas pela sua variedade de respostas e como as mesmas podem ser interessantes para o nosso estudo. Posto isto, a maior parte dos alunos, 55, justificaram a sua escolha com questões ligadas à valorização da História e do Local, com respostas pertinentes que mostram bem a atitude reflexiva dos mesmos. Muitos referiram também a importância que as mesmas tem para o turismo e outros optaram por fazer referência às questões do lazer. Passamos a apresentar algumas delas:

Pais são algo característico de Guimarães, que dá identidade à cidade

Para torná-lo mais turístico.

9.5- Consideras importante preservar estas Festas para o Património Cultural Imaterial de Guimarães?

Sim ☒

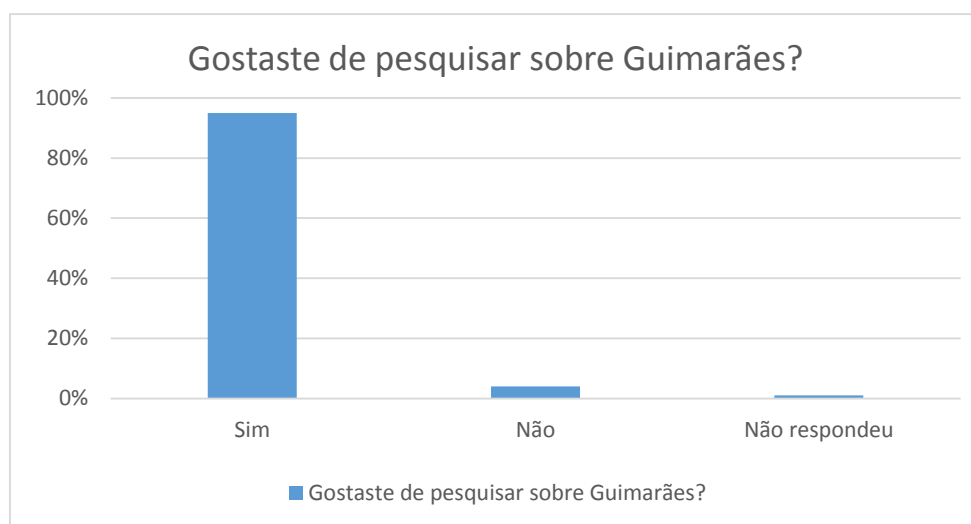
Não ☐

Porquê?

Para que a cultura <sup>(ou tradição)</sup> permaneça na cidade.

Traz todas as pessoas à cidade e é empolgante.

Por sua vez, questão 9.4 pretendeu avaliar o interesse dos alunos com as pesquisas que realizaram, questionando se os mesmos gostaram de pesquisar, especificamente, sobre Guimarães e 77 alunos responderam “sim”, 4 responderam “não” e 1 aluno não respondeu. Consideramos estes resultados muito bons, uma vez que sentimos a motivação dos alunos para a realização dos mesmos e essa veio a confirmar-se com estas respostas.

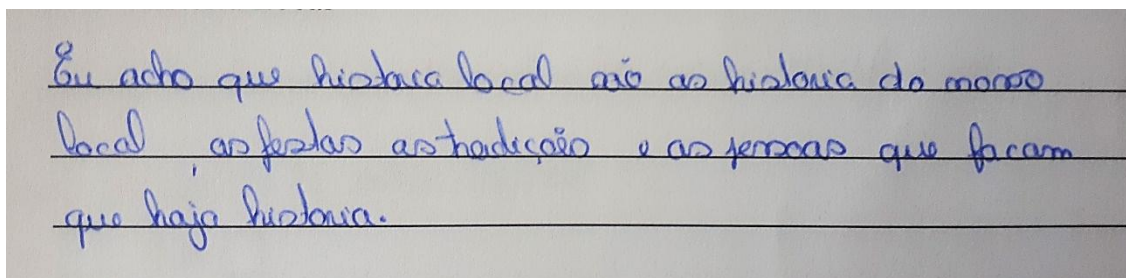


**Gráfico 6-** Percentagem das respostas dos alunos à questão 9.4 "Gostaste de pesquisar sobre Guimarães?"

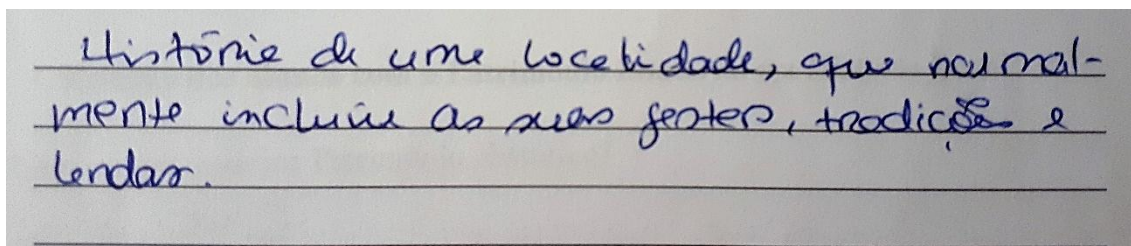
Na questão seguinte, 9.5, pretendia-se entender o conhecimento dos alunos sobre outras Tradições Locais que não foram estudadas na disciplina de História, sendo que 47 estudantes escreveram as festas/Tradições já estudadas, 15 alunos intervenientes no questionário não responderam, 7 referiram não saber nem conhecer, 1 viu a sua resposta ser considerada inválida e apenas 11 inquiridos responderam efetivamente uma Tradição diferente da estudada.

Para finalizar as restantes 3 questões finais pretendem conhecer, analisar e avaliar os conhecimentos com que os alunos ficaram em relação aos conceitos como História Local (questão 10.1), Património Histórico (questão 10.2) e Património Cultural Imaterial (questão 10.3). Sobre a História Local 20 alunos não responderam e os restantes prenderam as suas respostas em questões como “é a História de um determinado sito”, e a “História de cada localidade”, alguns inseriram nas suas respostas as Tradições dessa

Localidade como pertencentes à sua História e as pessoas que fazem possível existir História:



Eu acho que historia local são as historia do nosso local, as festas as tradições e as pessoas que fazem que haja historia.



História de uma localidade, que normalmente inclui as suas festas, tradições e lendas.

Relativamente à questão sobre o Património Histórico e comparativamente com as respostas à questão 1 que questionava os alunos sobre se estes conheciam o significado de Património onde a maioria respondeu “sim”, vimos que quando se trata de explicar o que é o mesmo na questão 10.2 a maior parte não sabe, 30 alunos não responderam e uma grande parte dos mesmos, 25 alunos, responderam de forma equivocada, referindo na maior parte das vezes que Património Histórico são apenas os bens materiais. Com estas respostas observamos uma lacuna que as aulas tiveram uma vez que deviam ser mais incisivas sobre estes conceitos para que os alunos os conseguissem dominar.

Por fim, no questionário pretendia-se aferir se os inquiridos ficaram a entender o que era Património Cultural Imaterial, o tema chave das pesquisas que efetuaram, analisando-se que 18 alunos não responderam, 1 respondeu de forma inválida, 6 responderam que não sabiam, 10 colocaram respostas erradas e 46 alunos responderam corretamente o que era para eles Património Cultural Imaterial, o que contrariamente ao que sucedeu com o conceito de Património Histórico são resultados bastante positivos e mostram também o reforço que a professora estagiária deu ao conceito aquando da explicação para os seus trabalhos.

## Considerações Finais

É reconhecida a importância da preservação e proteção da Memória coletiva e das manifestações culturais expressas pelos monumentos, lugares históricos ou paisagens culturais. Porém a cultura de um povo não se restringe somente a estes aspetos físicos, materiais, está também incluída nos costumes, nas danças, nos cantares, nas roupas, nas festas, ou seja, nas Tradições, no intangível. A partir desta ideia, um dos nossos objetivos com a aplicação do nosso estudo foi a utilização do Património Cultural Imaterial como uma possibilidade para a Educação Histórica através do cruzamento com documentos escritos, imagens, objetos, isto é, com a Cultura Material.

De alguma forma, sentimos que o trabalho serviu para aproximar os estudantes com a professora estagiária e acima de tudo aproximou também os estudantes à sua História Local ao seu Património Cultural Imaterial.

O que a professora estagiária aplicou nas diferentes turmas não consistiu em aulas de História que seguiram uma planificação completamente rigorosa mas sim pretendeu transmitir aos alunos interesses com o estudo do Património Imaterial Local através de temas de aproximação aos mesmos, criando neles uma atitude crítica e reflexiva em relação ao Património Cultural Local, através da motivação que foi despoletada por trabalharem temas que habitualmente não relacionariam com o ensino.

Como já foi mencionado várias vezes ao longo deste presente estudo, a nossa finalidade com o mesmo foi desde sempre mostrar a importância de se inserir na disciplina de História o Património Cultural Imaterial e compreender se o Património Cultural Imaterial, no caso específico as Tradições Locais, têm influência na educação Histórica e Patrimonial. Foi a partir desta nossa questão de partida que seguiu todo o desenrolar do nosso estudo.

Agora findado o estágio e consequentemente o nosso estudo é tempo de reflexões e considerações finais sobre o mesmo. Podemos apontar então pontos positivos e pontos negativos com a aplicação do nosso estudo nas aulas de História. Como pontos positivos podemos mencionar que o estudo aplicado surpreendeu pelo envolvimento e entusiasmo da maior parte dos estudantes, sendo o mesmo notório com as respostas do questionário dos alunos do 9.º ano, nomeadamente quando se questionou se os mesmos gostaram de trabalhar temas sobre Guimarães, a grande maioria respondeu afirmativamente.

Através do nosso trabalho realizado com o Património Imaterial Local muitos dos alunos passaram a ter uma nova e diferente visão sobre a disciplina de História, dado que conseguiram perceber que a História, enquanto disciplina curricular, não diz respeito apenas à utilização, por vezes distante e fria, do manual escolar, mas engloba um conjunto de realidades, principalmente realidades concernentes ao quotidiano dos estudantes.

Realçando outro carácter positivo da aplicação do estudo pode se referir o empenho da maioria dos estudantes na realização das tarefas propostas, sempre com um misto de surpresa e motivação, pois era a primeira vez que a temática das Tradições Locais estavam a ser abordadas em sala de aula. Neste aspeto reforçamos a ideia de que é necessária uma abordagem mais abrangente e aprofundada desta temática, quer na disciplina de História como nas restantes disciplinas, pois recordando os dados recolhidos com os questionários aos alunos do 11.º e do 9.º ano é perceptível que a maior parte refere que a temática é abordada à disciplina de História e apenas uma minoria refere também outras disciplinas como Português, Geografia e Formação Cívica, o que nos leva a referir a importância de uma maior abertura ao aproveitamento da temática do Património Local para as diferentes disciplinas, no sentido de se educar futuros cidadãos conscientes e refletivos sobre o seu próprio Local e passado.

Como aspetos negativos do nosso estudo começamos por indicar algumas lacunas ao nível da bibliografia sobre o Património Cultural Imaterial de Guimarães, uma vez que a grande parte do material bibliográfico existente concerne apenas ao Património Cultural Material de Guimarães, bem como ao nível de estudos gerais sobre a utilização do Património Imaterial no contexto do ensino a bibliografia continua a ser mais escassa do que a respeitante ao Património Material. Este aspeto atesta a nossa justificação da introdução da temática como algo original e introduz um mote para futuros estudos, bem como para a necessidade de existir mais bibliografia sobre o tema.

Ainda nos aspetos negativos do nosso trabalho, é essencial transmitir a lacuna por parte da professora estagiária na planificação das aulas sobre o mesmo, uma vez que deveria reservar uma das suas apresentações sobre a introdução da temática para a apresentação e explicação dos conceitos como História Local, Património Histórico, Património Cultural e Imaterial, Cidadania, Memória e Identidade, não ficando apenas pela explicação geral dos mesmos conceitos, pois como se verifica nas respostas ao questionário do 9.º ano existiu ainda uma grande falha quando se tratou dos alunos explicarem os diferentes conceitos.

Assim sendo, na prática vimos respondidas algumas das nossas questões de partida como por exemplo a aproximação dos alunos à disciplina de História através do estudo da Localidade, o que de facto sentimos que aconteceu, bem como a utilização do Património Cultural Imaterial serviu como uma motivação para as estratégias de ensino-aprendizagem, uma vez que a partir de temas diferentes, do que habitualmente está inserido no contexto escolar, os alunos efetivaram uma maior ligação com o contexto Local onde estão inseridos assim como com a História.

Em suma, findamos o nosso processo de trabalho e o referido ano de estágio com um turbilhão de emoções, mas com a certeza de que “Lembrar Guimarães” foi um dos nossos objetivos cumpridos, conseguimos a mobilização dos alunos para o efeito e a aproximação dos mesmos à disciplina de História através da sua motivação para trabalharem algo respeitante à sua Localidade. Deste modo, perspetivamos trabalhos futuros sobre a temática do Património Cultural Imaterial nas aulas de História justificando a necessidade dos mesmos devido à sua escassez e à falta de trabalhos que valorizem esta temática no ensino, justificamos ainda a pertinência do nosso estudo e da introdução da temática articulando com disciplinas como Cidadania e Desenvolvimento e mesmo com o programa de História, na temática da emancipação feminina.

## Bibliografia

Alarcão, J. (1987). *Introdução ao estudo da História e património locais*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra.

Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo- Conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alves, J. (1984). *Património Artístico e cultural de Guimarães*. Guimarães: II Volume.

Alves, L. (2009). *A Função social da História*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Alves, L. (2014). *A História local como estratégia para o ensino da História*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães. (2017). *Pregões de São Nicolau, 1997 a 2017*. Volume II. Guimarães: Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.

Cachada, A. (1992). *Guimarães, Roteiro Turístico*. Guimarães: Zona de Turismo de Guimarães.

Barroso, P. (2004). *Romarias de Guimarães: património simbólico, religioso e popular*. Guimarães: Núcleo de Estudos de População e Sociedade.

Bittencourt, C. M. (2009). *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Editora Cortez.

Burke, P. (2000). *História como memória social*. Em: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. 72-73

Convenção da UNESCO, artigos 1 e 2.º, 1972. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Consultado no dia 10 de julho de 2018.

Convenção da UNESCO Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, artigo 2.º, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>. Consultado no dia 10 de julho de 2018.

Custódio, J. (2000). *Educação patrimonial*. *Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico*, 1 (4), 10-11.



Declaração de Viena, 2009. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/DECLARACAODEVIENA.pdf>. Consultado no dia 10 de julho de 2018.

Delors, J. (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão sobre a Educação para o século XXI (2ªed.). Porto: Edições Asa.

Diário da República. (1997). Artigo 1º, I Série-, nº 289. Disponível em: [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/convencao\\_Malta.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/convencao_Malta.pdf). Consultado no dia 10 de julho de 2018.

Diário da República. (1986). Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, artigo 3.º. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/222418>. Consultado no dia 10 de julho de 2018.

Diário da República. (2001). *Lei de Bases do Património Cultural- Lei nº107 de 8 de setembro*. Disponível em: <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2001/09/209A00/58085829.pdf>. Consultado no dia 10 de julho de 2018.

Diário da República. (2005). *Lei de Bases do Sistema Educativo- Lei nº 49/2005 de 30 de agosto, Capítulo II, Secção II, Subsecção I, Artigo 7.º*. Disponível em: [https://www.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/servicos/Lei\\_49\\_2005\\_30\\_Agosto.pdf](https://www.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/servicos/Lei_49_2005_30_Agosto.pdf). Consultado no dia 10 de julho de 2018.

Documento de Apoio às Metas Curriculares de História (3.º ciclo do ensino básico). (2013). Ministério da Educação. pp. 3-5.

Fabregat, C. H. e Fabregat M.H. (1991). *Como preparar uma aula de história* (2.ª edição). Rio Tinto: Edições ASA

Faria, A. (2014). *Visitas de estudo: um desafio pedagógico no ensino da História*. (Tese de Mestrado). Disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/3502/1/Ana%20Rita%20Faria.pdf>. Consultado a 5 de julho de 2018.

Félix, N. (1998). *A História na Educação Básica*. Lisboa: M.E/DEB.

Figueiredo, I. (1999). *Educar para a Cidadania*. Porto: Edições ASA.

Gedeão, A. (1956). *Movimento Perpétuo*. Coimbra: Oficina Atlântida.

Le Goff, J. (2013), Jacques. *História e memória*. Campinas/SP: Editora da Unicamp. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Consultado no dia 20 de junho de 2018.

Lei De Bases Do Património Cultural Português, 2001. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/>. Consultado no dia 10 de julho de 2018.

Lopes, M. (2017). *Perspetivas sobre o Património e Educação Patrimonial no início do período Democrático (1974-1985)*. (Tese de Mestrado). Disponível em: [https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/15631/1/maria\\_torres\\_lopes\\_diss\\_mestrado.pdf](https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/15631/1/maria_torres_lopes_diss_mestrado.pdf). Consultado a 20 de julho de 2018. pp. 8-12.

Masachs, R. C. (2009). *Didáctica del patrimonio: epistemologia, metodologia y estudio de casos*. Gijón: Ediciones Trea.

Mattoso, J. (1999). *A Função Social da História no Mundo de Hoje*. Lisboa: A.P.H..

Meireles, M. J. (1994). *A obra do arquitecto Marques da Silva*. Em: Revista Mínia, 3.<sup>a</sup> série, Ano II. Guimarães.p. 150.

Mendes, C. (coord.). (2001). *Programa de História B (10ºano). Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia\\_b\\_10.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_b_10.pdf). Consultado no dia 13 de julho de 2018. pp. 7 e 27.

Mendes, C. (coord.). (2004). *Programa de História A do Ensino Secundário. Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/Recorren te/historia\\_a\\_10\\_11\\_12.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/Recorren te/historia_a_10_11_12.pdf). Consultado no dia 13 de julho de 2018. pp. 6-73.

Mestre, J, e Molina, N. (2016). *El patrimonio cultural inmaterial y su didáctica*. Gijón: Ediciones Trea.

Ministério da Educação. (1991). *Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico*, v.1. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb\\_hist\\_programa\\_3c\\_1.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_hist_programa_3c_1.pdf). Consultado no dia 8 de julho de 2018.

Ministério da Educação. (1991). *Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico*, v.2. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb\\_hist\\_programa\\_3c\\_2.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_hist_programa_3c_2.pdf). Consultado no dia 8 de julho de 2018.

Ministério da Educação. (2013/2014). *Metas curriculares de História- 3.º Ciclo do Ensino Básico*. Disponível em:

<http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metascurriculares/hist3ciclo.pdf>  
Consultado no dia 8 de julho de 2018.

Ministério da Educação. (2013). *Protocolo de Colaboração entre a Direção-Geral da Educação e a Direção-Geral do Património Cultural*. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos\\_Curriculares/Patrimonio\\_cultural/protocolo\\_dge\\_dgpc.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Patrimonio_cultural/protocolo_dge_dgpc.pdf). Consultado no dia 30 de junho de 2018.

Morais, M. e Vaz, M. (2002). *Guimarães, Património Cultural da Humanidade*. 2 vols. Guimarães: Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal.

Ofício-Circular n.º 21/04 de 11 de Março. (2004). *Visitas de estudo ao estrangeiro e em território nacional; intercâmbios escolares; passeios escolares e colónias de férias*. Porto: Direção Regional de Educação do Norte. Disponível em: [https://www.spn.pt/Media/Default/Info/14000/200/10/1/OficioCircular21\\_2004.pdf](https://www.spn.pt/Media/Default/Info/14000/200/10/1/OficioCircular21_2004.pdf). Consultado no dia 25 de junho de 2018.

Oliveira, Hélder. (2012). *As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida*. Comunicação apresentada no XIII Colóquio Ibérico de Geografia. Santiago de Compostela, 24-27 de outubro de 2012. Disponível em: [https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a22\\_1/apache\\_media/N2I16BDQD85962IHV9VDJLLHKI25KT.pdf](https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a22_1/apache_media/N2I16BDQD85962IHV9VDJLLHKI25KT.pdf). Consultado no dia 15 de julho de 2018.

Pais, J. M. (1999). *Consciência histórica e identidade: os jovens portugueses num contexto europeu*. Oeiras: Celta Editora.

Pereira, M. e Cardoso, A. (2016). *A escola e a educação patrimonial: perspetivas de intervenção*. Em: *Atitudes do Enfermeiro em contexto de ensino clínico*. Viseu: Centros de estudos em Educação, Tecnologias e Saúde. Disponível em: <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/8253-Article%20Text-23399-1-10-20160204.pdf>. Consultado no dia 20 de julho de 2018.

Pimentel, A. (coord.). (2004). *Programa de História da Cultura e das Artes. Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas (11º e 12º anos) e Cursos Artísticos Especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (10º, 11º e 12º anos)*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia\\_cult\\_artes\\_10\\_11\\_12.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_cult_artes_10_11_12.pdf). Consultado no dia 16 de julho de 2018, pp. 14-51.

Pinto, H. (2016). *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. Porto: CITCEM.

Pinto, E., e Barroso, P. (2005). *Penha, Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*. Guimarães: Orgal Impressores.

Proença, M. (1990). *Ensinar / Aprender História: questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.

Recomendação De Cracóvia Para A Proteção Do Património Cultural, 2016. Disponível em:

[http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas\\_e\\_convencoes\\_internacionais/traducaoadeclaracaodecracovia.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/traducaoadeclaracaodecracovia.pdf). Consultado no dia 13 de julho de 2018.

Ribeiro, J. (2015). *O papel da História para (In) Formar*. (Tese de Mestrado). Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11491/1/JOANA\\_RIBEIRO.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11491/1/JOANA_RIBEIRO.pdf). Consultado no dia 27 de junho de 2018.

Rodrigues, M. (coord.). (2001). *Programa de História C (10.º ano). Curso Tecnológico de Ação Social*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia\\_c\\_10.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_c_10.pdf). Consultado no dia 13 de julho de 2018. pp. 6- 27.

Rodrigues, M. (coord.). (2002). *Programa de História C (11.º ano). Curso Tecnológico de Ação Social*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia\\_c\\_11.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_c_11.pdf). Consultado no dia 13 de julho de 2018. pp. 5-20.

Silva, A. (2003). “No coração, não. Mas na cabecinha...”. Em: “Público” de 8 de Março. Disponível em: <https://www.publico.pt/2003/03/08/jornal/no-coracao-nao-mas-na-cabecinha-198922>. Consultado no dia 30 de junho de 2018.

Silva, L. M. (1991). *Guimarães e as Festas Nicolinas*. Guimarães: Edição da Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães.

Telmo, I. (1989) - *O Património e a Escola: do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.

Van Dyke, R. e Alcock, S. (2008). *Archaeologies of Memory*. New Jersey: Wiley.

## Webgrafia

[http://www.aph.pt/ex\\_opinioao7.php](http://www.aph.pt/ex_opinioao7.php) . Consultado no dia 22 de junho de 2018.

[http://www.aph.pt/ex\\_opinioao14.php](http://www.aph.pt/ex_opinioao14.php) . Consultado no dia 22 de junho de 2018.

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>. Consultado no dia 22 de junho de 2018.

<https://nicolinas.pt/> . Consultado no dia 18 de novembro de 2017.

<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial>. Consultado no dia 22 de junho de 2018.

<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>. Consultado no dia 22 de junho de 2018.

<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial-em-portugal> . Consultado no dia 22 de junho de 2018.

## **ANEXOS**

## Anexo I – Questionário aplicado aos alunos do 11.º ano de Artes Visuais



### Questionário sobre a História Local e o seu Património Imaterial

#### Lembrar Guimarães...

Este questionário visa avaliar qual o impacto das tradições locais da cidade de Guimarães na educação histórica e patrimonial. **Não existem respostas certas ou erradas às perguntas que serão colocadas. Os dados recolhidos respeitam o anonimato dos alunos.**

Sexo: M ☐ F ☐ Idade: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

1- Consideras Guimarães uma cidade rica em Património Cultural Imaterial?

Sim ☐ Não ☐

2- As tradições de Guimarães podem ser consideradas Património Imaterial?

Sim ☐ Não ☐

3- Estas tradições da cidade (festas, lendas, estórias) são abordadas nas tuas aulas?

Sim ☐ Não ☐

3.1- Se sim, em que disciplinas?

---

---

4- Entendes que a disciplina de História necessita ter um papel importante e ativo na difusão e aprofundamento destas tradições?

Sim ☐ Não ☐

5- Para além do contexto escola, o assunto das várias tradições é mencionado onde?

Família ☐ Amigos ☐ Notícias locais (rádio e jornais) ☐ Redes sociais ☐

6- Consideras as Nicolinas e as Gualterianas duas tradições importantes para a História da cidade de Guimarães?

Sim ☐ Não ☐

6.1- Qual é para ti a que melhor representa a cidade?

Nicolinas ☐ Gualterianas ☐

6.2- Costumas participar nesta última (a tua opção)?

☐☐

Sim

Não

6.3- Refere, sucintamente, no que consiste a mesma e a sua breve história.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

7- Que outras tradições (festas, histórias ou lendas) conheces sobre Guimarães?

---

---

---

---

8- Para ti, os conceitos Identidade e Cidadania podem relacionar-se com as tradições locais?

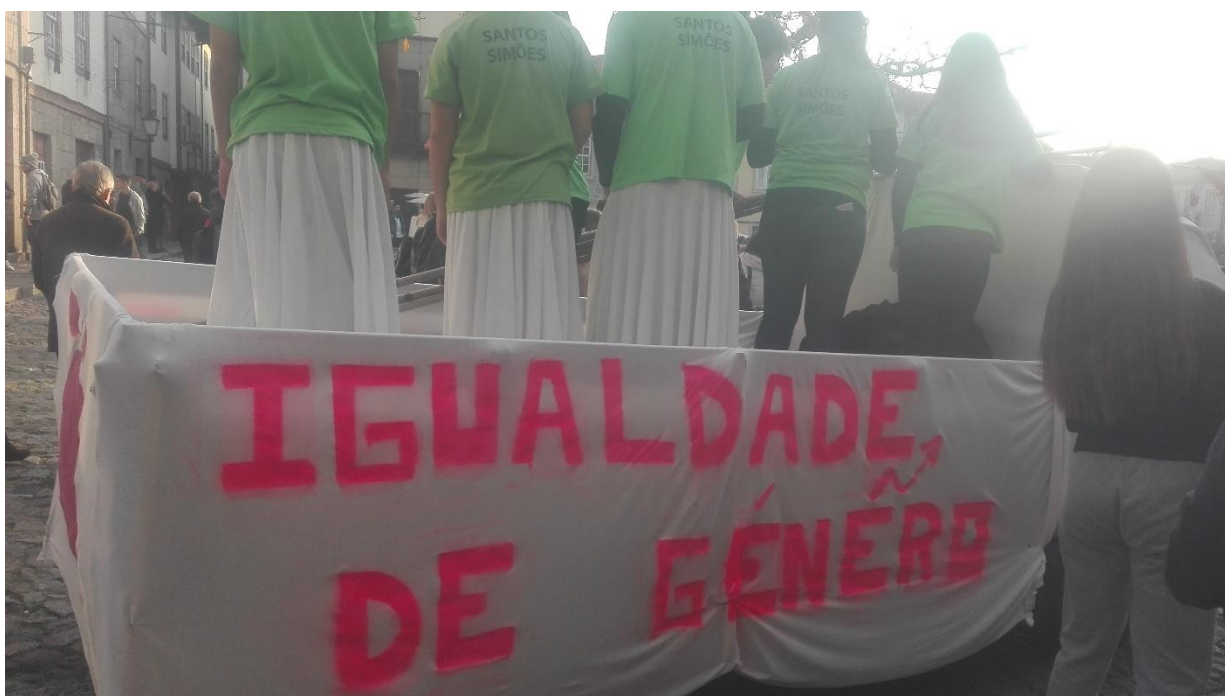
Sim ☐

Não ☐

**Obrigada pela colaboração!**



**Anexo II – Fotografias da participação dos alunos de Artes Visuais nas  
“Maçãzinhas”**





### Anexo III – Notícia sobre a polémica participação dos alunos de Artes Visuais nas “Maçazinhas” (notícia do dia 7 de dezembro de 2017)



## COMISSÃO NICOLINA REPUDIA ATITUDE DA ESCOLA SANTOS SIMÕES NAS MAÇAZINHAS

Luís Freitas, 7 Dezembro, 2017, Destaque, Em Guimarães, 0



A Comissão de Festas Nicolinas, através de um comunicado assinado pelo presidente João Nicolau, manifestou o seu desagrado pelo facto de as raparigas terem subido para o carro das Maçazinhas da Escola Secundária Santos Simões. “A Comissão entende que essa mesma atitude foi um desrespeito à comunidade nicolina e às tradições seculares vimaranenses”.

De imediato as raparigas que seguiam nos carros foram convidadas a abandonar os mesmos. “A Comissão respeita os movimentos feministas mas entende que esse tipo de movimentos não podem confundir liberdade e igualdade de género com adulteração de uma tradição enraizada nas gentes de Guimarães”. No final do comunicado a Comissão pede ainda desculpa às raparigas, às mulheres a todos os presentes pelo “infeliz episódio”.

“É de lamentar também o uso de lanças antigas com fitas referentes a outros anos”, refere a Comissão, manifestando mais uma vez o desagrado pela atitude da Escola Secundária Santos Simões.

COMPARTILHAR

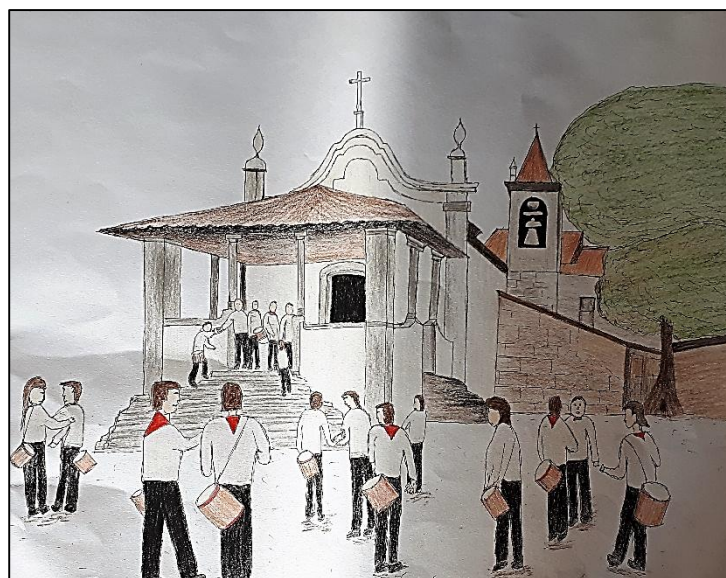
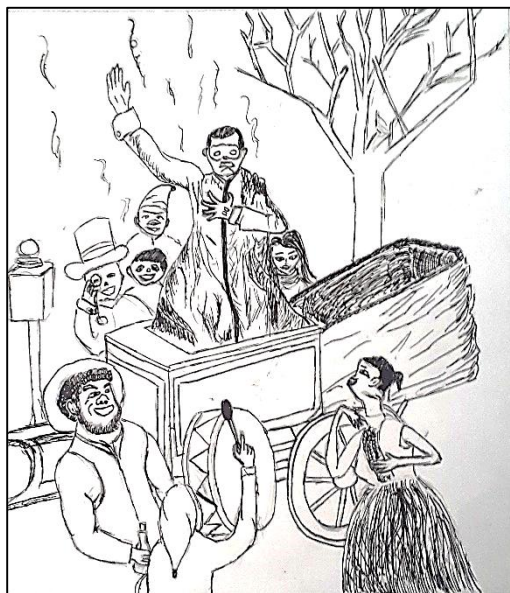


**Anexo IV – Site que a professora estagiária indicou para a pesquisa dos alunos do 11.º ano de Artes Visuais sobre as Nicolinas**





## **Anexo V – Exemplos de trabalhos realizados pelos alunos do 11.º de Artes Visuais**



## Anexo VI – E-mails trocados com a Irmandade da Nossa Senhora do Carmo da Penha



Juliana Freitas

sáb 27-01, 21:04

info@penhaguimaraes.com

Responder

Prezados Senhores, boa noite,

Serve este email para informar que eu Juliana Freitas, e a minha colega Paula Ferreira, estivemos no gabinete informativo do Santuário da Penha no passado dia 22 de janeiro, segunda-feira. Nesse dia tivemos uma pequena reunião com a Doutora Luísa, onde abordamos o desejo de organizar uma atividade na Penha, respeitante ao nosso ano de professoras estagiárias na Escola Santos Simões, no dia 13 de abril (autónoma). Porém também falamos no desejo de ir numa visita guiada com outro grupo no dia 16 de fevereiro, servindo também este email para confirmar a mesma.

Cordialmente,  
Juliana Freitas



Irmandade da Penha <info@penhaguimaraes.com>

seg 29-01, 14:32

Você

Responder

Esta mensagem foi enviada com importância alta.

Exmas. Sras. Juliana Freitas e Paula Ferreira  
Boa tarde

Vimos por este meio dar resposta ao v/ email e informar que a visita guiada foi antecipada, estando agora marcada para o dia 15 de Fevereiro (quinta-feira).

Atentamente,  
Luísa Sampayo  
IRMANDADE DA PENHA



Juliana Freitas

seg 29-01, 16:48

Irmandade da Penha (info@penhaguimaraes.com)

Responder

Boa tarde,

Fica então confirmado e agendado.  
Obrigada pela atenção!

Cordialmente,  
Juliana Freitas  
Paula Ferreira



Juliana Freitas

qua 14-02, 11:59

info@penhaguimaraes.com

Responder |

Bom dia Prezados Senhores,

Serve este e-mail para confirmar se a visita à Penha estipulada para o dia de amanhã, 15 de fevereiro, sempre se mantém ou não? Por motivos das condições meteorológicas se encontrarem más.

Obrigada!

Atenciosamente,

Juliana Freitas



Irmandade da Penha <info@penhaguimaraes.com>

qua 14-02, 13:06

Você

Responder |

Exma. Sra. Juliana Freitas  
Boa tarde

Em resposta ao v/ email, agradecemos que façam o favor de nos enviar o v/ contacto telefónico, tal como tinha ficado combinado pessoalmente.

Atentamente,  
IRMANDADE DA PENHA



Juliana Freitas

qua 14-02, 13:16

|

Boa tarde uma vez mais,

O nosso contacto telefónico é o seguinte:

Juliana Freitas: 916704369

Paula Ferreira: 913992960

Pois dado que está mau tempo não sabemos se a mesma se irá realizar, todavia tendo os nossos contactos é mais fácil.

Atenciosamente,  
Juliana Freitas

## VISITA À PENHA - 20 de março



Juliana Freitas

qui 08-03, 15:49

info@penhaguimaraes.com

Responder |

Boa Tarde Prezada Dr. Luísa,

Serve o presente e-mail para confirmar a nossa (minha e da minha colega Paula Ferreira) visita à Penha com a Doutora no dia 20 de março, conforme falámos por telefone, pelas 11h. Muito agradecida uma vez mais!

Cordialmente,  
Juliana Freitas

Boa noite Exmos. Senhores da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha,

Serve este e-mail para oficializar a nossa visita de estudo à Penha no dia 13 de abril pelas 14h30, e as relativas informações necessárias para a concretização da mesma.

Assim sendo, eu Juliana Freitas, e a minha colega Paula Ferreira somos alunas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e encontramos-nos a frequentar o 2.º ano do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino básico e Ensino secundário, o mesmo ano concerne ao ano de estágio pedagógico, decorrendo o mesmo na Escola E, B 2,3 Santos Simões. Como alunas do referido Mestrado, e na sequência de um trabalho para a Unidade Curricular de Problemáticas Históricas, onde é pedido a todos os discentes dinamizar uma atividade relacionada com o seu núcleo de estágio, nós considerámos que uma visita de estudo à deslumbrante riqueza da Penha seria o ideal. Considerámos que as temáticas relacionadas com o centro histórico de Guimarães já são muito abordadas e não era esse o caminho que pretendíamos percorrer, pelo que o nosso objetivo é chamar a atenção dos nossos alunos de 9.º ano e 11.º de História e Cultura das Artes, como também dos nossos colegas e Professores da FLUP para uma temática não tão abordada, como a do notável património material (por exemplo, com a belíssima obra do Santuário da Penha, projetada pelo arquiteto José Marques da Silva, sendo uma temática abordada no programa de História e Cultura das Artes de 11.º ano) e imaterial (com as suas peregrinações, festas e lendas).

Deste modo, para a nossa visita precisamos do vosso auxílio para:

1. Aceder ao salão nobre para visualizarmos os painéis da Penha antiga, assim como os quadros dos beneméritos do Santuário da Penha.
2. Saber se podemos entrar com os alunos dentro do Santuário.
3. Conseguir, se nos for autorizado, tocar uma música dentro do santuário com flauta transversal (ainda não temos certeza), porém gostávamos muito de o fazer, e que o mesmo fosse possível.
4. Aceder: à Capela de São Cristóvão; à Gruta da Nossa Senhora do Carmo; e à Capela de Santa Catarina (se fosse possível abrir a mesma).

Resta-nos referir que estamos as duas a promover e dinamizar esta atividade com muito empenho e dedicação, mas também com muito gosto e carinho (ainda mais depois de sermos tão bem-recebidas por vós em todas as ocasiões que “reunimos”). Por fim, permitam-nos sublinhar a vossa ajuda e prestabilidade sempre para connosco, e deixar à Irmandade um enorme agradecimento para que “o pulmão perto da cidade” possa estar ainda mais perto, quer dos seus habitantes vimaranenses, como dos visitantes do distrito do Porto no dia 13 de abril de 2018.

Cordialmente,  
Juliana Freitas  
Paula Ferreira



## Anexo VII – E-mails trocados com a empresa de transportes

JF

Juliana Freitas

qua 14-03, 12:57

silvan@arriva.pt

Responder | ▾

Boa tarde Prezados Senhores,

Vimos por este meio pedir um orçamento do aluguer de um autocarro (com o respetivo motorista). O itinerário seria a partida da Escola E.B.2,3 Santos Simões (rua Dr. Santos Simões - Mesão Frio, 4810-767, Guimarães) às 14h30 com destino ao Santuário da Penha, e com a respetiva volta à Escola pelas 18h.

Cordialmente,  
As Professoras,  
Juliana Freitas  
Paula Ferreira

NS

Noémia Silva <silvan@arriva.pt>

qui 15-03, 16:53

Você: x

Responder | ▾

Boa tarde,


Qual a lotação pretendida?

Melhores Cumprimentos,

Noémia Magalhães  
Serviço de Alugueres  
Arriva Portugal - Norte

M: +351 933 279 636 | E: [silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

Arriva Portugal-transportes, Lda. | T: +351 253 423 990 | F: +351 253 423 919 | [www.arriva.pt](http://www.arriva.pt)  
Nórtia / Address: Edifício Arriva, Rua das Arcas, 4810-847 Pinheiro do Mar - Guimarães, Portugal



arriva  
aibn company

JF

Juliana Freitas

qui 15-03, 16:41

Noémia Silva (silvan@arriva.pt): x

Responder | ▾

Boa tarde,

Queríamos saber o orçamento para 3 alternativas 50, 55 ou 60 lugares. Para averiguar a melhor solução.

Cordialmente,  
Juliana Freitas  
Paula Ferreira



Noémia Silva <silvan@arriva.pt>

sex 16-03, 12:04



Boa tarde

Viaturas:

50 lugares fica por 120€ (valor com IVA incluído)

55 lugares fica por 130€ (valor com IVA incluído)

59 lugares fica por 140€ (valor com IVA incluído)

Melhores Cumprimentos,

**Noémia Magalhães**

Serviço de Alugueres

Arriva Portugal - Norte

M: + 351 933 279 636 | E: [silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

**Arriva Portugal-Transportes, Lda.** | T: +351 253 423 500 | F: +351 253 423 519 | [www.arriva.pt](http://www.arriva.pt)

Morada / Address: Edifício Arriva, Rua das Arcas, 4810-647 Pinheiro GMR - Guimarães, Portugal



Juliana Freitas

sab 02-04, 22:01

[silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

Responder

Boa noite Exmos. Senhores,

Gostaríamos de saber quais os procedimentos necessários para alugarmos um autocarro para o dia 13 de abril, com saída da escola E B 2,3 Santos Simões às 14h30 em direção ao Santuário da Penha, e respetiva chegada à escola pelas 18h.

Com os melhores cumprimentos,

Juliana Freitas

Paula Ferreira



Noémia Silva <silvan@arriva.pt>

ter 03-04, 16:37  
Você

Responder

Boa tarde

Para uma confirmação necessito de dados para faturação (nome, morada, nº de contribuinte e contato da pessoa responsável pelo grupo) e dados finais do serviço local e horários de carga dos transferes e lotação pretendida e valor fornecido.

Melhores Cumprimentos,

**Noémia Magalhães**

Serviço de Alugueres

Arriva Portugal - Norte

M: + 351 933 279 636 | E: [silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

**Arriva Portugal-Transportes, Lda.** | T: +351 253 423 500 | F: +351 253 423 519 | [www.arriva.pt](http://www.arriva.pt)

Morada / Address: Edifício Arriva, Rua das Arcas, 4810-647 Pinheiro GMR - Guimarães, Portugal



Juliana Freitas

ter 03-04, 16:47

Noémia Silva ([silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt))

Boa tarde uma vez mais,

Podemos tratar destas coisas amanhã pessoalmente nas vossas instalações da central de caminonagem de Guimarães ou é noutro local?

Atenciosamente,

Juliana Freitas



Noémia Silva <silvan@arriva.pt>

ter 03-04, 16:51

Você

Boa tarde

Sim, mas tem de ser nas nossas instalações em Pinheiro – Guimarães sede da empresa.

Melhores Cumprimentos,

**Noémia Magalhães**  
Serviço de Alugueres  
Arriva Portugal - Norte

M: + 351 933 279 636 | E: [silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

**Arriva Portugal-Transportes, Lda.** | T: +351 253 423 500 | F: +351 253 423 519 | [www.arriva.pt](http://www.arriva.pt)

Morada / Address: Edifício Arriva, Rua das Arcas, 4810-647 Pinheiro GMR - Guimarães, Portugal



Juliana Freitas

sex 06-04, 16:44

Noémia Silva (silvan@arriva.pt)

Responder

Boa tarde Exmos. Senhores,

Na sequência do nosso pedido para alugar um autocarro seguem os seguintes dados necessários:

Nome: Paula Alexandra Marques Ferreira

N.º de Identificação Fiscal: 270781960

Morada: Rua José Francisco Ribeiro, n.º 381, 4810 – 013 Costa-Guimarães.

Contacto: 913992960

Serviço:

- Alugar um autocarro para o dia 13 de abril com saída da Escola E, B 2,3 Santos Simões (Rua Dr. Santos Simões, 4810-767 Guimarães) e com destino ao Santuário da Penha. E respetiva viagem de regresso até à escola.
- Autocarro de 55 lugares.
- Partida da escola às 14h30.
- Saída do Santuário da Penha às 17h30.

Atenciosamente,

Juliana Freitas

Paula Ferreira



Noémia Silva <silvan@arriva.pt>

sex 06-04, 16:50

Você

Boa tarde

Obrigada.

Melhores Cumprimentos,

**Noémia Magalhães**  
Serviço de Alugueres  
Arriva Portugal - Norte

M: + 351 933 279 636 | E: [silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

**Arriva Portugal-Transportes, Lda.** | T: +351 253 423 500 | F: +351 253 423 519 | [www.arriva.pt](http://www.arriva.pt)

Morada / Address: Edifício Arriva, Rua das Arcas, 4810-647 Pinheiro GMR - Guimarães, Portugal



Noémia Silva <silvan@arriva.pt>  
qui 12-04, 17:41

Boa tarde

O motorista é o senhor J. Oliveira – 932561507.

Melhores Cumprimentos,

**Noémia Magalhães**  
Serviço de Alugueres  
Arriva Portugal - Norte

M: + 351 933 279 636 | E: [silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

**Arriva Portugal-Transportes, Lda.** | T: +351 253 423 500 | F: +351 253 423 519 | [www.arriva.pt](http://www.arriva.pt)  
Morada / Address: Edifício Arriva, Rua das Arcas, 4810-647 Pinheiro GMR - Guimarães, Portugal



Juliana Freitas  
sex 13-04, 18:15  
[silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

Responder | v

Boa tarde,

Serve este e-mail para agradecer o vosso serviço prestado no dia de hoje 13 de abril, da Escola Santos Simões até à Penha, e vice versa. E também para vos pedir o NIB para procedermos à transferência bancária na segunda-feira.

Atenciosamente,  
Juliana Freitas



Noémia Silva <silvan@arriva.pt>  
seg 16-04, 09:30



Transferir Guardar no OneDrive - Pessoal

Bom dia

Envio em anexo o nosso IBAN.

Melhores Cumprimentos,

**Noémia Magalhães**  
Serviço de Alugueres  
Arriva Portugal - Norte

M: + 351 933 279 636 | E: [silvan@arriva.pt](mailto:silvan@arriva.pt)

**Arriva Portugal-Transportes, Lda.** | T: +351 253 423 500 | F: +351 253 423 519 | [www.arriva.pt](http://www.arriva.pt)  
Morada / Address: Edifício Arriva, Rua das Arcas, 4810-647 Pinheiro GMR - Guimarães, Portugal

## Anexo VIII – Autorizações para os encarregados de educação (Atividade na Penha)

	<b>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS SANTOS SIMÕES</b> <b>GUIMARÃES</b> <b>ANO LETIVO 2017/ 2018</b>
	<b>VISITA DE ESTUDO À PENHA</b> <b>TEMA: PATRIMÓNIO HISTÓRICO E NATURAL</b> <b>TURMA: 9.º A</b>

### CONVOCATÓRIA

Ex<sup>ma</sup>. Sr.(a). Encarregado (a) de Educação,

Venho, por este meio, informar, que o seu educando(a) terá uma visita de estudo, à Penha a realizar no próximo dia 13/4/2018 (6.ª- feira), pelas 14:00 horas.

**Ponto de encontro: 14:00 h no portão da Escola Santos Simões.**

**A deslocação:** autocarro.

**Chegada à Penha:** 14:30h

**Duração da visita:** 2:30 h (aproximadamente)

**Chegada à escola:** 18:00 h (aproximadamente)

**A visitar:** Santuário da Penha, Monumento aos aviadores, Capela de S. Cristóvão, Capela de St. ª Catarina, Gruta de N. ª SR.ª do Carmo, Gruta de N. ª SR.ª de Lurdes, Estátua Pio IX.

*O património, material ou intangível, é imprescindível como fonte histórica para interpretar e compreender o passado, constituindo as atividades de defesa do património, formas de valorização cultural, de preservação e de partilha de identidades.*

- ✓ O estudo da História Local é fundamental para conhecer, compreender, respeitar e preservar as raízes e a origem de uma região. A visita de estudo ao Santuário da Penha é essencial uma vez que é um monumento de singular beleza e valia arquitetónica e religiosa.

**Custo da Visita de Estudo:** 3 € (Pagar no dia 9 de abril, segunda-feira).

**Nota:** a turma será acompanhada pelas professoras de História, Carla Sanfins, Juliana Freitas e Paula Ferreira.

Guimarães, 21 de março de 2018

As Professoras Dinamizadoras,

(Juliana Freitas e Paula Ferreira)



(Assinar, recortar e devolver a parte inferior à Professora de História)

(Nome) \_\_\_\_\_, Encarregado(a) de Educação de \_\_\_\_\_, N.º \_\_\_\_\_, do 9.º A, declara que tomou conhecimento da realização de uma Visita de Estudo à Penha, e autoriza /não autoriza a participar.

- Autoriza a participação \_\_\_\_\_ ☐
- Não autoriza a participação \_\_\_\_\_ ☐

Guimarães, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

O(A) Encarregado(a) de Educação: \_\_\_\_\_

	<b>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS SANTOS SIMÕES</b> <b>GUIMARÃES</b> <b>ANO LETIVO 2017/ 2018</b>
	<b>VISITA DE ESTUDO À PENHA</b> <b>TEMA: PATRIMÓNIO HISTÓRICO E NATURAL</b> <b>TURMA: 11.º C</b>

#### CONVOCATÓRIA

Ex<sup>mo</sup>. Sr.(a). Encarregado (a) de Educação,

Venho, por este meio, informar, que o seu educando(a) terá uma visita de estudo, à Penha a realizar no próximo **dia 13/4/2018 (6.ª- feira)**, pelas **14:00 horas**.

**Ponto de encontro: 14:00 h no portão da Escola Santos Simões.**

**A deslocação:** autocarro.

**Chegada à Penha:** 14:30h

**Duração da visita:** 2:30 h (aproximadamente)

**Chegada à escola:** 18:00 h (aproximadamente)

**A visitar:** Santuário da Penha, Monumento aos aviadores, Capela de S. Cristóvão, Capela de St. º Catarina, Gruta de N. º SR. º do Carmo, Gruta de N. º SR. º de Lurdes, Estátua Pio IX.

*O património, material ou intangível, é imprescindível como fonte histórica para interpretar e compreender o passado, constituindo as atividades de defesa do património, formas de valorização cultural, de preservação e de partilha de identidades.*

- ✓ O estudo da História Local é fundamental para conhecer, compreender, respeitar e preservar as raízes e a origem de uma região. A visita de estudo ao Santuário da Penha é essencial uma vez que é um monumento de singular beleza e valia arquitetónica e religiosa.

**Custo da Visita de Estudo:** 3 € (Pagar no dia 9 de abril, segunda-feira).

**Nota:** a turma será acompanhada pelas professoras de História, Carla Sanfins, Juliana Freitas e Paula Ferreira.

Guimarães, 21 de março de 2018

As Professoras Dinamizadoras,

(Juliana Freitas e Paula Ferreira)

3< \_\_\_\_\_

(Assinar, recortar e devolver a parte inferior à Professora de História)

(Nome) \_\_\_\_\_, Encarregado(a) de Educação de \_\_\_\_\_, N.º \_\_\_\_\_, do 11.º C, declara que tomou conhecimento da realização de uma Visita de Estudo à Penha, e autoriza /não autoriza a participar.

- Autoriza a participação \_\_\_\_\_ ☐
- Não autoriza a participação \_\_\_\_\_ ☐

Guimarães, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

O(A) Encarregado(a) de Educação: \_\_\_\_\_

**Anexo IX – Plano de aula do dia 21 de março. “Vamos ser Historiadores por um dia?” – Aula de introdução e motivação para a atividade “Penha, Património Histórico e Natural”**



**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS SANTOS SIMÕES**

**3.º ENSINO BÁSICO**

**PLANO DE AULA**

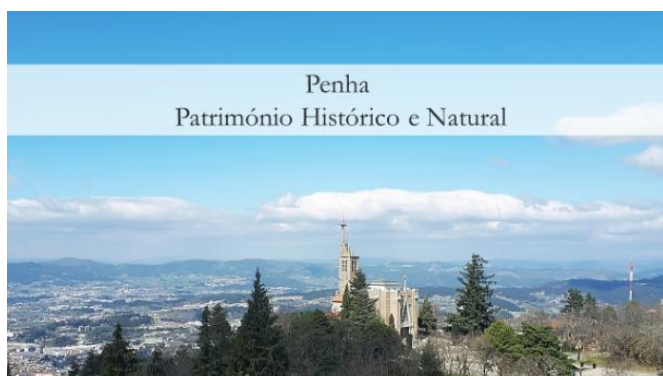
<b>Ano/turma</b>	<b>Data</b>	<b>Sala</b>	<b>Hora</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Professor (a)</b>
9.º 1	21-03-2018	14	10h15 – 11h00	História	Juliana Freitas
<b>Sumário:</b> “Vamos ser Historiadores por um dia?” – Aula de introdução e motivação para a atividade “Penha, Património Histórico e Natural”, a realizar na Penha no dia 13 de abril. Organização dos grupos de trabalho e seleção dos temas para cada grupo. Orientações para os trabalhos de grupo.					
<b>Questões orientadoras:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como se caracteriza a Penha hoje e a do passado?</li> <li>• Quais as fases necessárias para o trabalho de pesquisa?</li> <li>• Que materiais devem ser consultados para o trabalho de pesquisa em grupo?</li> <li>• O que os familiares sabem sobre as tradições da Penha (cultura oral, e interação geracional)?</li> </ul>					
<b>Metas Curriculares</b>		<b>Estratégias de Aprendizagem</b>		<b>Avaliação</b>	
Conteúdos/Conceitos	Objetivos Gerais/Descritores				
Conceitos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cidadania.</li> <li>• História local</li> <li>• Identidade.</li> <li>• Memória.</li> <li>• Património</li> </ul>	<b>Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas.</b>	<b>Motivação:</b> Observação de uma fotografia do “antes” da Penha comparando-a com a sua morfologia atual.		Observação do interesse,	

<p>Histórico cultural: material e imaterial.</p>	<p><b>Indicar o contributo da História para a consolidação de memórias e identidades.</b></p> <p><b>Explicitar a importância da História para a educação e para a cidadania.</b></p> <p><b>Manifestar interesse pela intervenção nos diferentes espaços em que se insere, defendendo o património cultural e a melhoria da qualidade de vida.</b></p> <p><b>Reconhecer e valorizar o património contribuindo para a sua defesa e preservação.</b></p> <p><b>Interpretar o diálogo passado-presente como um processo de contribuições recíprocas para a compreensão das diferentes épocas.</b></p> <p><b>Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no</b></p>	<p>Apresentação de um PowerPoint com imagens elucidativas da Penha antiga e da Penha atual, de modo a que os alunos compreendam as diferenças que ocorreram durante o século XX até à atualidade.</p> <p>Exposição dos temas/objetos de estudo sobre a Penha, e seleção dos temas de forma aleatória pelos grupos, com registo no quadro dos grupos e do tema que lhes ficou incumbido.</p> <p>Explanação da realização do trabalho.</p>	<p>participação no diálogo e empenho nas tarefas propostas.</p> <p>Capacidade para organizar e sintetizar a informação.</p> <p>Realização de trabalhos de pesquisa em grupo.</p>
--	---	--	--



	da intervenção consciente e responsável na realidade circundante.		
<b>Recursos utilizados</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro Branco e marcador</li> <li>• PowerPoint / Iconografia</li> <li>• Computador /Projedor</li> </ul>			
<b>Bibliografia</b>			
<p>ALVES, José Maria Gomes (1984) - <i>Património Artístico e cultural de Guimarães</i>. Guimarães: 2 vols.</p> <p>PINTO, Elisabete; BARROSO, Paulo (2005) - <i>Penha, Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha</i>. Guimarães: Orgal Impressores.</p> <p>TELMO, Isabel Cottinelli (1989) - <i>O Património e a Escola: do passado ao futuro</i>. Lisboa: Texto Editora.</p>			

**Anexo X – Apresentação do dia 21 de março. “Vamos ser Historiadores por um dia?” – Aula de introdução e motivação para a atividade “Penha, Património Histórico e Natural.”**



Vamos ser Historiadores  
por um dia?

Entra nesta aventura  
e investiga o  
passado da  
fantástica Penha.  
Em grupo, descobre  
os “segredos” deste  
deslumbrante local  
da tua cidade.



### Fases da investigação



1. Planificação.
2. Recolha e organização da informação.
3. Preparação do texto final.
4. Redação final.

### Temas da investigação

- Santuário da Penha (referência ao arquiteto).
- Monumento aos Aviadores.
- Capela de Santa Catarina.
- Gruta da Senhora do Carmo.
- Nicho de Santo Elias.
- Capela de São Cristóvão.
- Estátua do Papa Pio IX.
- Gruta da Senhora de Lourdes.



### Questões da tua pesquisa.

1. Indica o tempo e espaço ( exemplo: século ou ano da sua construção e onde se localiza).
2. Explica a sua breve História ( exemplo: o porquê do seu nome? Porque se localiza em determinado espaço)
3. Refere a sua simbologia ( exemplo: o que representa).



## Materiais para a recolha da informação

- Fotocópias facultadas pela Professora.
- Documentos em pdf fornecidos pela Professora.
- <http://www.faroldanossaterra.net/2014/06/22/serra-da-penha/>
- <https://fims.up.pt/>

## Apresentação da tua investigação

- O trabalho deve ser realizado no **WORD**  
– tipo de letra: **Times New Roman**; tamanho: **12**; espaçamento **1,5**; texto **justificado**.
- No dia 13 de Abril os grupos devem ter um porta voz e o mesmo deverá ser o Historiador/ Guia do próprio local que investigou com o resto do grupo.
- Esta apresentação, e ao mesmo tempo representação, vai ser realizada nos respetivos locais na Penha.



Vamos ser Historiadores por um dia?

Missão n.º 2

## Historiador individual

Mostra as tuas capacidades de Historiador, recolhendo informação sobre as peregrinações, festas, tradições e lendas sobre a Penha, com os teus familiares, amigos, vizinhos (ou outros).



Entregar o trabalho no dia **5 de abril** para os seguinte e-mails:

[carla.sanfins@santosimoes.edu.pt](mailto:carla.sanfins@santosimoes.edu.pt)  
[ju.n.freitas13@outlook.pt](mailto:ju.n.freitas13@outlook.pt)

## Anexo XI – Guião dos trabalhos de pesquisa sobre a Penha



### AGRUPAMENTO DE ESCOLAS SANTOS SIMÕES

#### ENSINO BÁSICO

<p><b>TRABALHO DE PESQUISA INDIVIDUAL</b></p> <p><b>ENSINO BÁSICO – 9.º ANO</b></p>	<p><b>ANO LETIVO:</b> <b>2017/2018</b></p> <p><b>MAIO/2018</b></p>
---	--

#### HISTÓRIA

#### Guião para a realização do trabalho de pesquisa

O trabalho consiste na realização de uma pesquisa sobre a Penha e os seus encantadores locais e a partir dessa pesquisa o aluno deverá ser capaz de responder às questões orientadoras, após esta fase deve realizar o seu trabalho, podendo este ser no WORD, POWERPOINT, vídeo, áudio, cartazes e/ou desenhos/colagens (...). Aconselha-se aos alunos que iniciem o seu trabalho com a elaboração de um rascunho escrito sobre a pesquisa, respondendo às questões orientadoras do mesmo, e só posteriormente procedam à realização prática do trabalho final.

Pretende-se a interação do aluno com o meio onde está inserido (família, amigos, vizinhos), criando uma ligação de partilha de conhecimentos e da cultura local.

#### Organização do Trabalho

##### **1. Fases da pesquisa:**

- 1) Planificação.
- 2) Recolha e organização da informação.
- 3) Preparação do texto final (ou trabalho prático).

4) Redação final.

**2. Responder às questões orientadoras do trabalho de pesquisa:**

1. Indica o tempo e espaço ( exemplo: século ou ano da sua construção e onde se localiza).
2. Explica a sua breve História ( exemplo: o porquê do seu nome? Porque se localiza em determinado espaço)
3. Refere a sua simbologia ( exemplo: o que representa).

**4. O trabalho pode ser realizado em formato:**

- No WORD – tipo de letras *Times New Roman*; tamanho **12**; espaçamento **1,5**; texto **justificado**.
- No PowerPoint;

**5. Materiais que podem utilizar:**

- **Devem** consultar os documentos em pdf fornecidos pela professora.

**6. Entregar à professora:**

- Prazo máximo: dia **5 de abril**.
- Enviar para o e-mail: [ju.n.freitas13@outlook.pt](mailto:ju.n.freitas13@outlook.pt)

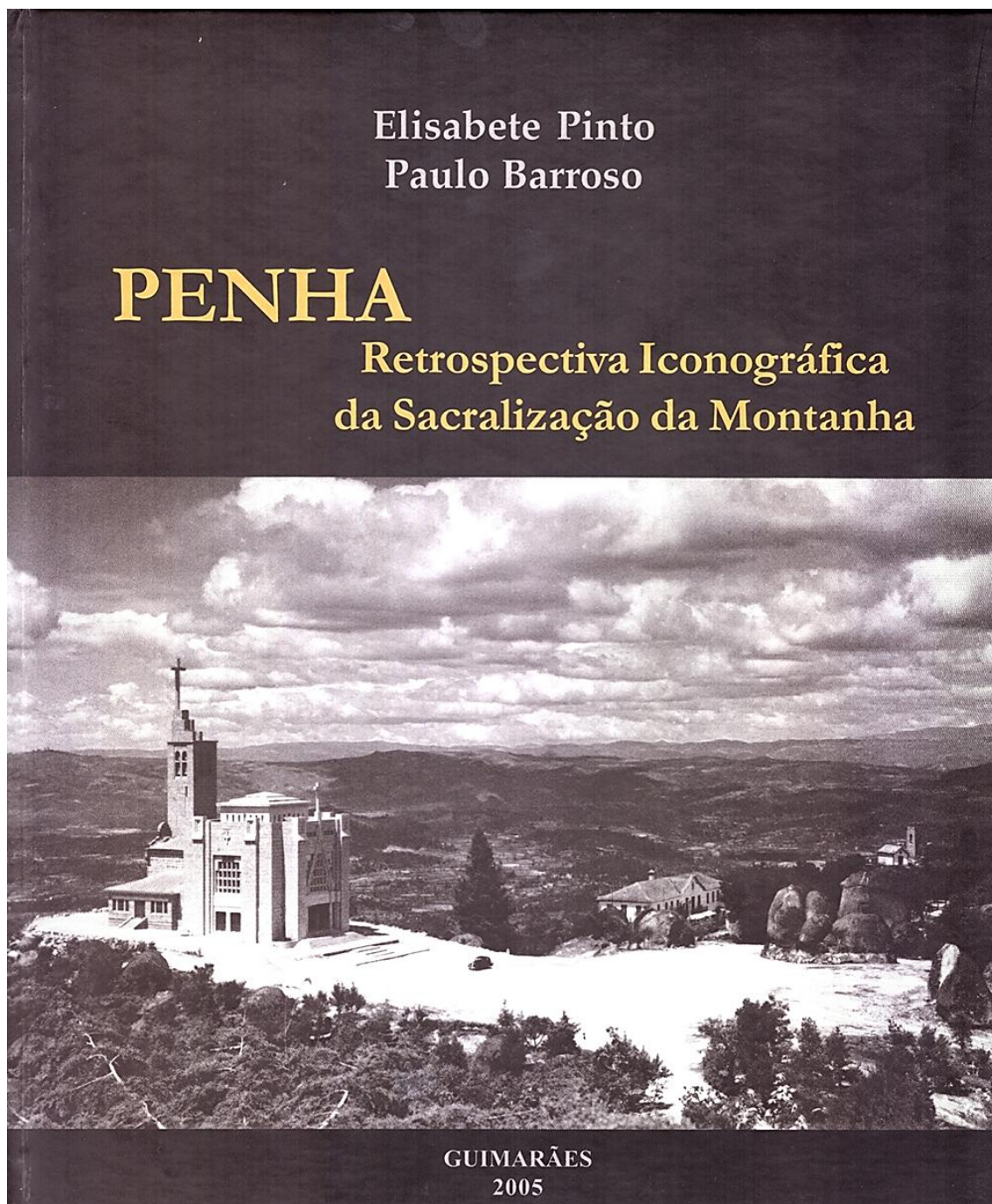
**7. Avaliação**

- Conhecimentos adquiridos pelo aluno com a pesquisa.
- Originalidade do trabalho.

Bom trabalho!



Anexo XII – Capa do livro de onde foram retiradas as páginas respetivas aos pdf's entregues aos alunos



**Anexo XIII – Convite para a atividade “Penha, Património Histórico e Natural”**



# **PENHA**

PATRIMÓNIO HISTÓRICO E  
NATURAL



Anexo XIV – Programa da atividade “Penha, Património Histórico e Natural”

# PENHA, PATRIMÓNIO HISTÓRICO E NATURAL

## QUANDO

**13 de abril**  
**14h30 – 17h30**

## ONDE

**MONTANHA DA PENHA**

**COM :** Professoras Juliana e Paula · Alunos do 9.º A · Alunos do 11.º G2 · **Convidados:** Docentes da FLUP, Professora Doutora Cláudia Ribeiro e Professor Doutor Luís Alves · **Discentes do 2.º ano do MEH · Agradecimento especial:** Professora Carla Sanfins e Irmandade da Nossa Senhora do Carmo da Penha.

## PROGRAMA DO EVENTO

**PARTIDA DA  
ESCOLA SANTOS  
SIMÕES**

**14h30**

**APRESENTAÇÃO,  
NO SALÃO NOBRE  
DO SANTUÁRIO DA  
PENHA**

**15h00**

**SANTUÁRIO DA  
PENHA**

**15h30**

**MONUMENTO AOS  
AVIADORES**

**15h50**

**CAPELA DE SÃO  
CRISTÓVÃO**

**16h05**

**NICHO DE SANTO  
ELIAS/GRUTA DA  
SENHORA DO  
CARMO**

**16h20**

**Monumento ao  
Papa Pio IX**

**16h35**

**Capela de Santa  
Catarina**

**16h50**

**Gruta da Senhora  
de Lurdes**

**17h05**

**Chegada à Escola  
Santos Simões**

**17h30**



**Anexo XV – Plano de aula do dia 13 de abril. “Vamos ser Historiadores por um dia?” – Aula de motivação para a atividade da tarde “Penha, Património Histórico e Natural”**



**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS SANTOS SIMÕES**

**3.º ENSINO BÁSICO**

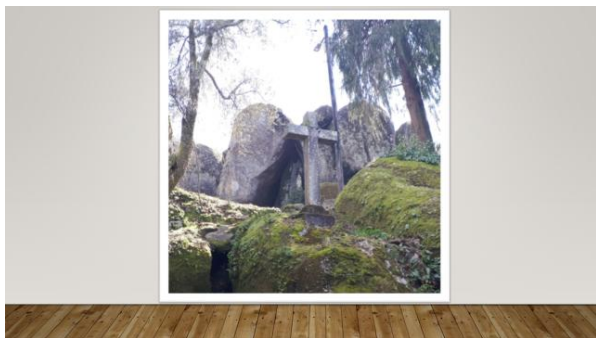
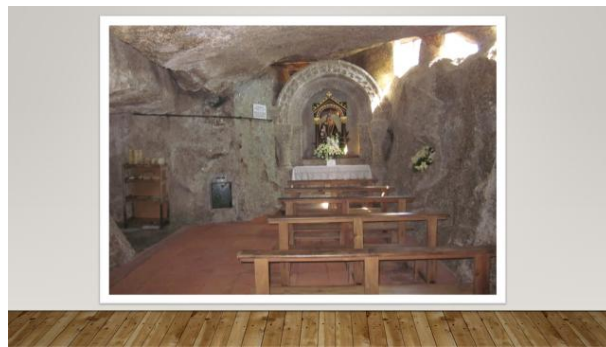
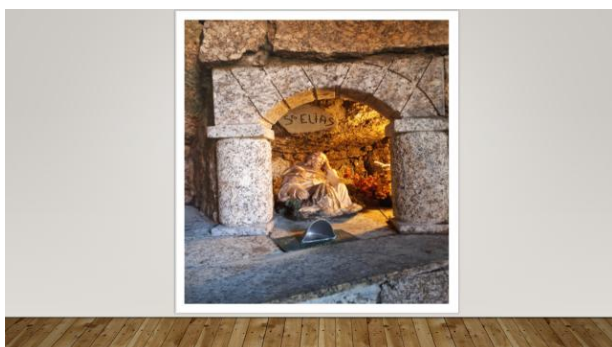
**PLANO DE AULA**

<b>Ano/turma</b>	<b>Data</b>	<b>Sala</b>	<b>Hora</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Professor (a)</b>
9.º A	13-04-2018	14	10h15 – 11h00	História	Juliana Freitas
<b>Sumário:</b> “Vamos ser Historiadores por um dia?” – Aula de motivação para a atividade da tarde “Penha, Património Histórico e Natural”. Revisão da apresentação que cada aluno deverá realizar.					
<b>Questões orientadoras:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como se caracteriza a Penha hoje e a do passado?</li> <li>• Quais as fases necessárias para o trabalho de pesquisa?</li> <li>• Que materiais devem ser consultados para o trabalho de pesquisa em grupo?</li> <li>• O que os familiares sabem sobre as tradições da Penha (cultura oral, e interação geracional)?</li> </ul>					
<b>Metas Curriculares</b>		<b>Estratégias de Aprendizagem</b>		<b>Avaliação</b>	
Conteúdos/Conceitos	Objetivos Gerais/Descritores				
Conceitos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cidadania.</li> <li>• História local</li> <li>• Identidade.</li> <li>• Memória.</li> <li>• Património Histórico e cultural: material e imaterial.</li> </ul>	<b>Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas. Indicar o contributo da História para a consolidação de memórias e identidades.</b>	<b>Motivação:</b> Observação de uma fotografia do “antes” da Penha comparando-a com a sua morfologia atual.  <hr/> Apresentação de um PowerPoint com imagens elucidativas da Penha antiga e da Penha atual, de modo a que os alunos compreendam as		Observação do interesse, participação no diálogo e empenho nas tarefas propostas.	

	<p><b>Explicitar a importância da História para a educação e para a cidadania.</b></p> <p><b>Manifestar interesse pela intervenção nos diferentes espaços em que se insere, defendendo o patrimônio cultural e a melhoria da qualidade de vida.</b></p> <p><b>Reconhecer e valorizar o patrimônio contribuindo para a sua defesa e preservação.</b></p> <p><b>Interpretar o diálogo passado-presente como um processo de contribuições recíprocas para a compreensão das diferentes épocas.</b></p> <p><b>Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante.</b></p>	<p>diferenças que ocorreram durante o século XX até à atualidade.</p> <p>Exposição dos temas/objetos de estudo sobre a Penha, e seleção dos temas de forma aleatória pelos grupos, com registo no quadro dos grupos e do tema que lhes ficou incumbido.</p> <p>Explicação da realização do trabalho.</p>	<p>Capacidade para organizar e sintetizar a informação.</p> <p>Realização de trabalhos de pesquisa em grupo.</p>
--	---	--	--

<b>Recursos utilizados</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro Branco e marcador</li> <li>• PowerPoint / Iconografia</li> <li>• Computador /Projetor</li> </ul>			
<b>Bibliografia</b>			
<p>ALVES, José Maria Gomes (1984) - Património Artístico e cultural de Guimarães. Guimarães: 2 vols.</p> <p>PINTO, Elisabete; BARROSO, Paulo (2005) - Penha, Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha. Guimarães: Orgal Impressores.</p> <p>TELMO, Isabel Cottinelli (1989) - O Património e a Escola: do passado ao futuro. Lisboa: Texto Editora.</p>			

**Anexo XVI – Apresentação do dia 13 de abril. Aula de motivação e revisão para a atividade da tarde “Penha, Património Histórico e Natural.”**



## Anexo XVII – Fotos da atividade “Penha, Património Histórico e Natural”



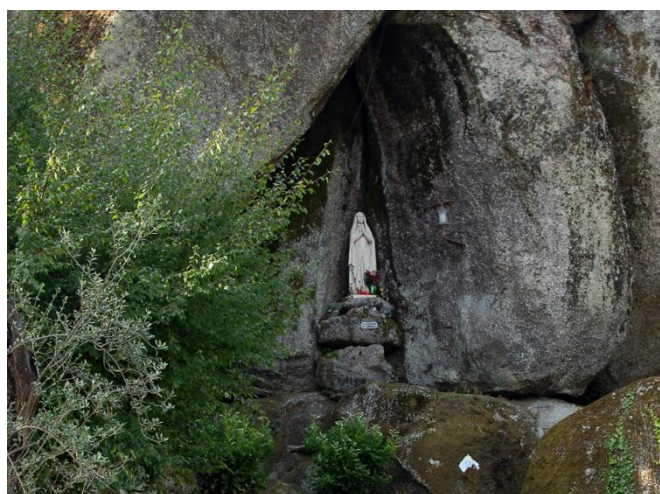




## **Anexo XVIII – Exemplo de um trabalho de pesquisa para a atividade “Penha, Património Histórico e Natural”**

### **“Gruta da Senhora de Lourdes”**

Trata-se de uma cavidade rochosa, situada na penedia anexa ao monumento Pio IX, com uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, oferecida por um benemérito e entronizada a 19 de julho de 1893.



A imagem em mármore da Senhora de Lourdes foi oferecida por Fernando de Castro Abreu Magalhães, de Fafe, negociante no Brasil, que mandou a esculpir para que, mais tarde, fosse colocada numa gruta, tal como aconteceu em França, em sinal de agradecimento e louvor à Virgem, à Penha e ao povo vimaranense.

A colocação da imagem na gruta ocorreu pela festa da Senhora do Carmo (17 de julho de 1892), ficando reconhecida como Gruta da Senhora de Lourdes.

A primeira peregrinação anual à Penha, em honra a Nossa Senhora de Lourdes, realizou-se a 8 de setembro de 1893, sendo perdida a tradição à cerca de meio século.

Ao longo dos anos, o local sofreu várias intervenções, sendo a primeira em 1915 e a última em 1947 verificando-se o aumento do espaço dedicado ao culto mariano.

A 16 de fevereiro de 1958, iniciaram-se, na Penha, as comemorações oficiais do centenário das aparições de *Massabielle*, na França. Estas comemorações foram presenciadas pelo Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior e pelo Bispo da Guarda. Ficando assim perpetuada num dos penedos do local a devoção dos vimaranenses à Imaculada:

*O povo de Guimarães  
Aos pés da Imaculada no  
1º centenário  
Das aparições de Lurdes  
14-IX-958*

Nessa demonstração de fé, realizou-se também uma procissão para o monumento Pio IX, onde se procedeu à bênção da cidade, do concelho e dos fieis presentes”.



## Anexo XIX – Plano de aula de dia 22 de maio, referente à aula explicativa do trabalho de pesquisa sobre as Tradições Locais



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS SANTOS SIMÕES

3.º ENSINO BÁSICO

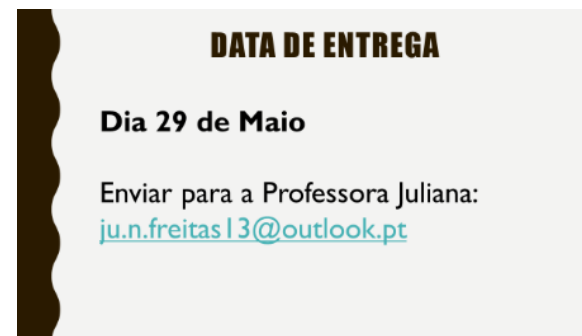
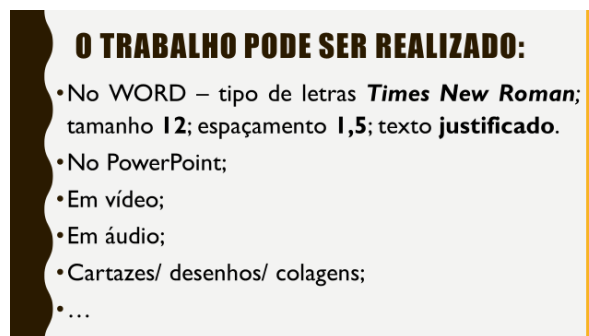
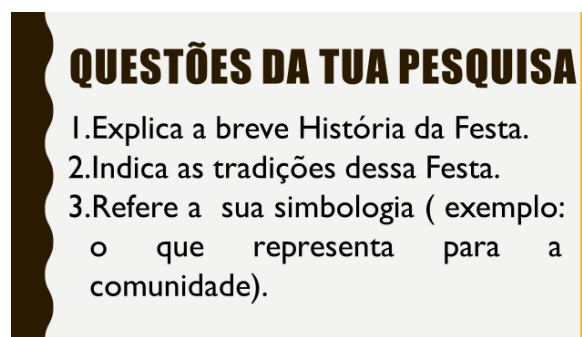
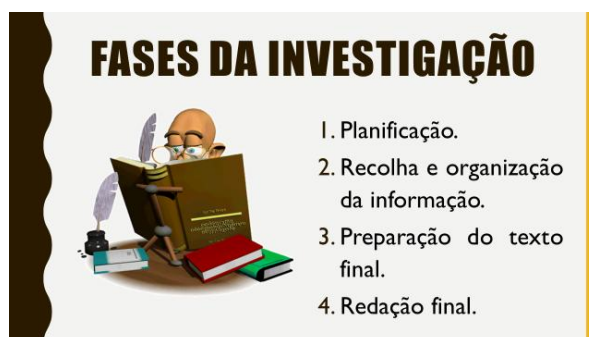
### PLANO DE AULA

Ano/turma	Data	Sala	Hora	Disciplina	Professor (a)
9.º	22-05-2018	14	10h15 – 11h00	História	Juliana Freitas
<b>Sumário:</b>  “Lembrar Guimarães, Tradições Locais” – PowerPoint explicativo para a elaboração do trabalho de pesquisa.  Guião do trabalho.					
<b>Questões orientadoras:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>As Tradições Locais são um bom recurso para a História?</li> <li>Devem ser preservadas as Tradições?</li> </ul>					
Metas Curriculares		Estratégias de Aprendizagem		Avaliação	
Conteúdos/Conceitos	Objetivos Gerais/Descritores				
Conceitos: <ul style="list-style-type: none"> <li>Cidadania.</li> <li>História local</li> <li>Identidade.</li> <li>Memória.</li> <li>Património Histórico e cultural: material e</li> </ul>	<b>Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesa.</b>  <b>Indicar o contributo da História para a consolidação de</b>	<b>Motivação:</b> Observação de vídeo da década de 60 sobre as Festas Gualterianas, comparando-as com as do presente.			
				Observação do interesse,	

<p>imaterial.</p>	<p><b>memórias e identidades.</b></p> <p><b>Explicitar a importância da História para a educação e para a cidadania.</b></p> <p><b>Manifestar interesse pela intervenção nos diferentes espaços em que se insere, defendendo o património cultural e a melhoria da qualidade de vida.</b></p> <p><b>Reconhecer e valorizar o património contribuindo para a sua defesa e preservação.</b></p> <p><b>Interpretar o diálogo passado-presente como um processo de contribuições recíprocas para a compreensão das diferentes épocas.</b></p> <p><b>Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos</b></p>	<p>Apresentação de um PowerPoint com informação importante para o trabalho de pesquisa.</p> <p>Exposição dos temas/objetos de estudo sobre as Tradições vimaranenses, e seleção dos temas de por parte dos alunos (individual)</p> <p>Explicação da realização do trabalho.</p>	<p>participação no diálogo e empenho nas tarefas propostas.</p> <p>Capacidade para organizar e sintetizar a informação.</p> <p>Realização de trabalhos de pesquisa em grupo.</p>
-------------------	--	---	--

	positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante.		
<b>Recursos utilizados</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro Branco e marcador</li> <li>• PowerPoint / Iconografia</li> <li>• Computador /Projedor</li> </ul>			
<b>Bibliografia</b>			
BARROSO, P. (2004). <i>Romarias de Guimarães: património simbólico, religioso e popular</i> . Guimarães: Núcleo de Estudos de População e Sociedade.			

## Anexo XX – PowerPoint da aula do dia 22 de maio “Lembrar Guimarães, Tradições Locais”



## **Anexo XXI – Guião do trabalho “Lembrar Guimarães, Tradições Locais”**



### **AGRUPAMENTO DE ESCOLAS SANTOS SIMÕES ENSINO BÁSICO**

<b>TRABALHO DE PESQUISA INDIVIDUAL</b>  <b>ENSINO BÁSICO – 9.º ANO</b>	<b>ANO LETIVO: 2017/2018</b>   <b>MAIO/2018</b>
--	--

## **HISTÓRIA**

### **Guião para a realização do trabalho de pesquisa**

O trabalho consiste na realização de uma pesquisa sobre uma das festas/ tradições locais vimaranenses, e a partir dessa pesquisa o aluno deverá ser capaz de responder às questões orientadoras, após esta fase deve realizar o seu trabalho, podendo este ser no WORD, POWERPOINT, vídeo, áudio, cartazes e/ou desenhos/colagens (...). Aconselha-se aos alunos que iniciem o seu trabalho com a elaboração de um rascunho escrito sobre a pesquisa, respondendo às questões orientadoras do mesmo, e só posteriormente procedam à realização prática do trabalho final.

Pretende-se a interação do aluno com o meio onde está inserido (família, amigos, vizinhos), criando uma ligação de partilha de conhecimentos e da cultura local.

### **Organização do Trabalho**

#### **3. Fases da pesquisa:**

- 5) Planificação.
- 6) Recolha e organização da informação.
- 7) Preparação do texto final (ou trabalho prático).
- 8) Redação final.

#### 4. Responder às questões orientadoras do trabalho de pesquisa:

- 1) Explica a breve História da Festa.
- 2) Indica as tradições dessa Festa.
- 3) Refere a sua simbologia (exemplo: o que representa para a comunidade; a participação dos vimaranenses da mesma...).

#### 5. O trabalho pode ser realizado em formato:

- No WORD – tipo de letras *Times New Roman*; tamanho **12**; espaçamento **1,5**; texto **justificado**.
- No PowerPoint;
- Em vídeo;
- Em áudio;
- Cartazes/ desenhos/ colagens...

#### 6. Materiais que podem utilizar:

- **Devem** consultar os documentos em pdf fornecidos pela professora.
- Exemplos de alguns *sites*:
  - <https://www.cm-guimaraes.pt/pages/905>
  - <https://festavimaranis.webnode.pt/festas-das-gualterianas/>
  - <http://www.guimaraesturismo.com/>
  - <https://tradicoesemitosdeguimaraes.webnode.pt/>

#### 7. Entregar à professora:

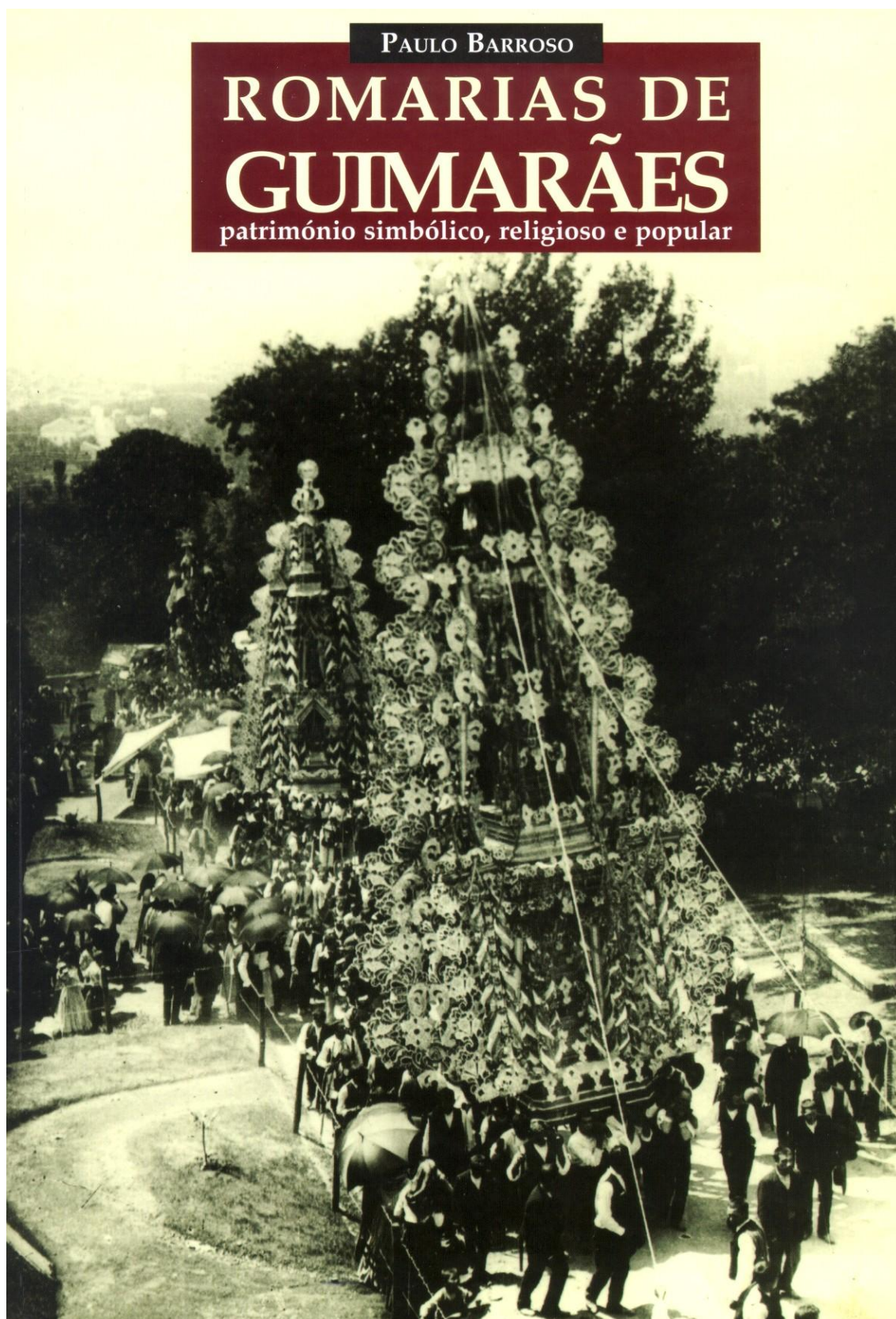
- Prazo máximo: dia **6 de junho**.
- Enviar para o e-mail: [ju.n.freitas13@outlook.pt](mailto:ju.n.freitas13@outlook.pt)

#### 8. Avaliação

- Conhecimentos adquiridos pelo aluno com a pesquisa (relacionando o passado dessa tradição/festa com o presente, e compreender a sua História);
- Originalidade do trabalho.

Bom trabalho!

Anexo XXII - Capa do livro de onde foram retiradas as páginas respetivas aos pdf's entregues aos alunos





## Anexo XXIII – Exemplos de alguns trabalhos elaborados pelos alunos

### Romaria grande de são Torcato



### Lenda de S. Torcato

Em 719, o exército árabe, comandado por Muça, general de Tarik, aproxima-se de Guimarães. Tentando impedir este avanço, Torcato, bispo de Braga, dirige-se, com os seus fiéis, ao encontro do general árabe, tendo sido martirizado juntamente com mais 27 companheiros. Mais tarde, o seu corpo foi descoberto sob um monte de pedras, no local onde hoje se ergue a “capela da Fonte do Santo”.



### Imagens da festa



### Data da romaria grande:

- A Romaria Grande de São Torcato, que se celebra no primeiro fim-de-semana de Julho, desde 1852 (ano da trasladação do corpo do Santo da Igreja Velha para o Novo Templo), já havia sido apelidada de “Maior Romaria do Minho”, rivalizando em aparato com a da Senhora da Agonia (Viana) e com a do São João (Braga). Outros tempos.
- Esta romaria acontece nos finais do mês de junho ou nos inícios do mês de julho, mudando de ano para ano.



### Simbologia

- **Memória Descritiva dos Símbolos Heráldicos**
- Mitra, cruz e báculo - Simbolizam o padroeiro da freguesia – São Torcato.
- Roca - Representa a importância histórica da cultura do linho, ainda hoje preservada, e produção de tecidos.
- Roda dentada - A roda dentada simboliza a indústria local.
- Burelas onduladas - Simbolizam o rio Selho.





# GUALTERIANAS



## Gualterianas

Esta festa realiza-se no 1º fim de semana de agosto.

As Festas Gualterianas são em honra de São Gualter, um frade franciscano que é um santo popular de Guimarães.

A origem desta festa está associada a uma concessão do monarca Filipe III, permitindo que em Guimarães, se celebrasse a procissão de São Gualter e se tornasse público o culto ao santo. O santo torna-se popular quando se participa no arraial, nas danças e cantares dos homens. Assim acontece com São Gualter, em Guimarães.



## Anexo XXIV – Questionário aplicado aos alunos do 9.º ano



### Questionário sobre a História Local e o seu Património Imaterial

#### *Lembrar Guimarães...*

O seguinte questionário realiza-se no contexto do Relatório Final do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e tem como objetivo compreender o nível de conhecimento que os alunos apresentam em relação ao Património Cultural Imaterial da sua História Local.

Este questionário é **anónimo**, pelo que todos os seus dados são confidenciais. Responde de forma **sincera** e **honest**a às questões enunciadas.

#### **I- Dados pessoais**

Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐ Idade: \_\_ Ano de escolaridade que frequentas: \_\_

Local onde vives: \_\_\_\_\_

#### **II- Relação dos alunos com o Património Imaterial e a História Local**

1- Sabes o que significa Património Histórico?

Sim ☐ Não ☐

2- Que tipos de “Patrimónios” conheces?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3- O Património Cultural Imaterial é Património Histórico?

Sim ☐ Não ☐

4- Consideras Guimarães um local rico em Património Imaterial?

Sim ☐ Não ☐

5- Refere dois exemplos de Património Cultural Imaterial de Guimarães.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6- As tradições de Guimarães (festas, lendas, histórias) podem ser consideradas Património Cultural Imaterial?

Sim ☐ Não ☐

7- O Património Cultural Imaterial de Guimarães é abordado nas tuas aulas?

Sim ☐ Não ☐

7.1- Se “sim”, em que disciplinas?

---

---

8- Entendes que o Património Cultural Imaterial de Guimarães é um bom recurso para as aulas de História?

Sim ☐ Não ☐

9- Com base nas pesquisas que realizaste para o Trabalho de História, consideras as Festas estudadas como Património Cultural Imaterial de Guimarães?

Sim ☐ Não ☐

9.1- Costumas participar em alguma das Festas?

Sim ☐ Não ☐

9.1.1- Se “sim”, qual/quais?

---

9.2- Qual (ou quais) tem maior impacto em Guimarães?

---

9.3- Adquiriste mais (ou novos) conhecimentos sobre a História Local e o Património Cultural Imaterial com as tuas pesquisas?

Sim ☐ Não ☐

9.4- Partilhaste conhecimentos com a tua família/amigos/vizinhos nas tuas pesquisas?

Sim ☐ Não ☐

9.5- Consideras importante preservar estas Festas para o Património Cultural Imaterial de Guimarães?

Sim ☐ Não ☐

Porquê?

---

---

---

9.4- Gostaste de pesquisar sobre Guimarães?

Sim ☐ Não ☐

9.5- Que outras tradições (festas, histórias ou lendas) conheces sobre Guimarães?

---

---

10- Para finalizar, diz de forma breve o que entendes por:

10.1- História Local

---

---

---

---

10.2- Património Histórico

---

---

---

### 10.3- Património Cultural Imaterial

---

---

---

---

**Obrigada pela tua colaboração!**

Juliana Freitas

Página **3** de **3**

**Link:** <https://editor.wix.com/html/editor/web/renderer/edit/e397124a-3813-43c7-891c-ff4f1d7f3f1b?metaSiteId=4969da74-40e3-45b5-8ce2-bf6bf5566bfd&editorSessionId=6b4e1f2f-340b-402b-9fc9-1d1ccd952b93&referralInfo=dashboard>

